





REFLEXÕES
SOBRE
A VAIDADE
DOS HOMENS,
OU
DISCURSOS MORAES
Sobre os effeitos da Vaidade,
OFFERECIDOS
A ELREY NOSSO SENHOR
D. JOSEPH O I.
POR
MATHIAS AIRES RAMOS
DA SILVA DE EÇA



LISBOA,

(75) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO
Impressor da Rev. Fabrica da S. Igreja de Lisboa.

M. DCC. LII.

Com as licencas necessarias.

**REFLEXÕES SÔBRE A VAIDADE
DOS HOMENS**

MATIAS AIRES

REFLEXÕES SÔBRE A VAIDADE DOS HOMENS



Edição fac-similar com um estudo
biobibliográfico de
MÁRIO LÔBO LEAL



Livraria Editôra Zélio Valverde S. A.
Rio — 1948

Este é o segundo volume da nossa série de reimpressões de livros raros e curiosos, que foi iniciada com a publicação da "Histoire de Nicolas I". Assim como o primeiro, este volume aparece sob o alto patrocínio do Instituto Nacional do Livro. É uma tiragem limitada de 400 exemplares numerados e rubricados.

OS EDITORES

Nº 024

PJ 1565
E3
17522

ESBOÇO BIOGRAFICO

Era costume do teatro romano que antes da representação de suas peças, viesse à cena um ator denominado "Prologus" dizer à platéia, em resumo, o que ia ver e ouvir. Assim, "servatis servandis" já se tornou hábito entre nós, sobretudo na reedição de obras raras dos nossos autores, que se lhes debuae, à guisa de introdução, a vida e a obra.

Fazem-no, em geral, especialistas nos assuntos em aprêço ou literatos abalizados. No caso vertente, porém, tal não ocorre, não por culpa do dinâmico e ilustrado editor Zélio Valverde, que convidou um dos mais brilhantes nomes das nossas letras, "double" de administrador capaz, e que há já alguns anos dirige com lustre o nosso Instituto Nacional do Livro.

Ninguém melhor que Augusto Meyer poderia desempenhar-se de tal incumbência, pois, aliando a profundo conhecimento da nossa língua fina percepção filosófica, já demonstrada em ensaios sôbre vários pensadores estrangeiros, teria ocasião de mostrar em tôda a sua pujança a formação mental desta figura ímpar na nossa literatura que é Matias Aires Ramos da Silva de Eça.

Sobrecarregado, todavia, de muitos que-fazeres e obrigações que no momento o oneram, quis êle, para desventura do leitor, derivar a carga para os ombros de um modesto estudioso. Creio mesmo que foi essa a única credencial que o levou a pensar no meu apagado nome, destembrado, porém de que, para se tratar de personalidade tão típica e "sui-generis" qual o autor das "Reflexões", não basta apenas o diurno e noturno comércio dos clássicos e dos antigos, senão que outros dotes são requisitados.

V.

Mandado, obedeci e aqui tem o leitor este despretenso e esbóço biobibliográfico, feito tão somente "in meritum sanctae obedientiae"...

Nasceu o Dr. Matias Aires Ramos da Silva de Eça na vila de São Paulo, capitania do mesmo nome, aos 27 de março de 1705, sendo filho de José Ramos da Silva, opulento negociante português enriquecido no Brasil e que mais tarde seria cavaletro da Ordem de Cristo e provedor da Casa da Moeda de Lisboa, e de D. Catarina de Horta, descendente de família nobre e cujos antepassados ajudaram a fundar e ampliar a grandeza de São Paulo.

Família privilegiada esta que, além do maior moralista e escritor do seu século na literatura de língua portuguesa, havia de nos dar a primeira escritora paulista e primeira romancista brasileira, Teresa Margarida da Silva e Horta, que nas suas "Aventuras de Dtojanês, imitando o sapientíssimo Fénelon..." dá testemunho da sublimidade de sua fantasia poética, da multiplicidade de seus cabedais de literatura, e da força de sua razão.

O amável menino, pois desde então se distinguia já suas qualidades futuras, recebeu sua primeira instrução na mesma vila do seu nascimento, sob as vistas agudas e penetrantes do reverendo reitor do colégio da Companhia de Jesus em São Paulo, o padre Vito Antônio, confessor de José Ramos da Silva, o mesmo que assina o parecer extra-judicial nas provas pedidas pela Inquisição a fim de que aquêlê rico negociante pudesse ser admitido como familiar do Santo Offício.

Esta e as demais notas de caráter histórico aqui citadas são todas elas extraídas da excelente obra do erudito português Ernesto Ennes, em cujas velas corre o sangue de Matias Aires, e que com o máximo carinho e erudição lhe estudou a vida e lhe levantou verdadeiro monumento "aere perennius" que é o seu livro "Dois paulistas insignes" que mais de espaço citamos na resenha bibliográfica a êste apensa.

Por ocasião do descobrimento das Minas, era o centro das luzes da civilização, o Colégio, em que se educavam os moços,

tinho das idéias liberais a favor dos índios, que os potentados queriam escravizar.

As demais vilas, sujeitas visivelmente ao poder moral de São Paulo, não a estimavam. O esplendor do culto feito pelos padres da Companhia, as famílias nobres e principais que ali moravam, as artes que floresciam, o luxo dos potentados, as alegrias da liberdade, tudo isto inspirava ciúmes e inveja; mas também os seus naturais abusavam pela acintosa ostentação de tanta superioridade.

Já de algum tempo lavrava um ódio surdo entre paulistas e reinóis, ódio esse que atingiria o seu clímax na guerra dos Emboabas. Talvez por isso, ou desejoso de ir gozar na Metrópole os frutos de sua boa fortuna e indústria, passou José Ramos da Silva para Lisboa em 1716, com toda sua família. Lá chegando, desejoso que estava de abraseonar o nome, curou, entre outras coisas próprias ao intento, de proporcionar aos filhos uma educação afidalgada. Para tanto as filhas matriculou-as no convento das Trinas, espécie de Sion do tempo, e o filho no famigerado colégio de Santo Antônio dos PP. da Companhia, que desde o reinado de D. João III, eram praticamente os detentores do ensino no Reino e Conquistas.

Recebeu aí, nesse colégio, a cultura humanística, que é olhada, ainda hoje, por todos os homens de pensamento, como a melhor, para base de uma cultura geral bem orientada. Constitui ela a ginástica do espirito, por excelência, a guia mais segura para quem penetra em "Questa selva selvaggia ed aspra e forte!" que é a vastíssima enciclopédia dos conhecimentos humanos.

Foi em Santo Antônio que elle começou a amontoar o cabedal da litteratura em que tanto se avantajou depois; a litteratura propriamente dita, a philosophia e a historia cativaram seus momentos, como da sua obra-capital podemos inferir. Na verdade e na traducção do Latim, que para portuguezes e brasileiros não é apenas uma base de cultura, mas a lingua intérprete da nossa própria lingua, da nossa própria alma, adquiriu de aquêle tesouro linguistico e o estilo portuguezissimo de suas obras.

O estudo das humanidades abrangia outrora a gramática, a estilística e a retórica: era o curso de letras em oposição às de ciências, que abrangia, antigamente, a filosofia e a matemática.

A *Ratio Studiorum*, dos jesuítas, o melhor programa de ensino humanístico, e então vigorante em toda plenitude, adota como centro da prosa latina, exclusivamente Cícero; como auxiliares dessa formação, admite César, Tito Lívio e Salústio. No verso, é a Vergílio que de direito cabe o primeiro lugar, seguindo-se-lhe, depois, Horácio e Ovídio, e alguns dos poetas menores, como Tibúlio, Propércio, Marcial. Quanto aos outros, alguns trechos apenas, à maneira de estudo diferencial e histórico.

Um bom livro e um grande mestre valem séculos de aperfeiçoamento; em sabê-los escolher está o início da sabedoria toda. E foi esta idéia que presidiu ao programa de humanidades, onde o estudo dos clássicos absorvia a atenção dos jovens. Lendo-os, interpretando-os, recitando-os, e, sobretudo, imitando-os, entregavam-se à ginástica do espírito, em que se baseia a educação, conforme o conceito grego.

Os grandes clássicos portugueses, como Vieira, Bernardes, Camões, Frei Luís de Sousa, e tantos outros formaram o seu espírito na lição assídua dos autores latinos e foi nela que Matias Aires adquiriu a riqueza verbal que o tornou um estilista para quem todos os arcanos da língua eram conhecidos e familiares.

Passou depois o jovem Matias Aires a Coimbra, em 1722, a ultimar sua educação literária na Universidade; e ali no ano seguinte recebeu o grau de "Magister artium". Tendo-se matriculado na Faculdade de Direito não a frequentou, desistido talvez com o estado de decadência a que atingira este outrora célebre centro de estudos.

Do que era então o descabro do ensino em Portugal dá-nos um pano de amostra o Padre Luís António Verney na sua magnífica obra intitulada: "Verdadeiro Método de estudar para ser útil á Republica, e á Igreja: Proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal exposto em várias Cartas, escritas

pelo R. P. III Barbadinho da Congregação de Italia ao R. P. III Doutor na Universidade de Coimbra. Valensa. Na officina de Antonio Balle. Anno MDCCXLVII. Com todas as licenças necessarias, &”, verdadeiro libelo contra a pedagogia do tempo e cujas idéias reformistas iriam ser ao depois aproveitadas na grande obra da reforma do ensino empreendida e levada a termo por Sebastião José de Carvalho, o futuro Marquês de Pombal.

Desta curiosa obra extraímos algumas citas para documentar o que acima dissemos e justificar o por quê Matias Aires, desgostoso, não quis perder o seu precioso tempo nos bancos da Faculdade. Conservamos a grafia do autor, verdadeira tentativa de ortografia simplificada que a: mêdo procurava insinuar-se.

Tratando do ensino da Filosofia, diz Verney: “E aqui, corre-me advertir outra coisa a V. P. que o omem, que em Portugal quer saber Filosofia bem, estava para dizer, que o nam pode fazer, sem intender Francez, ou Italiano: porque nestas duas linguas ou se compoz, o que á melhor, ou nelas se acha traduzido, o que outras Nasoens compuzeram. Pucos omens escrevem oje em Latim: porque os Modernos, persuadiram ao mundo uma coisa, que os Peripateticos nunca intenderam; vem aser, que, para ser bom Filosofo, nam é necessario saber Latim. Credo, que já em outra carta adverti a V. P. ser este o defeito comum deste Reino. Todos ajetam explicar-se em Latim: e com tanto fala:, Latim, é coisa digna de admirasam, que tam poucos saibam Latim. Eu sou um dos mais apaixonados, por esta lingua: e intendo, que um omem verdadeiramente douto, deve sabela com perfetsam, para ler os belos modelos da Antiquidade, na lingua original... Mas no mesmo tempo conheço, que para ser douto, nam é precisamente necessaria. Tudo o melhor da antiquidade, se acha oje traduzido em Francez, Italiano, e alguma outra lingua... Desorteque, poso ser bom Poeta, Historico, Retorico, Orador, sem ser Latino. (Verd. met. estudar. t. II; págs. 40 *in fine* e 41 *in initio*, ed. 1747).

A certa altura dando regras para bem estudar diz: “Por-

que já disse a V.P. e nunca me cansarei de o repetir, que é sem a pena na mão, e sem fazer resumos, do que se lê; é mesmo que não quer, saber coisa alguma... A experiência tem mostrado, que só quem escreve o que lê, é que o entende e se lembra. Parece-nos muitas vezes, lendo um autor, que entendemos: mas quando queremos reduzir a duas palavras o que diz, então é que conhecemos, o nosso ingano: e reconhecemos, que não entendemos, o que quiz dizer... O estilo comum é este, ler e ler muito: e por isso se sabe muito pouco, e com muito trabalho. Onde digo a V. P. que devemos cuidar com empenho, em persuadir isto, aos rapazes. (Verd. met. de estudar, t. II, pág. 140, in medio, ed. 1747).

E finalmente esse trecho em que revela a mentalidade dos docentes da época: "Toda a galantaria de um professor consiste, em que, quando cita um autor, diga o capítulo, para gráfico, regra, página; e se é necessário, diga também, qual foi o impressor do livro, por que estudou. A isto chama-se ostentar erudisam, e ser grande letrado: e eu chamo-lhe perda de tempo, e amofinar a paciência, sem utilidade alguma." (Verd. met. est. t. II, pág. 189, 1747).

Em meio, pois, a este ambiente rancido e atrasado que tanto concorria para o abastardamento da tênue cultura portuguesa herdada de melhores eras, o espírito altanoso e seqüioso de Matias Aires sufocava. E foi essa sede imensa de conhecimentos, essa philomáteia que mais tarde elle havia de reprovar nas suas "Reflexões", depois de saturado de saber tal como Salomão saciado de prazeres de toda a espécie, havia de exclamar a célebre frase do Ecclesiastes, foi, diziamos, seqüioso de instrução e conhecimentos que resolveu partir para Bayonne (cidade que se immortalizou pelas suas baionetas), onde havia uma pequena corte portuguesa em torno ao príncipe D. Manuel, irmão mais moço do monarca lusitano.

Retrava então em Portugal D. João V, a quem a História cognominou de "O magnífico". Este rei, salvo melhor juízo que o venha redimir, era o tipo acabado do megalomaniaco, beato e sensual. Querendo imitar a pompa e a magnificência da corte do Rei Cristianíssimo, não punha medidas à sua louca

fantasia, alimentada pelo ouro dos lavradios brasileiros. Infelizmente para Portugal e também para o Brasil, como teve occasião de o dizer o Pe. Antonil, as mais ricas fazendas da depots Capitania das Minas foram descobertas nesse retnado.

Como testemunhos de seu delirio de grandezas e suntuosidades, de todo inútil ao bem-estar do povo, ou ao prestigio da Coroa, mas só para dar vazas à sua carolice de rei fratrático, temos a fábrica monumental do Convento de Mafra, onde elle enterrou quase tôdas as rendas dos quintos de ouro. Não querendo ser menos que seus reais primos o rei "très-chrétien" de França, o rei católico de Espanha, S.M. Apostólica da Austria, impetrou do Romano Pontífice, à força de dádivas, o título para si e seus descendentes de Majestade Fidelissima.

Mais. Adquiriu para o arcebispo de Lisboa, então um mero prelado como os outros na Catholicidade, o título de Cardeal-Patriarca, passando "ipso-facto" a Sé de Lisboa, a tornar-se a Sé Patriarcal; o privilégio de os sacerdotes portugueses celebrarem, no dia de Finados, três missas seguidas, o que mais tarde foi estendido a tôda a Igreja. Mandou vir da Itália, músicos, cantores, "castratti", uma multidão parasitária que enchia a Patriarcal transformando-a numa pequena S. Pedro.

Enquanto isso, os nobres namoravam as freiras nos conventos de S. Clara, Odivelas, e outros. A corrupção não isentara mesmo o monaquismo, outrora refúgio das almas pias e santas enojadas do século. Aliás, dessa situação miserável traça o nosso autor um bosquejo nada carregado nas suas tintas, a se inferir pelo testemunho dos historiadores.

A história destes conventos seria longa, e agora inútil. Nem nos causa prazer mencioná-la, sendo para efeito próprio de se compararem os tempos, e se julgar do progresso religioso actual sobre instituições e sistemas, que davam espaço a tais escândalos.

Partido Matias Aires para Paris, lá se entregou ao estudo das ciências naturais, a que talvez o chamasse o seu espirito positivista; ainda lá estudou o hebraico, cujo conhecimento em Portugal já ia rareando. Foram seus mestres naquelas ciências Godin e Grosse, célebres naturalistas, e na lingua santa

o illustre orientalista Phourmond, que segundo nos informa o erudito biógrafo de Matias Aires, sr. Ernesto Ennes, conheceu cerca de 20 linguas estrangeiras.

Frequentando a Sorbona de 1728 a 1733, tornaram-se-lhe familiares as lucubrações dos modernos seguidores de Epicuro como Gassendi que foi o seu restaurador em França, Hobbes que o reconstruiu na Inglaterra, e sobretudo o epicurismo que unido ao naturalismo de Spinoza, renasce em Helvétius, d'Holbach, Saint-Lambert, inspira enfim todos os escritores francezes do século XVIII (exceto Montesquieu, Turgot e Rousseau) e cuja influencia na sua obra é de todo ponto fundamental.

Rico enfim de conhecimentos adquiridos, voltou Matias Aires a Lisboa em 1733 e dez anos mais tarde lhe falecia o pai deixando-o senhor de vultosos bens. Podendo viver independente, graças aos seus rendimentos, não contente ainda com tanta fortuna ou, se quizerem, pelo fogo mesmo que ela soprava, meteu-se a ambicionar o alto posto que o velho pai occupava, e que elle alias já exercera "ad-interim", obtendo-o depois dos passos necessários.

Celibatário, tendo apenas uma ligação amorosa, donde lhe provieram os dois únicos filhos, Matias Aires podia, como Cícero, "totus litteris se dare"...

Mais alguns anos e morria D. João V. Com a subida de D. José I ao trono e consequentemente com a ascensão do seu todo poderoso ministro o culto e liberal Conde de Oeiras, uma lufada de progresso varreu os miasmas do velho Reino. Escriitores imbuidos das idéias liberais provententes sobretudo da França, como o Cavaleiro de Oliveira e o Pe. Luis António Verney, a cuja obra já tivemos occasião de aludir, entraram a sanear o marasmo intelectual em que vivia o país. E não é uma hipótese despidiçada a que attribui a publicação do único livro sério de pensamento do século XVIII à nova ordem de coisas estabelecida com o advento do novel soberano.

Mesmo porque a literatura portugueza, sempre foi acomada de pobrissima em pensadores. E' uma accusação que já assumiu foros de lugar-comum.

Evidentemente o setor filosófico ou mesmo, mais modesta-

mente, o das idéias gerais, não é o lado forte das letras de Portugal. Aliás, este asserto pode estender-se a toda a península iberica e qu.çá mesmo a toda a latnidade.

Só a França e um pouco menos a Itália, escapam na Romania a esta pecha. Dever-se-á isto ao gênio latino, que desde o tempo da velha Roma, só soube com Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio e poucos mais, repensar as grandes idéias dos filósofos gregos? Ou outras causas haverá mais decisivas e mais proximas ao advento da era baconiana e cartesiana que caracteriza a Europa ocidental tal como a conhecemos e que de todo emancipada das faixas com que a envolvia o escolasticismo, afirmou a sua personalidade autónoma?

Pois até ao aparecimento de Bacon e de Descartes, se havia pensamento filosófico europeu, este era comum a todas as nações do continente, pois todas se achavam dependentes do aristotelismo, cristianizado por Sto. Tomás, para não se falar na doutrina de Platão, transplantada para o seio da Igreja pelo grande bispo de Hipona, e que havia de ser desbancada pela monumental "Summa" do Doctor Angelicus.

Ora, a esta época, não cabe a Portugal a injúria com que o tacham, de terreno sáfaro ao pensamento. Pois só para citar os maiores, lembraremos aqui que o grande comentador de Sto. Tomás, João de Sto. Tomás, era português e era-o também o autor do "Quod nihil scitur" Sanchez. Estes dous vultos do escolasticismo português na Média Idade podem ombrear-se com qualquer outro seu coevo não importa a nacionalidade, seja um Abelardo, um Okham, um Vives, um Sto. Alberto.

Data, pois, da introdução da Santa Inquisição em Portugal, reinando D. João III, e do monopólio do ensino lusitano entregue aos jesuítas a decadência e o desaparecimento do espirito de critica na Lusitânia. Nem poderia deixar de ser assim. Homens do estófo intelectual e moral de um Damião de Góis, o notável cronista de D. Manuel, Diogo de Teive, afamado humanista que honrou a pátria nas mais célebres universidades europeias, Fernão de Oliveira, autor da primeira gramática da lingua portuguesa (1536), eram pelas mais fúteis

questões afezrolhados nos calabouços inquisitoriais. O padre Antonio Vieira servirá de epílogo a esta sumária resenha de intellectuais vittmas do Santo Officio.

Nada se publicava sem o "placet" da censura eclesiástica. Os teólogos do Santo Officio não só esquadrejavam previamente o manuscrito a imprimir, mas ordenavam a apreensão dos pouco ortodoxos. E a uma sinistra policia exercida por fanáticos sobre a razão. Os seus efeitos na cultura portugüesa foram os mais deletérios. O cultismo, o conceptismo, o gongorismo provam a indigência de pensamento.

Além da censura eclesiástica havia a civil, regulada pelas Ordenações. Functionava uma triplice censura: a do Santo Officio, a do Ordinário e a do Desembargo do Paço.

Portanto estes dous grandes males: o terror da Santa Inquisição e os sequestros da censura se abespinharam contra a cultura portugüesa. Portugal se insulou da Europa culta. Galileu, Torricelli, Képler, Bacon, Descartes preparavam a revolução da ciência moderna, entrementes os portugüeses dormiam à sombria luz das fogueiras do Santo Officio.

Creemos, assim, não ser impropcedente a nossa hipótese de que um livro como as "Reflexões", pela primeira vez publicado em 1752, impregnado como está do espirito de "libertinage" do século XVII, de idéias positivistas e epicuristas, só poderia vir a público, no reinado daquele a quem é elle dedicado, e que por mão de seu primeiro ministro continha os arremessos inquisitoriais.

A influencia de La Rochefoucauld, combinada com a de Locke, de Hobbes e de Spinoza, se exerceu fortemente em Matias Aires e lhe inspirou a sua grande obra as: "Reflexões sobre a vaidade dos homens" e que hoje atinge a sua 8.^a edição. E' bem sabida a voga extraordinária obtida pelo primeiro desses autores, e através dela da moral epicurista ou moral utilitária. E' bem possível que o nosso Matias Aires tivesse conhecido os fragmentos que nos restam de Epicuro, na obra de Diógenes Laércio, mas o que não há duvidar é que seu espirito se tinha nutrido da sua doutrina através dos pensadores latinos e franceses que o seguiram.

Em primeiro lugar temos Sêneca, tão lido e citado por Montaigne, e o qual apesar de estóico e criticar os epicureus com veemência, está imbuído de Epicuro a quem admira e cita a cada passo. Também Epicteto ataca os epicuristas, mas seu discípulo Marco Aurelio, embora estóico, cheio das mesmas idéas e das mesmas crenças, volta-se de novo como para Epicuro, toma-o por modelo, exorta a imitá-lo, funda em Atenas uma cátedra de epicurismo.

Enquanto suosistiu o paganismo, a doutrina de Epicuro se manteve; quando uma crença nova se levantou sobre o mundo, o epicurismo ficou ainda de pé algum tempo diante do cristianismo nascente, como uma tentação. Santo Agostinho que personifica em si toda uma época confessou ter pendido para Epicuro: "Disputabam cum amicis meis Alypio et Nebridio de finibus bonorum et malorum: Epicurum accepturum fuisse palmam in animo meo, nisi ergo credidissem post mortem restare animae vitam et fructus meritorum, quod Epicurus credere noluit. Et querebam, si essemus immortales et in perpetua corporis voluptate sine ullo amissionis terrore viveremus, cur non essemus beati, aut quid aliud quæreremus?" (Confess. VI, XVI).

Pouco a pouco, porém, os jardins de Epicuro, onde tantos sábios de todas as nações tinham deambulado tranquilamente, se despovoaram por muitos séculos. O epicurismo estava vencido, mas não destruído.

Montaigne representa bem esta época de transição, ele não é epicurista, mas é pirrônico. De fato ele será tanto discípulo de Epicuro como de Pirro. Quantos pensamentos epicuristas renascem em Montaigne, e infiltram-se nesse livro "ondoyant" dos Essais! Quando um século todo se saturou de Montaigne e várias gerações leram e meditaram seu livro, — este "breviário dos gentis-homens", como o chamava um cardeal, — não foi o cepticismo de Pirro que satu desta meditação, foi a moral de Epicuro.

E em Epicuro que se abebera La Rochefoucauld, este pensador misantropo e triste que parece à primeira vista perdido nas profundezas da alma humana sem se preocupar com outra

cousa que as finezas e as curiosidades da análise psicológica. Já Epicuro tinha tentado curiosas análises psicológicas; devemos lembrar sua teoria sobre a amizade e as principais virtudes. Sabe-se também os esforços empreendidos pelos epicureus para ligar ao desejo de interesse o pretense heroísmo, como o de Mânlio Torquato. Hobbes, por sua vez, tinha interpretado no sentido do interesse alguns sentimentos importantes, como a piedade, a beneficência.

La Rochejoucauld, contemporâneo do filósofo inglês, não continuá-lo, mas penetrará mais a dentro da alma humana e aí fará descer ao mesmo tempo o interesse e o egoísmo. Poucos psicólogos iguallaram a fineza de análise de La Rochejoucauld.

Todos os prazeres, dissera Hobbes, se reduzem a dois principais: para o corpo, o gozo; para a alma, a vaidade.

Atualmente, insistiu sobre o primeiro destes prazeres e o confundira com sua causa ou seu meio imediato, a força. Em La Rochejoucauld, pelo contrario, o segundo prazer predomina e apaga os demais; ao poderio físico, ao ser grosseiro de Hobbes, elle substituiu o parecer.

Diante das oatezas, da hipocrisia, do interesse, das ilsonjas que enchiam a Corte onde vivera como grão-senhor e rodeado de fidalgos elle quase solta a frase que serve de epigrafe ao livro das "Reflexões" do nosso Matias Aires: Omnia vanitas. A diferença sensível que há entre o nosso autor e o príncipe francês, é que esse se limitou a observar a vida cortesã e dela tirar as suas Maximes, quando elle p. ex. diz que: "Toutes nos vertus ne sont souvent autre chose qu'un art de paraître honnête"; "La vertu n'trait pas si loîn si la vanité ne lui tenait compagnie" elle pensa em Condé, Turenne, Richelieu, Mazarrino, Ana d'Austria; ao passo que o nosso Matias Aires discorrendo sobre a vaidade dos homens e os seus efeitos desenvolveu as suas reflexões e fundamentou os seus discursos morais, encontrando-a em todos os atos do ser humano, em todas as manifestações da personalidade. Apreciou a sua tese à maneira de Freud, vendo em tudo o predomínio de um só sentimento.

Para se ter uma idéa da influéncia exercida por La Rochefoucauld, tanto sobre o desenvolvimento das idéias epicuristas e utilitárias como sobre o seu êxito, devem-se lembrar as palavras de Voltaire: "Ses Mémoires sont lus, et l'on sait par leur amour ses Pensées". Helvétius reconhece nêle seu predecessor, por isso seu mestre: eis como, a propósito da confusão cometida por certas pessoas entre as palavras amour-propre e vanité, êle aprecia os Pensées: "Lorsque le célèbre M. La Rochefoucauld dit que l'amour-propre est le principe de toutes nos actions, combien d'ignorance de la signification de ce mot amour-propre ne souleva-t-elle pas de gens contre cet illustre auteur!... Il était cependant facile de apercevoir que l'amour-propre ou l'amour de soi, n'était autre chose qu'un sentiment donné en nous par la nature, que ce sentiment se transformait dans chaque homme en vice ou en vertu... La connaissance de ces idées aurait préservé M. La Rochefoucauld du reproche tant épété, qu'il voyait l'humanité trop en noir; il la connut telle qu'elle est" Êle não somente a conheceu ou pretendeu conhecê-la, fê-la conhecer a todo o século dezoito, e sua doutrina, passando por Helvétius, d'Holbach, Saint-Lambert, Volney, sairá com êles de França: irá levar sua influéncia até as letras portugúesas através da monumental obra de Matias Aires Ramos da Silva de Eça.

Foi tributo sêmpre devido à excelência dos varões illustres da Antiguidade renovar ou a memória das ações maravilhosas que obraram ou promover o séquito das obras importantíssimas que escreveram. E isto, já por meio de justos elogios ao seu merecimento, já pela estampa ou tradução daquelas mesmas produções do seu raro e abalizado, engenho, não só para modelo e exemplo de seus imitadores, mas ainda para estímulo e necessário aproveitamento de todos os mortais.

Com o mesmo fim se levantaram igualmente merecidas estátuas à virtude dos mais famosos heróis que têm, avultado no mundo; porém, se cotejarmos a duração dos escritos com a do riço mármore ou duro bronze das estátuas acharemos sim que ambas estão sujeitas à instabilidade e inconstância de tôdas as coisas terrenas, mas não se duvidará que multo mais

diturna e perduravel é a duração das memórias escritas que a das estátuas.

Prova-o a obra de Matias Aires à qual podemos applicar (que das de Cícero disse Velleio Patérculo: *Vivit, vivetque per omnium saeculorum memoriam:... omnisque posteritas illa in te scripta mirabitur, etc.* (L. II, c. 66).

MÁRIO LOBO LEAL.

O B R A S

- **Reflexões /sobre/ A Vaidade / dos homens, | ou / Discursos Morais / Sobre os efeitos da Vaidade, / Offerecidos / A ElRey Nosso Senhor / D. Joseph O I / por / Mathias Aires Ramos / da Silva de Eça./ Lisboa, / Na Officina de Francisco Lulz Ameno./ Impressor da Rev. Fábrica da S. Igreja de Lisboa./ M.DCC.LIII./ Com as licenças necessárias./ 4, 400p.; 2.^a edição do mesmo formato, Lisboa, of. Antônio Vicente da Silva 1761; 3.^a edição é de Lisboa, Tip. Rolandiana, 1778, 8.º; 4.^a edição correcta e aumentada com uma carta do autor sôbre a Fortuna, Lisboa, Tip. Rolandiana, 1786, 8.º, XIV + 355p.; 5.^a edição — fac-símile da 1.^a — Rio de Janeiro, editôres J. Leite & Cia., [1921]; 6.^a edição, S. Paulo. Edições Cultura [1942], Série Clássica Brasileiro-Portuguêsa "Os Mestres da Língua". N.º 4; 7.^a edição, S. Paulo, Livraria Martins editôra, [1942], introdução de Alceu Amoroso Lima.**
- 2 — **Philosophia rationalis et via ad Campum Sophiae, seu physicae subterraneae — manuscrito in-4.º.**
- 3 — **Lettres bohémiennes, Amsterdão, 1759.**
- 4 — **Discours panégyrique sur la vie et actions de Joseph Ramos da Silva — não foi impresso.**
- 5 — **Discurso congratatório pela felicíssima convalescença e real vida de el-rei D. José I, nosso senhor, etc. Lisboa, na of. de Miguel Rodrigues. 1759. 4.º de 10 fôlhas sem numeração — Não traz o nome do autor.**
- 6 — **Carta sôbre a Fortuna, na 4.^a edição das "Reflexões".**
- 7 — **Problema / de / Architectura / Civil / a saber: / Porque razão os edificios antigos tinham, e tem mais duração / do que os modernos? E estes porque razão rezistem menos / ao movimento da terra quando treme. / Demons-**

trado / por / Mathias Ayres Ramos / da Silva de Eça, / Provedor que foi da Caza da Moeda desta Corte, e Author / das Reflexões sobre a valdade dos homens. / Obra postuma / Dividida em duas partes com hum index de alguns termos, / de que na mesma se faz menção, / dada à luz por seu filho / Manoel Ignacio Ramos da Silva de Eça / Parte I. / Lisboa / Na Officina de Miguel Rodrigues / Impressor do Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca. / Anno M.DCC.LXX. / Com licença da Real Meza Censoria. / Esta parte 1.ª tem 250p. e a parte 2.ª 391p., com rosto separado. Houve reimpressão, Lisboa, of. de António Rodrigues Galhardo, 1777-1778.

FONTES

Não pretende ser exaustiva a relação que se segue. Indicam-se aqui muitos lugares onde se pode estudar a interessante personal dade literária e filosófica de Mathias Aires.

- 1 — Afrânio Peixoto — *Noções de História da literatura brasileira*. Rio, Livraria Alves, 1931. p.130.
- 2 — Alceu Amoroso Lima (*Tristão de Ataíde*) — Estudo introdutório à 7.ª edição das "Reflexões". S. Paulo, Livraria Martins editôra, / 1942. ps. 5-17.
- 3 — Alcides Bezerra — *A Philosophia na phase Colonial*. Conf. realizada na Soc. Bras. Phil. a 24/7/30. (Publ. no "Jornal do Comércio", do Rio, de 20/9/30).
- 4 — Alcides Bezerra — *A Philosophia na Phase Colonial Separata* do vol. XXXXIII das Publ. do Archivo Nacional. Rio de Janeiro. Ofs. Graph. do A. N. 1935 págs. 27-30.
- 5 — Andrade Murici — *O Suave Convívio*. Rio de Janeiro, Editôres "Anuário do Brasil", /1922/; ps. 118-122.
- 6 — Artur Mota — *Historia da literatura brasileira*. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1930. t.2.º; ps. 159-164.
- 7 — Chicorro da Gama — *Breve dictionário de autores clássicos*.
- 8 — Chicorro da Gama — *Revista de Lingua Portuguesa*, N.º 10, p. 175

- 9 — *Cláudio Ganns* — Artigo Publicado no “O Imparcial” de 8-9-22.
- 10 — *Diogo Barbosa Machado* — *Biblioteca Lusitana, Histórica, Crítica e Cronológica...* Tomo IV. Lisboa, Na Oficina Patriarcal de Francisco Luz Armem. MDCCLIX; p. 254.
- 11 — *Ernesto Enes* — *Um Paulista insigne*. Anais da Academia Portuguesa de Historia. Vol. II. MCMXLI.
- 12 — *Ernesto Enes* — *O Dr. Matias Aires Ramos da Silva de Eça e o Palácio dos Condes de Alvor às Janelas Verdes*. (Museu Nacional de Arte Antiga) 1744-1763. Separata do vol. II de “Ethnos” revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. Lisboa, Casa Portuguesa, 1940. in-8.º de 21p.
- 13 — *Ernesto Enes* — *Dous paulistas insignes*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944. Prefácio de Luiz Camilo de Oliveira Neto.
- 14 — *Enciclopédia e Dicionário Internacional* — Edição Jackson. Rio de Janeiro, v. II, p. 1051.
- 15 — *Fidelino de Figueiredo* — *História da Literatura Clássica*. Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira C.ª (Filhos). 1930. V.2.º; ps. 151-156.
- 16 — *Henrique Perdigão* — *Dicionário Universal de Literatura*. Porto, Edições Lopes da Silva, 1940. 2.ª edição; p. 163.
- 17 — *Inocência F. da Silva* — *Dicionário Bibliográfico Português*. T. 6. Lisboa, 1885; p. 159; t. 17, p. 15.
- 18 — *J. Leite* — Nota apensa à 5.ª edição das “Reflexões”. /Rio, 1921/.
- 19 — *Jarbas Peixoto* — Reflexões sobre Matias Aires. (Artigo no “Jornal do Comércio”, do Rio, de 9-1-38).
- 20 — *José Verissimo* — *História da Literatura brasileira*. Rio, Livraria Alves, 1916; p. 113-115.
- 21 — *Jackson de Figueiredo* —
- 22 — *Laudelino Freire* — *Clássicos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Ed. da Rev. de Língua Portuguesa, 1923; p. 95.
- 23 — *Laudelino Freire* — *Seleção Clássica*. Rio de Janeiro, Ed. da Rev. de Língua Portuguesa, 1924; p. 41.
- 24 — *Luiz Camilo de Oliveira Neto* — Prefácio à obra “Dous

- Paulistas insígnies". São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1944. XIIIps.
- 25 — *Liberato Bitencourt* — *Nova História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro. Ofs. Gráf. do Ginásio 28 de Set. 1942. vol. I, p. 390/91.
- 26 — *Macedo J. M.* — *O ano biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro, 1876 v. II; p. 47.
- 27 — *Maximiano Augusto de Lemos* — *Enciclopédia Portuguesa*. Porto, Ciro Lemos & s/d. v. II;
- 28 — *Nestor Vitor* — *Matias Aires*. (Artigo no "Correio de Manhã", do Rio, de 1-1-1914).
- 29 — *Nestor Vitor* — *Matias Aires*. (Artigo no "Correio da Manhã", do Rio, de 6-1-1914).
- 30 — *Nestor Vitor* — *Matias Aires*. (Artigo no "Correio da Manhã", do Rio, de 21-1-1914).
- 31 — *Nestor Vitor* — *Revista Americana* Ano V, n. 2, p. 112 e n.º 3 p. 333; reprodução dos artigos supracitados.
- 32 — *Peixeira da Silva* — *Os Varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais*, Paris, 1858. t. II, p. 324.
- 33 — *Pinheiro Chagas* — *Dicionário Popular*. Lisboa, Typ. do Diário Ilustrado, 1878. v. IV; p. 166.
- 34 — *Ronald de Carvalho* — *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, F. Brigulet & Cia., 1937. 6.ª edição revista; ps. 187-188.
- 35 — *Sacramento Blake* — *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900. T. VI; ps. 259-260.
- 36 — *Solidônio Leite* — *Clássicos Esquecidos*. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos ed., 1914; p. 159-71.
- 37 — *Solidônio Leite* — *Catálogo anotado da Biblioteca de Solidônio Leite*. Rio de Janeiro, Editores J. Leite & Cia. S/d. p. 327.
- 38 — *Santiago Prampolini* — *Historia Universal de la literatura*. Buenos Aires, Uteha Argentina, S/d. Vol. XI, p. 303.
- 39 — *Silvio Romero e João Ribetto* — *Compêndio de história da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1909, 2.ª edição refundida, p. 97.

REFLEXÕES
SOBRE
A VAIDADE
DOS HOMENS,
OU
DISCURSOS MORAES
Sobre os effeitos da Vaidade,
OFFERECIDOS
A ELREY NOSSO SENHOR
D. JOSEPH O I.
POR
MATHIAS AIRES RAMOS
DA SILVA DE EÇA



LISBOA,

(75) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO
Impressor da Rev. Fabrica da S. Igreja de Lisboa.

M. DCC. LII.

Com as licencas necessarias.

SENHOR.

O *Ffereço a Vossa Magef-
tade as Reflexões sobre a vai-
dade dos homens ; isto he o mes-
* ii mo*

mo que offerecer em hum pequeno livro aquillo de que o mundo todo se compoem, e que só Vossa Magestade não tem: feliz indigencia, e que só em Vossa Magestade se acha. Declamey contra a vaidade, e não pude resistir à vaidade innocente de pôr estes discursos aos Reaes pés de Vossa Magestade; para que os mesmos pés, que heroicamente pizaõ as vaidades, se dignem proteger estas Reflexões. Mas que muito, Senhor, que as vaidades estejaõ só aos pés de Vossa Magestade, se as virtudes o occupaõ todo? Alguma vez se havia de ver a vaidade sem lugar.

Tem

Tem os homens em si mesmos hum espelho fiel, em que vem, e sentem a impressão, que lhes faz a vaidade: Vossa Magestade só neste livro a póde sentir, e ver; e assim para Vossa Magestade saber o que a vaidade he, seria necessario que a estudasse aqui. Quanto deraõ os homens, e quanto valeriaõ mais, se podessem, ainda que fosse por estudo, alcançar huma ignorancia taõ ditosa. Naõ he só nesta parte, Senhor, em que vemos hum prodigio em Vossa Magestade. As gentes penetradas de admiração, e de respeito, achão unidos em Vossa Magestade muitos attributos gloriosos, que
ra-

*raramente se puderaõ unir bem; e com effeito, quando se vio se-
naõ agora, sentarse no mesmo
Throno a Soberania e a Benig-
nidade, a Justiça e a Clemen-
cia, o Poder supremo e a Ra-
zaõ? Em Vossa Magestade fi-
caraõ concordes, e faceis aquel-
les impossiveis.*

*A mesma Providencia
quiz manifestar o Rey, que pre-
parava para a sua Lusitania; af-
sim o mostrou logo, porque o
Oriente, ou Regio berço, em
que Vossa Magestade amanhe-
ceo, nunca vio figura taõ gentil;
nesta se fundou o primeiro an-
uncio da felicidade Portugue-
za, e foy a voz do Oraculo por
onde*

onde a natureza se explicou. Não foy preciso que os successos verificassem aquelle vaticinio, porque Vossa Magestade assim que veyo ao mundo, só com se mostrar, disse o que havia de ser. Hum semblante augusto, mas cheyo de bondade, e agrado, foy o penhor precioso das nossas esperanças: venturoso, e claro presagio, pois se fez entender até pela mesma fórma exterior.

Chegou finalmente o tempo, em que os acertos de Vossa Magestade persuadem, que se há huma arte de reinar, essa não podem os Monarcas aprender, Deos a infunde, não em todos, mas naquelles só, aquem
as

as virtudes mais sublimes fizeram merecer hum favor celeste: isto dizem as resoluções de Vossa Magestade; ellas mostraõ que não forão aprendidas, inspiradas sim. Por isso as primeiras acções de Vossa Magestade não se distinguem das que se vão seguindo; todas são iguaes, e todas grandes; aquelles preludios, ou ensayos, não cedem na perfeição a nenhuma parte da obra: daqui vem o parecernos, que Vossa Magestade não só nasceo para reinar, mas que já sabia reinar quando nasceo.

Pelas mãos da idade recebem os Soberanos a experiencia de mandar. Vossa Magestade

tade sem depender dos annos, logo com o poder, recebeo a sciencia de usar delle: o que os mais devem ao exercicio, Vossa Magestade só o deve à Omnipotencia; por isso as disposições de Vossa Magestade todas são justas, porque com ellas se justifica Deos. Aos outros Reys servem os homens por força do preceito; a Vossa Magestade servem por obrigação da ley, e tambem por obrigação do amor; destes dous vinculos, não sey qual he mayor, mas he certo, que hum delles he violento às vezes, o outro he suave sempre; porque as cadeas, ainda as que são mais pezadas,

**

fi-

*ficão sendo leves , quando he o amor quem as faz , e as supporta. Todos sabem , Senhor , que antes que as nossas vozes acclamassem a Vossa Magestade já o tinhaõ acclamado os nossos corações ; nestes levantou o mesmo amor o primeiro throno a que Vossa Magestade subio ; e se he certa aquella memoravel profecia , que promette a hum Rey de Portugal o ser senhor de toda a terra , já podemos crer que chegou o tempo de cumprir-se , e esta fé deve fundarse nas virtudes de Vossa Magestade : e em quanto não chega a feliz hora de vermos na mão de Vossa Magestade o Cetro universal ,
já*

*já vemos que Vossa Magestade
he digno delle ; sendo que he
mais glorioso o merecer , do que
o alcançar. A Real Pessoa de
Vossa Magestade guarde Deos
infinitos annos*

Mathias Aires Ramos da Silva de Eça.

**** ii PRO-**

PROLOGO

AO LEITOR.

EU que disse mal das vaidades, vim a cahir na de ser Author : verdade he que a mayor parte destas Reflexões escrevi sem ter o pensamento naquella vaidade ; houve quem a suscitou , mas confesso que consenti sem repugnancia , e depois quando quiz retroceder , não era tempo , nem pude conseguir o ser Anonymo. Foy preciso por o meu nome neste livro , e assim fiquey sem poder negar a minha vaidade. A confissão

fissaõ da culpa costuma fazer
menor a pena.

Naõ he só nesta parte em
que sou reprehensivel: he pe-
queno este volume, mas po-
de servir de campo largo a hu-
ma censura dilatada. Huns
haõ de dizer que o estylo ora-
torio, e cheyo de figuras, era
improprio na materia; outros
haõ de achar que as descrip-
ções, com que às vezes me
afasto do fujeito, eraõ natu-
raes em verso, e naõ em pro-
fa; outros diraõ, que os con-
ceitos naõ saõ justos, e que
alguns já foraõ ditos; final-
mente outros haõ de reparar,
que affectei nas expressões al-
guns

guns termos defusados, e estrangeiros. Bem sey que contra o que eu disse, há muito que dizer; mas he tão natural nos homens a defesa, que não posso passar sem advertir, que se os conceitos neste livro não são justos, he porque em certo genero de discursos, estes não se devem tomar rigorosamente pelo que as palavras soão, nem em toda a extensão, ou significação dellas. Se os mesmos conceitos se achão ditos, que haverá que nunca o fosse? E além disto os primeiros principios, ou as primeiras verdades, são de todos, nem per-

pertencem mais a quem as disse antes, do que a aquelles que as disseraõ depois. Se o estylo he improprio, tambem póde ponderar-se que no modo de escrever, às vezes se encontraõ humas taes imperfeições, que tem não sey que gala, e brio: a observancia das regras nem sempre he prova da bondade do livro; muitos escreveraõ exactamente, e segundo os preceitos da arte, mas nem por isso o que disseraõ foy mais seguido, ou approvedo: a arte leva consigo huma especie de rudeza; a fermosura attrahe só por si, e não pela

pela sua regularidade, desta
sabe afastarse a natureza, e
então he que se esforça, e
produz cousas admiraveis;
do fugir das proporções, e
das medidas, resulta muitas
vezes huma fantasia tosca, e
impolida, mas brilhante, e
forte. Nada disto presumo
se ache aqui; o que disse,
foy para mostrar, que ainda
em hum estylo improprio
se póde achar alguma pro-
priedade feliz, e agradavel.

Escrevi das vaidades,
mais para instrucção minha,
que para doutrina dos outros,
mais para distinguir as mi-
nhas paixões, que para que

os

os outros distingão as suas ; por isso quiz de alguma sorte pintar as vaidades com cores lisonjeiras , e que as fizessem menos horriveis , e sombrias , e por consequencia menos fugitivas da minha lembrança , e do meu conhecimento. Mas se ainda assim fiz mal em formar das minhas Reflexões hum livro , já me não posso emendar por esta vez , senão com prometter , que não hey de fazer outro ; e esta promessa entro a cumprir já , porque em virtude della ficaõ desde logo supprimidas as traduções de Quinto Curcio , e de Lucano. As

acções de Alexandre, e Cesar, que estavaõ brevemente para sahir à luz no idioma Portuguez, ficaõ reservadas para serem obras posthumas, e tal vez que entaõ sejaõ bem aceitas; porque os erros facilmente se desculpaõ em favor de hum morto; se bem que pouco vale hum livro, quando para merecer algum suffragio, necessita que primeiro morra o seu Author; e com effeito he certo que entaõ o applauso naõ procede de justiça, mas vem por compaixaõ, e lastima.

Naõ me obrigo porém a que [vivendo quasi retirado]

*** ii dei-

deixe de occupar o tempo em
éſcrever em outra lingua ; e
ainda que a vulgar he hum
thesouro, que contém riqueza
immensa para quem se foubef-
se ſervir della , com tudo não
ſey que fatalidades me tem
feito olhar com ſuſto , e deſa-
grado para tudo quanto naſ-
ceo comigo : além diſto , as
letras parece que tem mais
fortuna, quando eſtaõ ſepara-
das do lugar em que naſceraõ ;
a mudança de linguagem he
como huma arvore que ſe
transplanta , não ſó para fru-
ctificar melhor , mas tambem
para ter abrigo.

Vale.

LI-

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

*Approvação do M. R. P. M. Fr.
Marcos de Santo Antonio, Reli-
gioso da Ordem de S. Agostinho,
Qualificador do Santo Officio, &c.*

IL L.^{MOS} SENHORES

REvi por ordem de Vossas Il-
lustrissimas o livro intitulado
Reflexões sobre a vaidade dos homens,
que pretende imprimir seu Author
Mathias Aires Ramos da Silva de
Eça : parece-me não conter cousa ,
que se opponha à nossa Santa Fé,
ou bons costumes , e que merece
lhe concedaõ Vossas Illustrissimas a
licença que pede. Este he o meu pa-
recer : *salvo tamen semper , &c.*
Graça de Lisboa 4 de Mayo de 1752.

Fr. Marcos de Santo Antonio.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Joseph
Troyano, da Congregaçãõ do Ora-
torio, Qualificador do Santo Offi-
cio, &c.*

C Oncordo com o P. M. Quali-
ficador *supra*, em que estas Re-
flexões naõ contêm cousa alguma
contra a Fé, ou bons costumes.
Vossas Illustrissimas ordenarãõ o que
forem servidos. Lisboa, e Congrega-
çãõ do Oratorio 12 de Mayo de 1752

Joseph Troyano.

V Istas as informações, pode-se
imprimir o livro de que se tra-
ta, e depois voltará conferido para
se dar licença que corra, sem a qual
naõ correrá. Lisboa 12 de Mayo
de 1752.

*Alencastre. Silva. Abreu. Trigoso.
Silveiro Lobo. Castro.*

DO

DO ORDINARIO.

Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Norberto de Santo Antonio da Ordem de Santo Agostinho, Qualificador do Santo Officio, &c.

EXCELL.MO ER.MO SENHOR.

LI por ordem de Vossa Excellencia este livro das *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, e nelle não achei cousa alguma contra a Fé, ou bons costumes; antes me parece obra muito doutrinal, e util, e ordenada para fugir de hum vicio tão transcendente, e predominante, e como tal digna de sahir a luz. Vossa Excellencia mandará o que for servido. Convento da Graça em 5 de Junho de 1752.

Fr. Norberto de S. Antonio.

Vista

Vista a informaçãõ, pode-se imprimir o livro de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 8 de Junho de 1752.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

DO PAÇO.

Approvaçãõ do M. R. P. M. Francisco Ribeiro da Companhia de Jesus, Reitor do Collegio de S. Patricio, &c.

SENHOR.

VI por ordem de Vossa Magestade o papel, ou livro intitulado *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, composto por Mathias Aires Ramos da Silva de Eça, e em todo elle não achey cousa alguma, que se opponha ao Real serviço de Vossa
fa

**sa Magestade , e credito do Reino ;
antes me parece muito util para des-
pertar aos homens engolfados no des-
vanecimento do mundo , do letargo ,
e esquecimento da vida eterna , e os
deixar surdos para as enganosas adu-
lações da vaidade , vicio taõ antigo
como o mesmo mundo , e taõ uni-
versal como os mesmos homens , aos
quaes segue em vida , e de ordinario
naõ desampara na morte. E como
todas estas Reflexões me parecem
desenganos acertados para a salva-
ção , claro está , que nenhum repa-
ro me fica para a censura , e por isso
julgo serem dignas de que Vossa Ma-
gestade conceda a seu Author a li-
cença , que pede. Vossa Magestade
mandará o que for servido. Lisboa
Collegio de S. Patricio, Seminario de
Irlandezes 17 de Junho de 1752.**

Francisco Ribeiro.

Que

Que se possa e imprimir vistas as licenças do Santo Officio , e Ordinario , e depois de impresso tomará a esta Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa 22 de Junho de 1752.

*Ataide. Vaz de Carvalho. Castro.
Mouraõ.*

PO'de correr. Lisboa 28 de Julho de 1752.

*Alancastro. Silva. Abreu. Trigofo.
Silveiro Lobo. Castro.*

PO'de correr. Lisboa 30 de Julho de 1752.

D. J. Arcebispo de Lacedemonia.

Que

Que possa correr, e taixaõ em
 quatro centos reis em papel.
 Lisboa o primeiro de Agosto
 de 1752.

*Marquez P. Ataide. Vaz de Car-
 valho. Castro. Mouraõ.*

E R R A T A S.

<i>Pag.</i>	<i>Linha.</i>	<i>Erratas.</i>	<i>Emendas.</i>
56	3	mas certas felicidades	humas certas felicidades
64	1	nos dá a conhecer	nos daõ a conhecer
108	17	se lhe naõ	se lhes naõ
130	2	mil resoluões.	mil revoluções
245	14	pensamentos	pensamento
282	8	Authores	Actores
300	22	cada huma	cada hum
341	10	dinso	denso
358	12	o osso dura	o osso duro
394	21	a guma vez	alguma vez

Vanitas

*Vanitas vanitatum, & omnia
vanitas. Eccl. cap. 1. vers. 2.*

RE



REFLEXÕES

SOBRE A VAIDADE

dos homens.



SENDO o termo da vida limitado, não tem limite a nossa vaidade; porque dura mais, do que nós mesmos, e se introduz nos apparatus ultimos da morte. Que mayor prova,

A va,

va, do que a fabrica de hum elevado mausoleo? No silencio de huma urna depositaõ os homens as suas memorias, para com a fé dos marmores fazerem seus nomes immortaes: querem que a sumptuosidade do tumulo sirva de inspirar veneraçaõ, como se fossem reliquias as suas cinzas, e que corra por conta dos jaspes a continuaçaõ do respeito. Que frivolo cuidado! Esse triste resto daquillo, que foy homem, já parece hum idolo collocado em hum breve, mas soberbo domicilio, que a vaidade edificou para habitaçaõ de huma cinza fria, e desta declara a inscripçaõ o nome e a grandeza. A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura.



Vivemos com vaidade, e com vaidade morremos; arrancando os
ulti-

Sobre a vaidade dos homens. 3

ultimos suspiros , estamos dispendo a
nossa pompa funebre , como se em
hora tao fatal o morrer naõ bastasse
para occupação : nessa hora , em que
estamos para deixar o mundo , ou em
que o mundo está para nos deixar ,
entramos a compor , e a ordenar o
nosso acompanhamento , e assistencia
funeral ; e com vangloria anticipada
nos pomos a antever aquella ceremo-
nia , a que chamaõ as Nações ultimas
honras , devendo antes chamalla vai-
dades ultimas. Queremos , que em
cada hum de nós se entregue à terra
com solemnidade , e fausto , outra
infeliz porção de terra : tributo in-
exoravel ! A vaidade no meyo da
agonia nos faz saborear a ostentação
de hum luxo , que nos he posterior ,
e nos faz sensiveis as atenções , que
haõ de dirigir-se à nossa insensibilida-
de. Transportamos para o tempo da
vida aquella vaidade , de que naõ po-

• A ii demos

demos ser capazes depois da morte : nisto he piedosa comnosco a vaidade ; porque em instantes cheyos de dor , e de amargura , naõ nos desempara ; antes nas disposições de huma pompa funebre , dá ao nosso cuidado huma applicação , ainda que triste , e faz com que divertido , e empregado o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa mesma morte , e luzida a nossa mesma sombra.



De todas as paixões , a que mais se esconde , he a vaidade ; e se esconde de tal sorte , que a si mesma se occulta , e ignora : ainda as acções mais pias nascem muitas vezes de huma vaidade mystica , que quem a tem , naõ a conhece , nem distingue : a satisfação propria , que a alma recebe , he como hum espelho em que nos vemos superiores aos mais homens

Sobre a vaidade dos homens. 3
mens pelo bem que obramos, e mis-
so consiste a vaidade de obrar bem.



Naõ ha mayor injuria, que o desprezo; e he porque o desprezo todo se dirige, e offende a vaidade; por isso a perda da honra afflige mais que a da fortuna; naõ porque esta deixe de ter hum objecto mais certo, e mais visível, mas porque aquella toda se compoem de vaidade, que he em nós a parte mais sensível. Poucas vezes se expoem a honra por amor da vida, e quasi sempre se sacrificam a vida por amor da honra. Com a honra, que adquire, se consolla o que perde a vida; porém o que perde a honra, naõ lhe serve de alivio a vida, que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra, que para terem vida, ou fossem formados menos para existirem no ser, que para durarem na
vai-

6 *Reflexões*

vaidade. Justo fora, que amassem com excesso a honra, se esta não fosse quasi sempre hum desvario, que se sustenta da estimaçã dos homens, e só vive da opiniaõ delles.



O não fazer caso do que he vaõ, tambem póde nascer de huma excessiva vaidade, e a este grão de vaidade não chega aquella, que he mediocre, e ordinaria; e desta sorte o excesso no vicio da vaidade vem a produzir a apparencia de huma virtude, que he a de não ser vaidoso: e com effeito assim como o excesso na virtude parece vicio, tambem o excesso no vicio vem de algum modo a parecer virtude. Na mayor parte dos homens se achaõ os mesmos generos de vaidade, e quasi todos se desvanecem dos mesmos accidentes, de que estaõ, ou se imaginaõ revestidos: porém alguns ha, em quem a vaidade

Sobre a vaidade dos homens. : 7
de he myfteriosa , e exquisita ; por-
que consiste em desprezar a mesma
vaidade , e em não fazer caso dos
motivos , em que se funda a vaidade
dos outros.



Trazem os homens entre si hu-
ma continua guerra de vaidade ; e
conhecendo todos a vaidade alheya ,
nenhum conhece a sua : a vaidade he
como hum instrumento , que tira dos
nossos olhos os defeitos proprios , e
faz com que apenas os vejamos em
hum distancia immensa , ao mesmo
tempo que expoem à nossa vista os
defeitos dos outros ainda mais perto ,
e maiores do que são. A nossa vai-
dade he a que nos faz ser insoppor-
tavel a vaidade dos mais ; por isso
quem não tivesse vaidade , não lhe
importaria nunca , que os outros a
tivessem.



To-

Todas as paixões tem hum tempo certo em que começaõ, e em que acabaõ : algumas são incompativeis entre si, por isso para nascerem humas he preciso, que acabem outras. O odio, e o amor nascem comnosco, e muitas vezes se encontraõ em hum mesmo coração, e a respeito do mesmo objecto. A liberalidade, a ambição, e a avareza, são ordinariamente incompativeis; manifestaõ-se em certa idade, ou ao menos entãõ adquirem mayor força. Não sey se diga, que as paixões são humas especies de viventes, que moraõ em nós, cuja vida, e existencia, semelhante à nossa, tambem tem hum tempo certo, e limitado; e assim vivem, e acabaõ em nós, da mesma sorte que nós vivemos no mundo, e acabamos nelle. Com todas as paixões se une a vaidade; a muitas serve de origem principal; nasce com
todas

Sobre a vaidade dos homens. 9

todas ellas, e he a última, que acaba: a mesma humildade, com ser huma virtude opposta, tambem costuma nascer de vaidade; e com effeito são menos os humildes por virtude, do que os humildes por vaidade; e ainda dos que são verdadeiramente humildes, he raro o que he insensivel ao respeito, e ao desprezo, e nisto se vê, que a vaidade exercita o seu poder, ainda donde parece, que o não tem.



A vaidade por ser causa de alguns males; não deixa de ser principio de alguns bens: das virtudes meramente humanas, poucas se haviaõ de achar nos homens, se nos homens não houvesse vaidade: não só seriaõ raras as acções de valor, de generosidade, e de constancia, mas ainda estes termos, ou palavras seriaõ como barbaras, e ignoradas

B to-

totalmente. Digamos, que a vaidade as inventou. O ser inflexível he ser constante ; o desprezar a vida he ter valor : são virtudes, que a natureza desaprova, e que a vaidade canoniza. A aleivosia, a ingratitude, e deslealdade, são vícios notados de vileza, por isso delles nos defende a vaidade ; porque esta abomina tudo quanto he vil. Assim se vê, que ha vícios, de que a vaidade nos preserva, e que ha virtudes, que a mesma vaidade nos ensina.



Mas se he certo, que a vaidade he vicio, parece difficil o haver virtude, que proceda delle ; porém não he difficil, quando ponderarmos, que ha effeitos contrarios às suas causas. Quantas dores ha, que se formão do gosto, e quantos gostos, que resultão da dor ! Essa infinita variedade dos objectos tem a mesma causa por
ori-

Sobre a vaidade dos homens. 11

origem : as differentes producções , que vemos , todas se compoem dos mesmos principios , e se formaõ com os mesmos instrumentos. Algumas cousas degeneraõ à proporçaõ , que se affastaõ do seu primeiro ser ; outras se dignificaõ , e quasi todas vaõ mudando de fórma à medida , que vaõ ficando distantes de si mesmas. As aguas de huma fonte a cada passo mudaõ ; porque apenas deixaõ a breinha , ou rocha donde nascem , quando em huma parte ficaõ sendo limo , em outra flor , e em outra diamante. Que outra cousa mais he a natureza , do que huma perpetua , e singular metamorphosis ?



A vaidade parece-se muito com o amor proprio , se he que naõ he o mesmo ; e se saõ paixões diversas , sempre he certo , que ou a vaidade procede do amor proprio , ou este

B ii = he

he effeito da vaidade. Nasceo o homem para viver em huma continua approvaçãõ de si mesmo : as outras paixões nos desemparaõ em hum certo tempo , e só nos acompanhaõ em lugares certos ; a vaidade em todo o tempo , e em todo o lugar nos acompanha , e segue , naõ só nas Cidades , mas tambem nos desertos , naõ só na primavera dos annos , mas em toda a vida , naõ só no estado da fortuna , mas ainda no tempo da desgraça : paixãõ fiel , constante companhia , e permanente amor.



Nada contribue tanto para a sociedade dos homens , como a mesma vaidade delles : os Imperios , e Republicas , naõ tiveraõ outra origem , ou ao menos naõ tiveraõ outro principio , em que mais seguramente se fundassem : na repartiçãõ da terra , naõ só fez ajuntar os homens os mesmos

Sobre a vaidade dos homens. 13

mos generos de interesses , mas tambem os mesmos generos de vaidades , e nisto se vê dous effeitos contrarios ; porque sendo proprio na vaidade o separar os homens , tambem serve muitas vezes de os unir. Ha vaidades , que são universaes , e comprehendem Villas , Cidades , e Nações inteiras : as outras são particulares , e proprias a cada hum de nós ; das primeiras resulta a sociedade , das segundas a divisaõ.

vaidades
universaes
e
vaidades
particulares



Dizem , que gostos , e desgostos não são mais que imaginaçãõ ; porém melhor fora dizer , que gostos , e desgostos não são mais do que vaidades. Fazemos consistir o nosso bem no modo , com que os homens olhaõ para nós , e no modo com que fallaõ em nós ; assim até nos fazemos dependentes das acções , e dos pensamentos dos mais homens , quando cre-

cremos, que elles nos attendem, e consideraõ esta imaginaçãõ, que li-songea a vaidade, precisamente nos dá gosto: se por alguma causa imaginamos o contrario, a mesma imaginaçãõ nos perturba, e inquieta. Não ha gosto, nem desgosto grande naquillo, em que a imaginaçãõ não tem a mayor parte, e a vaidade empenho.



A vaidade diminue em nós algumas penas; porém augmenta aquellas, que nascem da mesma vaidade: a estas nem o esquecimento cura, nem o tempo; porque tudo o que offende a vaidade, fica sendo inseparavel da nossa memoria, e da nossa dor. Entre os males da natureza, alguns ha que tem remedio; porém os que tem a vaidade por origem, são incuraveis quasi todos: e verdadeiramente como ha de acabar a pena,

Sobre a vaidade dos homens. 13

na , quando a lembrança da offensa basta para fazer , que dure em nós a afflicção ? Ou como póde cessar a magoa , se não cessa a vaidade , que a produz ? Alguns sentimentos ha , que se incorporaõ , e unem de tal forte a nós , que vem a ficar sendo huma parte de nós mesmos.



A imaginação desperta , e dá movimento à vaidade ; por isso esta não he paixão do corpo , mas da alma ; não he vicio da vontade , mas do entendimento , pois depende do discurso. Daqui vem , que a mais forte , e a mais vã de todas as vaidades , he a que resulta do saber ; porque no homem não ha pensamento , que mais o agrade , do que aquelle , que o representa superior aos mais , e superior no entendimento , que he nelle a parte mais sublime. A sciencia humana o mais a que se estende , he ao
conhe-

*o Vaidade
de...*

conhecimento , de que nada se sabe : he saber o saber ignorar , e assim vem a sciencia a fazer vaidade da ignorancia.



14

Bem se póde dizer , que o juizo he o mesmo que entendimento , porém he hum entendimento solido ; por isso póde haver entendimento sem juizo , mas não juizo sem entendimento : o ter muito entendimento às vezes prejudica , o ter muito juizo sempre he util : o entendimento he a parte que discorre , porém póde discorrer mal : o juizo he a mesma parte que discorre , quando discorre bem ; o entendimento pensa , o juizo tambem obra ; por isso nas acções de hum homem conhecemos o seu juizo , e no discurso lhe vemos o entendimento : o juizo duvida antes que resolva , o entendimento resolve primeiro que duvide ; por isso este

sempre e
discursos

Sobre a vaidade dos homens. : 17

este se engana pela facilidade , com que decide , e aquelle acerta pelo vagar , com que pondera. Ordinariamente fallamos no juizo , e não no entendimento de Deos , e deve ser pela impressãõ , que temos , de que o juizo he menos sujeito ao erro , que em Deos he impossivel : com toda esta ventagem , que achamos no juizo , pouco nos desvanece o ter juizo , e muito nos lisongea o ter entendimento. Consideramos o juizo como cousa popular , ou sómente como huma especie de prudencia , sendo aliás cousa muy rara ; e olhamos para o entendimento como cousa mais altiva , e em que reside a qualidade da agudeza ; e assim mais nos agrada o discorrermos subtilmente , do que o discorrermos com acerto , e ainda fazemos vaidade de voltar de tal sorte as cousas , que ficam parecendo , o que claramente

C se

se sabe , que não são. O engano vestido de eloquencia , e arte , attrahe , e a verdade mal polida nunca persuade. Fazemos vaidade de errar com subtileza , e temos pejo de acertar rústicamente.



Todos fazem vaidade de ter malicia ; nem ha quem diga , que a não tem , antes he defeito , que reconhecemos com gofio , e confessamos sem repugnancia : a razaõ he ; porque a malicia consiste em penetração , por isso não nos defendemos de hum defeito , que indica o termos entendimento. A vaidade faz , que não ha cousa , que não sacrificemos ao desejo de parecer entendidos , ainda que seja à custa de hum vicio , ou de huma culpa. Quando nos queremos dar por huma bondade sem exemplo , dizemos , que não temos malicia alguma : porém este pen-

Sobre a vaidade dos homens. 19

pensamento não dura muito em nós ; porque a vaidade nos obriga a querermos antes parecer máos com entendimento , do que bons sem elle : verdadeiramente a falta de malícia he falta de entendimento ; porque malícia propriamente he aquella intelligencia , ou acção , que prevê o mal , ou o medita ; por isso he differente o ter malícia , e o ser malicioso : tem malícia quem descobre o mal para o evitar ; he malicioso quem o antevê para o exercer : a malícia he huma especie de arte natural , que se compoem de combinações , e consequencias , e neste sentido a malícia he huma virtude politica. As mais das cousas tem muitos modos , em que podem ser consideradas ; por isso a mesma cousa pôde ser pequena , e grande ; pôde ser má , e tambem boa ; pôde ser injusta , e justa : a vaidade porém sempre se appro-

C ii

pria

pria o modo , ou o sentido , em que a cousa em nós fica sendo superior , e admiravel.



A razão não nos fortalece contra os males , que resultaõ da vaidade , antes nos expoem a toda a actividade delles ; porque induzida pela mesma vaidade só nos mostra , que devemos sentir , sem discorrer sobre a qualidade do sentimento. No principio dos nossos desgostos , a razão não serve para diminuillos , para asperallos sim ; porque como em nós tudo he vaidade , tambem a nossa razão não he outra cousa mais do que a nossa mesma vaidade. Sente a razão o que a vaidade sente , e quando vimos a sentir menos , he por cansados , e não por advertidos. Daqui vem , que as mais das vezes devemos os nossos acertos menos à vontade , do que à nossa fraqueza ; devemos

Sobre a vaidade dos homens. 21

vemos a nossa moderação menos ao discurso, do que à nossa própria debilidade. Deixamos o sentimento por cansados de padecer. A duração do mal, que nos abate, nos cura.



Ha occasiões, em que contrahimos a obrigação connosco, de não admittirmos alivio nas nossas magoas, e nos armamos de rigor, e de aspereza contra tudo o que póde consolarnos, como querendo, que a constancia na pena nos justifique, e sirva de mostrar a injustiça da fortuna: parece-nos, que o ser firme a nossa dor, he prova de ser justa: esta idéa nos inspira a vaidade menos cuidadosa no socego do nosso animo, do que attenta em procurar a estimação dos homens. Huma grande pena admira-se, e respeita-se: he o que basta para que a vaidade nos faça persistir no sentimento.



Os

Os retiros , e as solidões nem sempre são effeitos do desengano ; as mais das vezes são delirios de hum sentimento vaõ , ou furores , em que brota a vaidade : entaõ nos move o fim occulto de querermos , que a demonstração da dor nos faça recommendaveis : fazemos vaidade de tudo quanto he grande : a mesma pena quando he excessiva , nos lisongea ; porque nos promette a admiração do mundo.



Buscamos a Deos quando o mundo nos não busca ; se alguma offensa nos irrita , deixamos a sociedade , não por arrependidos , mas por queixosos , e menos por amar a Deos , que por aborrecer os homens. A vaidade nos inspira aquelle modo de vingança , e parece com effeito , que o deixar o mundo he desprezallo. Assim será ; mas quem deseja vin-

Sobre a vaidade dos homens. 23

vingar-se ainda ama , e quem se mostra offendido ainda quer. Amamos o mundo , e as suas vaidades ; porque o amor de cousas vãs he em nós quasi inseparavel. O mundo , e a vida tudo he o mesmo ; e quem ha que sem loucura deixe de amar a vida ? Tudo no mundo he vaõ , por isso a vaidade he a que moxe os nossos passos : para donde quer , que vamos , a vaidade nos leva , e himos por vaidade. Mudamos de lugar , mas não mudamos de mundo.



A mesma vaidade , que nos separa do commercio dos homens , para sepultarmos na solidão de hum Claustro , vem depois a conservarnos nelle , e por hum mesmo principio nos conduz , e nos faz permanecer sempre no retiro. Fazem os homens ludibrio da mudança da vontade , por isso muitas vezes somos firmes só

só por evitar o desprezo , vindo a parecer persistencia na vocação , o que só he constancia na vaidade. Vivemos temerosos , de que as nossas acções se reputem como effeitos da nossa variedade : queremos mudar , mas tememos o parecer varios ; e assim a constancia na virtude não a devemos à vontade , mas ao receyo ; não a conservamos por gosto , mas por vaidade : e esta assim como nos faz constantes na virtude , tambem outras vezes nos faz constantes na culpa.



Ha varios termos no progresso da nossa vaidade : esta no primeiro estado da innocencia vive em nós como occulta , e escondida : o tempo faz que ella se mova , e se dilate : semelhante às aves , que nascem todas sem pennas , ainda que todas em si trazem a materia dellas. A nossa alma

ma

q' hora
degrada

ma está disposta para receber, e concentrar em si as impressões da vaidade; e esta, que insensivelmente se fórma, do que vemos, do que ouvimos, e ainda do que imaginamos, quando cresce em nós, he imperceptivel, da mesma sorte, que cresce imperceptivelmente a luz, e que apenas se distingue a elevação das aguas. Nascemos sem vaidade; porque nascemos sem uso de razão, nem de discurso: quem dissera, que aquillo, que nos devia defender do mal, he o mesmo que nos conduz a elle, e nos precipita! Todas as paixões dão connosco passos iguaes no caminho da vida: logo que vimos ao mundo, começamos a ter odio, ou amor, tristeza, ou alegria: só a vaidade vem depois, mas dura sempre, e quando se manifesta, he tambem quando em nós começa a apparecer o entendimento; por isso a

D

emen-

emenda da vaidade he taõ difficil ,
 porque he erro , em que o entendi-
 mento tem parte de algum modo.



O homem de huma mediocre
 vaidade he incapaz de premeditar
 emprezas , nem de fórmr projectos :
 tudo nelle he sem calor : a sua mes-
 ma vida he huma especie de lethar-
 go : tudo o que procura he com
 passos vagarosos , cobardes , e des-
 cuidados ; porque a vaidade he em
 nós como hum espirito dóbrado , que
 nos anima ; por isso o homem , em
 que a vaidade naõ domina he timi-
 do , e sempre cercado de duvida , e
 de receyo : a vaidade logo traz com-
 sigo o desembaraço , a confiança , o
 arrojo , e a certeza. Presume muito
 de si quem tem vaidade , por isso he
 confiado : naõ presume de si nada
 quem naõ tem vaidade , por isso he
 timido. A vaidade nos faz parecer ,
 que

Sobre a vaidade dos homens. 27

que merecemos tudo, por isso emprendemos, e conseguimos às vezes: a falta de vaidade nos faz parecer, que não merecemos nada, por isso nem buscamos, nem pedimos. Este extremo he raro, o outro he muy commum; daquelle se compoem o mundo, deste o Ceo.



A differença, e desigualdade dos homens he huma das partes, em que se estabelece a sociedade, por isso esta se funda em principios de vaidade; porque só a vaidade sabe corporificar idéas, e fazer diferente, e desigual o que he composto por hum mesmo modo, e organizado de huma mesma fórma. Os homens mais vaidosos são os mais proprios para a sociedade: aquelles que por temperamento, por razão, ou por virtude se fazem menos sensiveis aos impulsos da vaidade, são os que pe-

D ii la

la sua parte contribuem menos na
 communicacão dos homens: occupa-
 dos em huma vida mole, isenta, e
 sem acção, só buscão no descanso a
 fortuna solida, e desprezaõ as ima-
 gens de que se compoem a vaidade
 da vida civil.

~ ~ 23

A desordem dos homens parece
 que he precisa para a conservacão da
 sociedade entre elles: he preciso
 com effeito, que sejamos loucos, e
 que deixemos muitas vezes a realida-
 de das cousas, só por seguir a appa-
 rencia, e vaidade dellas. Que ma-
 yor loucura, que a que nos expoem
 a perder a vida na expectacão de po-
 dermos servir de objecto ao vaidoso
 ruido da fama? Que mayor delirio,
 que sacrificarmos o descanso ao de-
 sejo de sermos admirados? Que des-
 vario mayor, que o fazer idolo da
 reputacão, fazendo-nos por essa cau-
 sa

Sobre a vaidade dos homens. 29

sa dependentes, não só das acções dos homens, mas também das suas opiniões; não só das suas obras, mas também dos seus conceitos?



A vaidade nos ensina, que as acções heroicas se fazem immortaes por meyo das narrações da historia; porém mal póde caber na lembrança dos homens todos os grandes successos, de que se compoem a variedade do mundo: ainda o mesmo pensamento tem limite, por mais que nos pareça immensa a sua esfera. Não ha historia, que verdadeiramente seja universal: quantos Achilles teraõ havido, cujas noticias se acabaraõ, só porque não tiveraõ Homeros, que as fizessem durar hum certo tempo, e isto por meyo do encanto de hum Poema illustre? Quantos Eneas sem Virgilio? Quantos Alexandres sem Quintos Curcios? Na

Na infancia do mundo começaram logo a haver combates, por isso as victorias sempre foram de todas as idades; porém esses mesmos combates se desfazião huns a outros; porque a fortuna do vencer sempre foy varia, e inconstante. As noticias das victorias tambem se vinhaõ a extinguir humas pelas outras. Se quizermos remontar ao tempo que passou, a poucos passos havemos de encontrar a fabula, cuberta de hum véo escuro, e impenetravel: tudo quanto aquelle tempo encerra nos he desconhecido totalmente. Os primeiros homens, que à força de fogo, e sangue se fizeraõ arbitros da terra, nos mesmos fundamentos das suas conquistas deixaraõ sepultadas as suas acções: o valor com que poderaõ perpetuar nos seus descendentes o poder, e a magestade, não lhes pôde perpetuar o nome: das mayores

Mo-

Sobre a vaidade dos homens. 31

Monarchias ainda se ignora quem foram seus primeiros fundadores.



Que são os homens mais do que apparencias de theatro? Tudo nelles he representação, que a vaidade guia: a fatal revolução do tempo, e o seu curso rapido, que cousa nenhuma pára, nem suspende, tudo arrasta, e tudo leva consigo ao profundo de huma eternidade. Neste abyssmo, donde tudo entra, e nada sahe, se vão precipitar todos os successos, e com elles todos os Imperios. Os nossos antepassados já vierão, e já foram; e nós daqui a pouco vamos ser tambem antepassados dos que haõ de vir. As idades se renovaõ, a figura do mundo sempre muda, os vivos, e os mortos continuamente se succedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba. Só Deos he sempre o mesmo, os seus annos
naõ

naõ tem fim , a torrente das idades , e dos seculos corre diante dos seus olhos , e elle vê a vaidade dos mortaes , que ainda quando vaõ passando o insultaõ , e se servem desse mesmo instante , em que passaõ para o offenderem. Miseraveis homens , genero infeliz , que nesse momento , que lhes dura a vida , preparaõ a sua mesma reprovaçaõ ; e que tendo vaidades , que lhes faz parecer , que tudo meditaõ , que tudo sabem , e que tudo prevêm , só a naõ tem para anteverem as vinganças de hum Deos irado , e que com o seu mesmo soffrimento , e silencio , clama , ameaça , julga , condemna !



Acabaõ os Heróes , e tambem acabaõ as memorias das suas acções ; aniquilaõ-se os bronzes , em que se gravaõ os combates ; corrompem-se os marmores , em que se esculpem os

Os triunfos ; e a pezar dos milagres da estampa , tambem se desvanecem as cadencias da prosa , em que se descrevem as emprezas , e se diffi- paõ as harmonias do verso , em que se depositaõ as vitorias : tudo cede à voracidade cruel do tempo. Aca- baõ-se as tradições muito antes que acabe o mundo ; porque a ordem dos successos não se inclui na fabri- ca do Universo ; he cousa exterior , e indifferente. Os monumentos , que fazem da historia a melhor par- te , e a mais visivel , não só se estra- gaõ , mas desapparecem , e de tal sorte , que nem vestigios deixaõ por onde ao menos lhes recordemos as ruinas. Não tem mais duraçaõ as cinzas dos Heróes ; porque as mes- mas urnas , que as escondem , se des- fazem , e os mesmos epitafios , por mais que sejaõ profundos os cara- cteres , insensivelmente vaõ fugia-

E do

do dos nossos olhos , até que se apagaõ totalmente. Ainda as coufas inanimadas , parece que tem hum tempo certo de vida : as pedras , de que se formaõ os padrões , vaõ perdendo a uniaõ das suas partes , em que conõste a sua dureza , até que vem a reduzirse ao principio commum de tudo ; terra , e pó.



Por isso he louçura sacrificar a vida por eternizar o nome ; porque dos mesmos Heróes tambem morre o nome , e a gloria : a differença he , que a vida dos Varões illustres compoem-se de annos , como nos mais homens , e a vida das suas acções compoem-se de seculos ; porém estes acabaõ , e tudo o que se encerra nelles , vem a entrar finalmente no cáos do esquecimento. Tudo no mundo saõ sombras , que passaõ ; as que saõ mayores , e mais agigantadas ,

Sobre a vaidade dos homens. 35

das , duraõ mais horas , mas tambem se extinguem , e do mesmo modo , que aquellas , que apenas tiveraõ de existencia alguns instantes. O desejo nos finge mil objectos immortaes , e entre elles a fama he ao que mais nos inclina a vaidade ; sendo que o mesmo ar , que lhe dilata os eccos , lhe confunde , e apaga a voz. Nas cousas he transito , o que nos parece permanencia : a diversidade , que vemos na duraçaõ dellas , he porque humas gastaõ mais tempo em acabar que outras ; de sorte que propriamente só podemos dizer , que as cousas estaõ acabando , e naõ que estaõ sendo.



- Porém destes mesmos delirios resulta , e depende a sociedade ; porque a vaidade de adquirir a fama infunde aquelle valor nos homens , que quasi chega a transformallos em muralhas

E ii ralhas

ralhas para defeza das Cidades, e dos Reinos: a vaidade de serem attendidos os reduz à trabalhosa occupação de indagarem os segredos da Divindade, o giro dos astros, e os mysterios da natureza: a vaidade de serem leaes os faz obedientes: a vaidade de serem amados os faz benignos: e finalmente a vaidade, ou amor da reputação os faz virtuosos. Daqui vem, que o homem sem vaidade entra em hum desprezo universal de tudo, e começa por si mesmo: olha para a reputação como para huma fantasia, que se fórma, e se sustenta de hum susurro mudavel, e de huma opiniaõ sempre inconstante: olha para o valor como para hum meyo cruel, que a tyrannia idéou para introduzir no mundo a escravidão: olha para o respeito como para huma cerimonia, ou dependencia servil, que indica poder em huns, e
nos

Sobre a vaidade dos homens. 37

nos outros medo , semelhante à estatu-
a de Jupiter , diante da qual todos
se prostraõ , naõ por amor do idolo ,
mas por causa do rayo , que tem na
maõ : olha para a benignidade como
para hum modo , ou artificio de at-
trahir a si a inclinaçãõ dos outros ; e
por isso virtude mercenaria : olha pa-
ra a lealdade como para hum acto ,
que precisamente resulta de huma
submissãõ necessaria : e ultimamente
olha para a fama como para hum ob-
jecto vago , e incerto , e que na rea-
lidade val menos do que custa a con-
seguir.



Com os annos naõ diminue em
nós a vaidade , e se muda , he só de
especie. A cada passo , que damos
no discurso da vida , se nos offerece
hum theatro novo , composto de re-
presentações diversas , as quaes suc-
cessivamente vaõ sendo objectos da
nossa

*apresenta de
vaidade*

nossa attenção , e da nossa vaidade. Assim como nos lugares , ha tambem horizontes na idade , e continuamente himos deixando huns , e entrando em outros , e em todos elles a mesma vaidade , que nos cega , nos guia. Nem sempre somos susceptiveis das mesmas impressões ; nem sempre somos sensiveis ao mesmo sentimento ; sempre somos vaidosos , mas nem sempre domina em nós o mesmo genero de vaidade.



Ha vicios , que raramente deixamos , se elles primeiro nos não deixão ; e quando com o tempo seguimos o exercicio de obrar bem , não he porque o conhecimento , ou a experiencia nos determine , mas porque continuamente os annos nos vão fazendo incapazes de obrar mal ; e assim virtudes ha , que primeiro começaõ pela nossa incapacidade , do que
por

Sobre a vaidade dos homens. 39

por nós mesmos ; e nos nossos acertos a razão he a que quasi sempre tem menos parte. Só a vaidade não enfraquece , por mais que o vigor nos falte ; como se fora hum affecto da alma independente da disposição do corpo.



Naõ temos alegria , se está descontente a vaidade ; da mesma sorte , que a desgraça não afflige tanto , quando se acha a vaidade satisfeita. A mesma morte não se mostra com igual semelhante nos supplicios ; porque a qualidade delles influe mayor , ou menos pena : por isso as honras do cadafalso servem de alivio ao delinquente ; porque a vaidade , que está vendo a attenção do golpe , deste esconde ao mesmo tempo o horror , e entretida nos faustos do luto , desvia da memoria huma grande parte da consideração da ruina.



Pa-

Para nada ser permanente em nós, até o odio se extingue: cançamo-nos de aborrecer: a nossa inclinação tem intervallos, em que fica isenta da sua maldade natural: não esquece porém o odio, que teve por principio a vaidade offendida; assim como nunca o favor esquece quando se dirige, e tem por objecto a vaidade de quem recebe o beneficio. A nossa vaidade he a que julga tudo: dá estimação ao favor, e regula os quilates à offensa: faz muito do que he nada: dos accidentes faz substancia: e sempre faz mayor tudo o que diz respeito a si. Nos beneficios pagamo-nos menos da utilidade, que do obsequio: nas offensas consideramos mais o atrevimento da injuria, que o prejuizo do mal; por isso se sente menos a dor das feridas, do que o arrojo do impulso; e assim na vaidade nunca se formão cicatrizes
fir-

Sobre a vaidade dos homens. 41

firμες, e seguras ; porque a lembrança do aggravo a cada instante as faz abrir de novo , e verter fangue.



O corpo não he sensível igualmente em todas as suas partes : humas sofrem , e resistem mais ; qualquer desconcerto em outras he mortal : assim tambem no corpó da vaidade ha partes , em que penetra mais o sentimento : daqui vem inimidades, que nem a morte reconcilia , odios que duraõ tanto como a vida. Tudo o que nos tira , ou diminue a estimaçãõ , nos serve de tormento ; porque o respeito he o idolo commum da vaidade ; aquillo que o offende , não se perdoa facilmente , e fica sendo como hum sacrilegio irremissível , e como hum principio de donde se originãõ tantas aversoens hereditarias.



Acabando tudo com a morte ,

F

fó

fó a deshonra não acaba ; porque o labéo ainda vive mais do que quem o padece : por mais insensível que esteja hum cadaver na sepultura (permitta-se o hyperbole) lá parece que a lembrança de huma infamia , que existe na memoria dos que ficaõ , lhe está animando as cinzas , para o fazer capaz de afflicçaõ , e sentimento: terrivel qualidade , cujos effeitos , ou cujo mal , não se acaba , ainda depois que ácaba quem o tem ; sendo a unica desgraça , que se imprime na alma, como hum caracter immortal ! A morte não serve de limite à deshonra ; porque esta vay seguindo a posteridade como huma herança barbara , e infeliz. Estes são os pensamentos , que a vaidade nos inspira , e como huma paixãõ inconsolavel , até nos persuade , que ainda depois de mortos podemos sentir a infamia: esta diminue a estimaçaõ , e o respeito ;

e por

Sobre a vaidade dos homens. 43

e por isso mortifica tanto ; como se a infamia do delicto só consistisse na attençaõ , e opiniaõ dos homens, e naõ no delicto mesmo ; ou se só fosse deshonra aquella que se sabe , e naõ aquella que se ignora.



Se a melancolia nos desterra para a solidãõ do ermo , naõ deixa de ir comnosco a vaidade ; e entãõ somos como a ave desgraçada, que por mais que fuja do lugar em que recebeu o golpe, sempre leva no peito atravessada a setta : nunca podemos fugir de nós : para donde quer que vamos , himos com os nossos mesmos desvarios , se bem que as vaidades do ermo sãõ vaidades innocentes. A natureza naõ tem lá por objecto mais do que a si mesma , e a vaidade, que tem na complacencia , com que se contempla , consiste em reflectir sobre os enganos do seculo , e sobre as verda-

F ii des

des da solidão ; e se alguma vez chega a ser excessiva essa mesma complacencia, não importa; porque a vaidade de ser virtuoso tambem parece que he virtude ; e assim vimos a ter naquelle caso hum vicio, que nos emenda, e hum defeito, que nos melhora.

~ ~ 35

Oh quanto he especiosa a tranquillidade do deserto! Lá não ha odio, nem soberba ; não ha crueldades nem inveja : estes monstros são feras invisiveis, que habitão entre nós, para serem ministros fataes das nossas discordias, e das nossas afflicções ; nascem da nossa sociedade, e se sustentão da nossa mesma communicação : por isso a virtude costuma fugir ao tumulto, porque a nossa maldade não he pelo que toca a cada hum de nós, mas pelo que respeita aos outros : somos perversos por comparação ; e reci-

Sobre a vaidade dos homens. 45

reciprocamente huns servimos de objecto às iniquidades dos outros ; a vaidade sempre foy origem dos nossos males;mas primeiro que a vaidade, foy o commercio commum das gentes; porque d'elle resulta a vaidade como contagio contrahido no trato, e conversação dos homens. O nosso entendimento facilmente se inficiona, não só com as opinioens proprias, mas tambem com as alheas ; não só com as proprias vaidades, mas tambem com as dos outros : não sey se seria mais util ao homem o ser incommunicavel.



Vemos confusamente as apparencias de que o mundo se compoem: os nossos discursos raramente encontrão com a verdade, com a duvida sempre; de forte que a sciencia humana toda consiste em duvidas. Ainda dos primeiros principios visiveis, e materiaes, só conhecemos a
exif-

existencia, a natureza não; porque a contextura do universo he em si unida, e regular em fôrma, que na ordem das suas partes não se podem conhecer humas, sem se conhecerem todas; por isso todas se ignoraõ, porque nenhuma se conhece: só a vaidade costuma decidir sem embaraço, porque não chega a imaginar-se capaz de erro: os homens mais obstinados são os mais vaidosos, e sempre a porfia vem à proporção da vaidade.

37 ~ ~

Algumas duvidas, ha que respeitamos; mas nem a essas perdoa a vaidade, pois nunca quer que fiquem indecisas: mas infelizmente, porque nellas sempre a solução da duvida vem a consistir em outra duvida maior. Quasi tudo transcende à nossa comprehensão, mas nada transcende á nossa vaidade. Naturalmente
nos

Sobre a vaidade dos homens. 47

nos he odiosa a irresoluçãõ, e antes nos inclinamos a errar, do que a ficar irresolutos: o confessar ignorancia he acto a que se oppoem a vaidade; sendo que rara he a cousa, que se nos mostra, sem hum certo véo que a esconde; de sorte que naõ vemos, nem buscamos os objectos, mas a sombra delles.



Nas paixoens he natural o entreternos cada huma com a esperanza, que lhe he propria; e com effeito nada he mais agradavel do que ~~uma~~ ma esperanza lisonjeira. O desejo se deleita em meditar no bem, que espera; e a natureza, a quem as paixoens tem sempre em acçaõ, naõ cessa de guiar o pensamento para aquella mesma parte, para donde a nossa inclinaçãõ propende; por isso o amor continuamente nos promete, que ha de acabar a tyrannia, e
que

que cedo ha de vir a feliz correspondencia ; o odio nos segura , que vem chegando o dia da vingança ; e finalmente a vaidade só nos offerece idéas de respeito , e de grandeza ; e desta forte não vivemos , esperamos a vida.



Ha hum genero de vaidade, que toda consiste em procurarmos que se falle em nós ; por isso a mesma vaidade inventou a fraze de dizerse, que vive no escuro aquelle de quem se não falla ; dando a entender , que as empresas, por meyo das quaes se falla nos homens , são a claridade que os mostrá , e os distingue : com effeito por mais que vivamos juntos , e nos vejamos sempre , he por hum modo como vago , e passageiro : as cousas nem por estarem muito perto so vem melhor , e os Heroes o que os faz mais visiveis , he a distancia , e def-

Sobre a vaidade dos homens. 49

desproporção dos outros homens em que os poem as suas acções: não só os homens, mas ainda os successos, quanto mais longe vão ficando, mais crescem, e nos vão parecendo mayores, até que os vimos a perder da vista, e muitas vezes da memoria; porque no tempo tambem ha hum ponto de perspectiva, donde como em espelho vão crescendo todos os objectos, e em chegando a hum certo termo. desapparecem. As empresas, que hoje vemos, talvez não são inferiores às que a tradição refere do tempo do heroísmo; porém tem de menos o estarem proximas a nós, e as outras tem de mais, o valor que recebem de huma antiguidade veneravel: aquellas admiramos porque não temos inveja, nem vaidade, que nos preoccupa contra os que passaraõ ha muitos seculos; contra os que existem sim, e destes, se sa-

G

bemos

bemos as acções, tambem sabemos as circumstancias dellas; por isso as desprezamos, porque he rara a empreza herõica, em que não entre algum fim indigno, e vil: a mais illustre acção fica infame pelo motivo.



O que chamamos inveja, não he senão vaidade. Continuamente accusamos a injustiça da fortuna, e a consideramos ainda mais cega do que o amor, na repartição das felicidades. Desejamos o que os outros possuem, porque nos parece, que tudo o que os outros tem, nós o merecíamos melhor; por isso olhamos com desgosto para as cousas alheyas, por nos parecer, que deviaõ ser nossas: que he isto senão vaidade? Não podemos ver luzimento em outrem, porque imaginamos, que só em nós he proprio: cuidamos, que a grandeza

Sobre a vaidade dos homens. 51

deza só em nós fica sendo natural, e nos mais violenta : o esplendor alheyo passa no nosso conceito por desordem do acaso, e por miseria do tempo. Quem diria aos homens, que no mundo ha outra cousa mais do que fortuna, e que nas honras ha predestinação ?



Naõ vivemos contentes, se a nossa vaidade naõ vive satisfeita : ainda temos o bem, que com pouco se alimenta a vaidade. Hum riso agradavel, que achamos nas pessoas eminentes, e que por mais, que seja equivoco sempre a vaidade o interpreta a seu favor ; hum obsequio, que tem por principio a dependencia, e em que o interesse se esconde subtilmente ; huma submissão, que nos faz crer que os homens tem obrigação de respeitarnos ; huma lisonja dita com tal arte, que fica sendo impossivel,

conhecermos-lhe o veneno ; qual-quer cousa destas , e ainda menos basta , para que a nossa vaidade se reveja , e se satisfaça ; de sorte que não vivemos alegres , se não vivemos vaidosos.

42 ~ ~

Procuramos ser objectos da memoria , e assumptos da fama : o nosso fim he querermos , que se falle em nós , vindo a ser ambiciosos das palavras dos outros , e idolatras das narrações da historia. Este delirio nos entrega a applicação das letras , e nos inspira a inclinação das armas , como dous pólos , que guiaõ para huma fingida , e sonhada immortalidade. Alguns fogem da sociedade ; ou por cansados do tumulto , ou porque conhecem os enganos do applauso ; porém ainda elles lá se formaõ huma crença vaidosa , de que os homens fallaõ nelles , e discorrem sobre
a cau-

Sobre a vaidade dos homens. 53

a causa dos seus retiros. Quantas vezes nos parece, que o bosque, que nos serve de muda companhia, se magôa dos nossos infortunios, e que o valle recebe o sentimento das nossas queixas, quando em eccos entrega aos ventos, partic~~do~~ os nossos ays! Parece-nos, que a Aurora nasce rindo dos nossos males; que as fontes murmuraõ dos nossos desasocegos; que as flores crescem para symbolo das nossas delicias; e que as aves festejaõ os nossos triunfos.



Os homens, a quem a concorrência de acasos felices faz chamar grandes, presumem, que ainda que delles não depende a existência do mundo, com tudo depende delles a ordem, e a economia das cousas: todos fallaõ nas suas acções, e nisto consiste a sua mayor, e mais estimada vaidade. Deixamos livremente o commercio dos ho-

homens , mas não renunciámos o viver na admiração , e noticia delles ; consentimos em apartarnos de forte , que nunca mais sejamos vistos , mas não consentimos em não se lembrados : finalmente queremos , que se falle em nós : as mesmas sepulturas , que são huns pequenos theatros das mais lastimosas tragedias , espantam menos pelo horror das sombras , que pelo silencio.

44 ~ ~

Mil preceitos ha que nos ensinam , o quam pouco são estimaveis em si , esses mesmos objectos , que buscamos com fadiga : o conhecermos a vaidade das cousas , não basta para as não quereremos ; porque o conhecimento de hum mal , que se appetitece , he hum meyo muito debil para o deixar. No mesmo retiro temos todo o mundo no coração , e neste vivem as paixões então mais
con-

Sobre a vaidade dos homens. 55

concentradas, e por isso mais vigorosas, e mais fortes: o ser o lugar mais apertado não nos livra do combate, antes o faz mais arriscado: a vaidade he como o amor, este quando o deixamos, sempre nos fica huma saudade lenta, que insensivelmente nos devora; porque he hum mal, cuja privação se sente como outro mal mayor: ainda depois de passados muitos annos, a lembrança, que às vezes nos occorre de hum amor, que parece que acabou, sempre nos vem com sobressalto; o coração nunca fica indifferente, e sempre recebe com alvoroço a idéa de hum ardor amortecido, e como que o reclama. Verdadeiramente perdida a vaidade, e perdido o amor, que nos fica?



He proprio da vaidade o dar valor a muitas cousas, que o não tem, e quasi tudo o que a vaidade estima, he

he vaõ. Que cousa póde haver, que tenha em si menos substancia do que *humas* certas felicidades, que ponderada a melhor parte dellas, consiste, ou em palavras, ou em gestos: a denominação de grande, de mayor, e de excellente, e as submissões, que indicaõ o respeito, fazem huma parte effencial das glorias deste mundo; a primeira naõ consiste mais do que em palavras; a segunda toda se compoem de gestos. Que importa à felicidade do homem, que os outros, quando lhe fallaõ, articulem mais hum som, que outro, e que nas reverencias que introduzio a lisonja, se dobrem mais, ou menos? A vaidade nos faz crer felices à porporçaõ, que ouvimos esta, ou aquella voz, e que vemos este, ou aquella culto: a vida civil se reduz a hum ceremonial composto de genuflexões, e de palavras.



Só a vaidade sabe dar existencia às cousas que a não tem , e nos faz idolatras de huns nada , que não tem mais corpo , que o que recebem do nosso modo de entender , e nos induz a buscarmos esses mesmos nada , como meyos de nos distinguir ; sendo que nem Deos , nem a natureza nos distinguio nunca. Na ley universal ninguem ficou isento da dor , nem da tristeza ; todos nascem sujeitos ao mesmo principio , que he a vida , e ao mesmo fim , que he a morte : a todos comprehende o effeito dos elementos ; todos sentem o ardor do Sol , e o rigor do frio ; a fome , e a sede , o gosto , e a pena , he commum a tudo aquillo que respira : o Author do mundo fez ao homem sobre huma mesma idéa uniforme , e igual , e na ordem com que dispoz a natureza , não conheceo exceções , nem privilegios : nunca o homem pó-

H

de

de ser mais , nem menos do que ho-
mem ; e por mais , que a vaidade
lhe esteja suggerindo huns certos at-
ributos , ou certas qualidades , que o
fazem parecer mayor , e mais confi-
deravel , que os mais homens , essas
mesmas qualidades , ainda sendo ver-
dadeiras , sempre são imaginarias ; por-
que tambem ha verdades fantasticas ,
e compostas sómente de illusões.

47 ~ ~

A vaidade he cheia de artificio
e se occupa em tirar da nossa vista ,
e da nossa comprehensão o verdadei-
ro ser das cousas , para lhes substituir
hum falso , e apparente. De que ser-
ve a purpura , mais que de encobrir
o homem a si mesmo , e huma figu-
ra simplez , commua , e igual em to-
dos , mostralla desfigurada , e outra
debaixo de hum véo puramente ex-
terior ? Tudo o que se esconde fica
com caracter de mysterio , e por isso
com

Sobre a vaidade dos homens. 59

com veneraçãõ, e com respeito: a vaidade foy o primeiro artifice, que inventou o distinguir os homens pela especialidade do ornato, e pela singularidade da cor; assim são as distincções, que a vaidade nos procura; nenhuma he, nem pôde ser em nós, mas nas cousas que nos cobrem.

49 ~ ~

Só a vaidade dos Reys he vaidade justa, porque a Providencia já quando os formou para a dominaçãõ, logo os destinou para figuras da divindade, e com huma semelhança mais que material, e indifferente; porque a mesma essencia, de que são imagens, parece, lhes communica huma porçãõ da idéa, que representaõ. Por mais que os successos sejaõ regidos pelo acaso, com tudo aos Reys naõ os faz a fortuna, nem o valor; mas sim aquella mesma intelligencia, que dá os primeiros, e principaes mo-

H ii

vi-

vimentos ao **Univerſo**. Ainda nos **Orbes Celeſtes** vemos alguns **corpos**, que parece cuſtaraõ mais cuidado ao **Author** do mundo, pois brilhaõ com luz mais firme, mais intensa, e mais constante. Os **Monarcas** parecem-se com os mais homens na **humanidade**, mas differem nas qualidades da alma: a **Coroa**, que os cinge, naõ só lhes illuſtra a cabeça, mas tambem o pensamento: o **Sceptro**, que indica à mageſtade, tambem inspira o eſforço; e a **grandeza** no poder tambem influe extenſaõ no eſpirito; por iſſo na arte de reinar naõ ha regras, que poſſaõ ſer ſabidas por quem naõ he **Rey**.



Aſſim como he juſta a vaidade de hum **Rey juſto**, tambem he iniqua a vaidade de hum **tyranno**: o eſplendor de hum **throno** adquirido injuſtamente naõ cega a atençãõ de forte, que

Sobre a vaidade dos homens. 61

que fiquem os olhos sem poder examinar-lhe os rayos ; hum lugar taõ sagrado , nem sempre o consideraõ os homens com immuidade. Os tyranos sempre foraõ objectos , naõ só dos louvores , mas tambem da critica ; naõ só das admirações , mas tambem dos reparos ; naõ só do amor , mas tambem do odio : se ha quem os admire , tambem ha quem os reprove ; se a lisonja os igualla ao Sol , a censura sabe comparallos ao Cometa ; se o amor lhes prapara agrados , tambem encontraõ aversões no odio. As submissões naõ saõ todas voluntarias ; e o respeito ainda quando degenera em adoração , nem sempre tributa hum incenso puro , e muitas vezes procede de huma violencia interior , e occulta ; entaõ por mais que as expressões se elevem ; sempre a verdade se distingue da exaggeração ; e por mais que
o joe-

ojoelho dobre , sempre o desprezo
fica inflexivel no conceito.

50 ~ ~

Nos Principes he virtude , huma
vaidade bem entendida ; e discorre
fantamente hum Rey , quando se des-
vanece da qualidade de ser justo : ha
vicios necessarios em certos homens ,
assim como ha virtudes improprias em
outros. Os soberanos sendo a fonte
da justiça , saõ os que mais injusta-
mente saõ julgados : os mais homens
saõ ouvidos , os Principes naõ ; to-
dos os julgaõ , e ninguem os ouve ;
como se a prehemencia da dignida-
de os fizesse incapazes , ou indignos
da defeza : o julgar por este modo
aos Reys , he sacrilegio , porque a
traiaõ he mayor aquella que se diri-
ge à fama , que a que conspira con-
tra a vida ; esta nos Monarcas he
lhes menos importante , que a me-
moria ; a existencia deve serlhes me-
nos

Sobre a vaidades dos homens. 63

pos preciosa do que a fama: com a vida se acaba o respeito, a grandeza, e o poder, mas não acaba a reputação; o tumulto não encobre, nem a ignominia do nome, nem o esclarecido, porque nos Principes nunca acaba, a gloria, nem a infamia: o breve espaço de huma urna basta para esconder as cinzas de muitos Reys; porém por mais que as confunda a morte, a historia as separa, e as divide: a tradição anima essas mesmas cinzas; humas para honra da natureza, outras para horror da posteridade.



A mayor parte das acções dos homens consiste no modo dellas; o modo com que se propoem, com que se diz, com que se falla, com que se ouve, com que se olha, com que se vê, com que se anda, e em fim todos os mais modos, que são inseparaveis.

paraveis de qualquer acção, nos dá a conhecer o que devemos pensar dellas: quasi sempre o modo, ou nos obriga, ou nos offende, e ordinariamente o modo das cousas nos occupa mais do que as cousas mesmas. Humas vezes nos engana o modo, porém tambem outras o mesmo modo nos desengana: a imaginação verdadeira, falsa, ou vaidosa, he a que produz os differentes modos, que vemos huns nos outros. Os Soberanos tem hum certo modo de olhar; de ver, de ouvir, de andar, de preguntar, e de responder, que só nelles he natural; a vaidade dos Grandes lhes faz affectar o mesmo modo, que vem nos Soberanos; os mais homens tomaõ o mesmo modo, que vem nos Grandes, e cada hum se irrita de ver hum modo improprio, e sente como hum desprezo o achar hum modo, que naõ convem a quem usa delle; o
que

Sobre a vaidades dos homens. . 65
que diversifica os modos he a alegria,
a tristeza , o amor, o odio , o desejo ,
ou a indifferença , e mais que tudo a
vaidade.



A mayor parte da vida passamos
em buscar a fortuna , e a que vemos
nos outros , he a que nos engana a
nós : porém he feliz o engano , que
nos anima sempre. Que mayor des-
graça que o viver indifferente , e sem
ação ; e que mayor ventura que a
esperança com que a buscamos ! O
conceito , que fazemos de qualquer
bem , sempre excede ao mesmo bem,
e assim perdemos quando o alcan-
çamos ; de sorte que a fortuna pa-
rece não está tanto em possuilla , co-
mo em desejalla. As fortunas huma-
nas , ou consistem na abundancia ,
ou no poder , ou no respeito : estas
são as mesmas fontes donde nasce a
vaidade , e com effeito se ha vaidade

I

sem

sem fortuna, não ha fortuna sem vaidade.



Por nosso mal lá chega a idade, em que não queremos mais fortunas, que o viver; conhecemos a illusão dellas; e se as buscamos, he como por costume, mas sem ancia, e sem desasocego; o desejo de as alcançar, he como hum resfo de calor, que apenas se faz sentir. Não reflectimos sobre o pouco tempo, que devemos gozar hum bem, senão depois de o ter: só então consideramos o muito que custou a alcançar, e o pouco que o havemos possuir. Em cada paiz ha hum modo com que as cousas se imaginão; o que he fortuna em huma parte, he desgraça em outra, o que aqui se busca com empenho, alli se despreza totalmente. Os objectos que entretem a vaidade, e estimação dos homens, são como idolos, que só se vene-

Sobre a vaidade dos homens. 67

venêraõ em lugar determinado , e fó-
ra daquelle tal espaço , a adoraçãõ se
troca em vituperio : o mesmo mar-
more de que em Athenas se faria hu-
ma Minerva , transportado a outro
lugar , apenas servirá de baze a hu-
ma columna; assim he a vaidade , por
mais que seja universal nos homens ,
os motivos della não são universaes.



He raro o mal, de que não venha
a nascer algum bem , nem bem, que
não produza algum mal : como só o
presente he nosso , por isso não nos
serve de alivio o bem futuro , nem
nos inquieta o mal que ainda não sen-
timos ; hum infeliz não se persuade ,
que a sua sorte possa ter mudança ;
hum venturoso não crê, que possa dei-
xar de o ser : a este a vaidade tira o
menor receyo ; à aquelle o abatimen-
to priva de esperança. Se fizermos
réflexãõ , havemos de admirar o pou-

co que basta para fazer o nosso bem, ou o nosso mal: de hum instante a outro mudamos da alegria para a tristeza, e muitas vezes sem outro algum motivo, que o de huma vaidade mais, ou menos satisfeita. Os homens não são todos igualmente sensíveis ao bem, e ao mal; a huns penetra mais vivamente a dor, a outros só faz huma impressão ligeira: o bem não acha em todos o mesmo gráo de contentamento. Nas almas deve de haver a mesma differença, que ha nos corpos; humas mais debeis, e outras mais robustas; por isso em humas obra mais o sentimento, e acha mais resistencia em outras; em humas domina a vaidade com imperio, e com furor, em outras só assiste como cousa natural; naquellas a vaidade he huma paixãõ com impeto, nestas he hum vicio socegado, e sem desordem.

O en-

Sobre a vaidade dos homens. 69

O entendimento nos homens, he como a fermosura nas mulheres ; não ha desgraça de que hum espelho as não console, nem tristeza de que se não esqueçaõ, vendo-se em estado de inspirar amor : a hum homem infeliz serve de alivio, o considerar-se íabio ; este pensamento, ou esta vaidade lhe faz adormecer o mal que sente ; como se a mulher só viesse ao mundo, para ser querida, e o homem só nascesse para ser discreto : entre hum, e outro a differença he grande : a mulher fermosa, com o tempo conhece que já o não he ; o homem entendido nunca alcança que só o foy : a mulher não póde deixar de ver o estrago, que os annos fazem na belleza, o homem não penetra a ruina, que o tempo causa ao entendimento ; mas não importa que assim seja, porque he justo que o homem se deivaneça sempre, e que tenha
fim

fim na mulher a vaidade: ninguém adora ao homem por entendido, e à mulher todos a idolatraõ por fermosa. Acabe pois a vaidade na mulher, porque foy taõ excessiva, e no homem dure, porque foy mais moderada.



Olhamos para o tempo passado com saudade, para o presente com desprezo, e para o futuro com esperança: do passado nunca se diz mal; do presente continuamente nos queixamos, e sempre appetecemos que o futuro chegue: o passado parece-nos que naõ foy mais do que hum instante; o presente apenas o sentimos; e julgamos que o futuro está ainda mui distante. Para dizermos bem do tempo, he necessario que elle tenha passado, e para que o desejemos he preciso considerallo longe. A vaidade faznos olhar para o tempo, que

Sobre a vaidade dos homens. 71

que passou, com indiferença, porque já nêlle fica sem acção: faznos ver o presente com desprezo; porque nunca vive satisfeita; e faznos contemplar o futuro com esperança, porque sempre se funda no que hade vir; e assim só estimamos o que já não temos; fazemos pouco caso do que possuímos; e cuidamos no que não sabemos se teremos.



Com os annos himos mudando de humas vaidades para outras; não porque queiramos mudar de vaidade, mas porque algumas ha, que em certos annos são incompativeis, e só tem lugar em outros. A gentileza he a primeira vaidade, que a natureza nos inspira; vaidade simples, e innocente ainda quando he mentirosa: a natureza quer que nos amemos, por isso faz que nos vejamos dotados de huma fórma, ou figura encantadora, so-

fomos Narcisos logo no berço : a nossa imagem apenas acabada de formar , logo nos attrahe ; o vidro que a representa nos agrada , e lisongea , ainda quando ignoramos o artificio do crystal ; e desta sorte himos passando successivamente a vida , entretidos em hum laberyntho de vaidades , até que chegamos à vaidade dos velhos ; vaidade discursiva , prudencial , historica , e muitas vezes imbecil. O ser antigo não dá juizo a todos , antes o tira , porque o tempo insensivelmente vay destruindo o homem em todas as suas partes , e por mais , que o não sintamos , o que primeiro cansa , he o entendimento ; porque este he como a força , que até hum certo tempo cresce , até outro se conserva , e depois sempre vay diminuindo. Perdemos a innocencia assim que entramos ater uso de razaõ , e perdemos a razaõ assim que tornamos ao estado da innocencia: hu-
ma , e

Sobre a vaidade dos homens. 73

e outra cousa são virtudes puras, e excellentes, mas infociaveis. Primeiramente adquirimos a razão à custa da innocencia, e depois alcançamos a innocencia à custa da razão; não sey quando he que perdemos, ou ganhemos. Indiscretamente fazemos vaidade de sermos entendidos: o entendimento parece que nos foy dado por castigo, pois com elle ficamos sem desculpa para nada. Que mayor mal!



- He rara a cousa, em que não tenha parte a vaidade. A mesma ingratitude, de quem recebe hum beneficio, he effeito da vaidade; porque sendo o beneficio huma specie de soccorro, sempre indica superioridade em quem o faz, e necessidade naquelle que o recebe; por isso a lembrança de hum beneficio, humilha, e mortifica a nossa vaidade, e se alguma vez nos

K

lem-

lembra , he porque a natureza se accusa de sentirse ingrata. Muitos por vaidade confessão beneficios, que nunca receberaõ ; he confissão , que os naõ afflige , porque assenta em huma divida supposta : outros tambem por vaidade reconhecem beneficios verdadeiros , e isto porque fazem vaidade de huma divida , que ja julgaõ satisfeita pela confissão.

59 ~ ~

Quando pretendemos hum favor, parece-nos que sempre havemos conservar a memoria delle ; mas he erro , porque apenas o alcançamos , quando logo se fórma em nós hum desejo imperceptivel de o esquecer : a vaidade tem horror a tudo o que desperta a lembrança da nossa indigencia ; por isso naõ ha ingratitude sem odio ; aborrecemos a quem remiõ a nossa vexação , só porque a ficou conhecendo. Naõ se paga hum
be-

beneficio, senão com outro mayor, e quem o não póde pagar assim, fica devendo sempre; por isso a vaidade antes nos resolve a ser ingratos, do que a conhecer huma obrigação de que nunca podemos estar livres.

A ingratitude não consiste só no esquecimento do favor, mas tambem em huma averção occulta, que temos a quem nos obrigou, por isso quando o vemos, e encontramos, sempre he com nosso pezar, e desagrado. Insensivelmente se fórma huma especie de divorcio entre quem recebe hum favor, e quem o faz; este por vaidade affecta o não lembrar-se do beneficio feito, aquelle tem pejo de haver-se esquecido delle; hum e outro se retira: a ausencia, ou a ruina daquelle a quem fomos obrigados, nunca nos he desagradavel; porque então parece que respira a vaidade, como livre de hum peso insupportavel:

vel : naturalmente não podemos amar a quem devemos ; a divida leva consigo hum desejo da extirpação do seu objecto.



Não succede assim nos beneficios, que os Soberanos fazem ; quem os recebe , sempre os reconhece ; porque a mesma vaidade , que nos faz ser ingratos para com os mais homens ; he a que nos faz ser agradecidos para com os Principes ; e com razão , porque nestes o favor sempre he puro ; e generoso , em lugar que nos mais homens sempre he inficionado de algum genero de interesse : nos Principes os beneficios nascem de liberalidade , nos mais homens procedem de premeditação , e esta fundada communmente na satisfação do que ja devem , ou esperão dever ; de sorte que nos Princepes os beneficios he grandeza , nos mais homens he com-
mer-

mercio. O mayor favor he aquelle que se faz sem condiçaõ: quando os Soberanos favorecem, he sem a expectativa de retribuiçaõ alguma, porque esta naõ póde ter lugar de nós para elles; daõ, e naõ esperaõ; por isso as merces de hum Rey mostraõ a sua inclinaçaõ, e naõ a sua intençãõ: as graças dos Reys, e as de Deos, só se pagaõ com amor. Como os Principes saõ os melhores avaliadores dos homens, por isso supponmos, que o favor, que fazem, sempre se dirige ao nosso merecimento. Estimamos viver na lembrança dos Reys, ainda que seja por meyo da desgraça: o mesmo decreto, que impoem a pena, suavisa o effeito della, porque ha hum instante, em que a vaidade nos representa o Soberano occupado de nós: o castigo, que immediatamente vem do Throno, parece que de algum modo nos illustra.

Tudo saõ producções da vaidade , esta até nos faz achar consolação nas mesmas razões do nosso dano ; até nos faz descobrir utilidade na nossa mesma perda ; e até nos sabe mostrar hum semblante de fortuna na nossa mesma ruina. Huma circumstancia leve , e incerta, em que a vaidade se entretenha , basta muitas vezes para suspender a actividade do nosso mal , e para desviar do nosso pensamento a mayor parte delle. A virtude maltratada encontra alivio na mesma persecução , porque a vaidade lhe suggere em si a imagem de hum martyrio : a innocencia opprimida sente menos a afflicção, porque se desvanece em considerarse victima, de que he propriedade o ser innocente ; e com effeito a constancia no soffrimento he hum justo motivo de vaidade, porque ainda na fama de hum herôe não ha tanta grandeza ,
) como

Sobre a vaidade dos homens. 79

como no silencio de hum homem afflicto ; por isso a paciencia nunca faz rogos inuteis : hum homem mudo na desgraça parece que força a providencia ao consolar. O merecimento desprezado entra na vangloria de crer , que todos reparaõ no descuido do premio : hum facinoroso arrasta com arrogancia os ferros , e vay com resoluçãõ para o supplicio, a vaidade que lhe anima os passos , consiste na mesma atrocidade do delicto : a mesma pobreza costuma fazer ostentaçãõ da miseria. A vaidade he de todo o mundo , de todo o tempo , de todas as profissões , e de todos os estados.



Muitas vezes obramos bem por vaidade, e tambem por vaidade obramos mal : o objecto da vaidade he que huma acçãõ se faça attender , e admirar , seja pelo motivo , ou razão

zaõ que for. Naõ só o que he digno de louvor , he grande ; porque tambem ha cousas grandes pela sua execraçaõ ; he o que basta para a vaidade as seguir , e approvar. A mayor parte das empresas memoraveis , naõ tiveraõ a virtude por origem , o vicio sim ; e nem por isso deixaraõ de attrahir o espanto , e admiraçaõ dos homens. A fama naõ só se compoem do que he justo , e o rayo naõ só se faz attendivel pela luz ; mas pelo estrago. A vaidade appetece o estrondoso , sem entrar na discuçaõ da qualidade do estrondõ : . faz-nos obrar mal , se deste mal póde resultar hum nome , hum reparo , huma memoria. Esta vida he hum theatró , todos queremos representar nelle o melhor papel , ou ao menos hum papel de circumstancia , ou em bem , ou em mal. A vaidade tem certas regras , huma dellas he , que a singularidade naõ só se

Sobre a vaidade dos homens. 81

se adquire pelo bem , mas tambem pelo mal , não só pelo caminho da virtude , mas tambem pelo da culpa ; não só pela verdade , mas tambem pelo engano : quantos homens tem havido a quem parece que de algum modo ennobreceo a sua iniquidade.



A crueldade nem sempre vem de hum animo barbaro , e feroz ; muitas vezes he hum monstro , que nasce da vaidade , considere-se o punhal cravado em hum coração , que ainda palpita , e donde o sangue que sahe , e vay regando a terra , alli se congella em parte , aqui ainda corre fumando , e cheyo de espirito , e calor : finalmente considere se hum cadaver agonizante , e convulsivo , e donde as feridas humas sobre as outras , apenas mostraõ lugar livre de golpe ; tudo fórma hum espectáculo horroroso : o tyrano que he o mesmo

L

exe-

executor da crueldade , por mais que no semblante inculque hum aspecto duro , interiormente se estremece , e se não mostra que se afflige, he porque a vaidade o anima contra o pavor que a natureza inspira. Ideou a vaidade ser a tyrannia hum attributo do poder : que mais he necessario para que os homens, queiraõ medir a grandeza do poder pelo excesso , e proporção da tyrannia? Até nos desvanecemos da mesma barbaridade , chamamos à compaixão fraqueza , e à inhumanidade valor.



Todos conhecemos os delirios, a que a vaidade nos incita , mas nem por isso deixamos de os seguir. Parece que cada hum de nós tem duas vontades sempre oppostas entre si ; ao mesmo tempo queremos , e não queremos ; ao mesmo tempo condenamos , e approvamos ; ao mesmo tem-

Sobre a vaidades dos homens. 83

tempo buscamos , e fugimos ; amamos , e aborrecemos. Temos huma vontade prompta para conhecer , e detestar o vicio ; mas tambem temos outra prompta para o abraçar ; huma vontade nos inclina , a outra arrasta-nos : a vontade dominante , he a que segue o partido da vaidade ; por mais que queiramos ser humildes , e que tenhamos vontade de desprezar o fausto , a vontade contraria sempre vence , e se acaso se conforma , a violencia com que o faz , he hum sacrificio. A vaidade he huma especie de concupiscencia , não se lhe resiste com as forças do corpo , com as do espirito sim ; a carne não he fragil só por hum principio , mas por muitos , e a vaidade não he o menor delles.



O applauso he o idolo da vaidade , por isso as acções heroicas não se fazem em segredo , e por meyo del-

las procuramos que os homens formem de nós o mesmo conceito, que nós temos de nós mesmos. Raras vezes somos generosos, só pela generosidade, nem valerosos só pelo valor. A vaidade nos propoem, que o mundo todo se applica em registrar os nossos passos; para este mundo he que obramos; por isso ha muita differença de hum homem, a elle mesmo: posto no retiro he hum homem commum, e muitas vezes ainda commenos talento que o commum dos homens: porém posto em parte donde o vejaõ, todo he acção, movimento, esforço. Nunca mostramos o que somos, fenaõ quando entendemos que ninguem nos vê, e isto porque naõ exercitamos as virtudes pela excellencia dellas, mas pela honra do exercicio, nem deixamos de fer máos por averfaõ ao mal, mas pelo que se segue de o fer. O vicio pratica-se oc-
cul-

Sobre a vaidade dos homens. 85

cultamente , porque cremos que a ignominia só consiste em se saber ; de forte que se somos bons , he por causa dos mais homens , e não por nossa causa : haja quem nos assegure , que não ha de saberse hum desacerto , e logo nos tem certo , e disposto para elle ; a difficuldade não está em persuadir a nossa vontade , mas o nosso receyo. Os aggravos occultos callão-se , não só porque em serem occultos perdem muito da qualidade de aggravos ; mas tambem porque a queixa não publique o atrevimento da offensa ; a vaidade não sente as cousas pelo que são , mas pelo que se ha de dizer dellas : mil vinganças ha que se supprimem só pelo perigo de que se não perceba o desacato , pela vingança. Quem dissera , que sendo a vaidade , de si mesma huma cousa arrebatada , haja occasiões , em que nos pacifique , e ensine a ser prudentes : ha
huma

humã especie de arte em se disfarçar a injuria, de que não ha prova; a mesma vingança leva consigo humã sorte de injuria, porque a confissão a satisfação publica suppoem publica a offensa, que muitas vezes não o he, ou ao menos não he tanto como a satisfação a faz. A paciencia he humã virtude com nota, mas raramente se arrepende quem a tem; em lugar que o arrojo costuma trazer depois hum sentimento largo; em hum instante nos precipita a vaidade naquillo que nos vem a servir de tormento toda a vida; mas que muito se a mesma vaidade ás vezes nos faz perder a vida em hum instante. Quem disse que o amor he cego, errou; mais certo he ser cega a vaidade. O emprego do amor he a fermosura, e quem nunca a vio como a ha de amar? No amor ha humã escolha, ou eleição, e quem não vê, não distingue, nem eleger;

Sobre a vaidade dos homens. 87

ge ; o amor vem por natureza , a vaidade por contagio ; o amor busca huma felicidade fysica , e por consequencia material , e visivel ; a vaidade busca hum bem de idéa , e fantasia , e por consequencia cego : a estimaçã dos homens he o objecto mayor da vaidade ; objecto vago , e que não tem figura propria em que possa verse. Ha porém na vaidade a differença , que tudo o que se faz por vaidade , queremos que se veja , que se diga , e que se saiba ; entã he fortuna a publicidade, se he que nos não parece , que o mundo inteiro não basta para testemunha : daqui vem que hum furor heroico até chega a invocar o Ceo , e a terra , para estarem attentos a huma acçã : como tudo se faz pelo estimulo da vaidade , por isso se julga perdida huma façanha , que não tem quem a divulgue ; como se hum acto generoso consistisse

se mais em se saber, do que em se obrar. A vaidade, que nos move, não he pela substancia da virtude, mas pela gloria della.

66 ~ ~

No desprezo da vida, he donde a vaidade se mostra altiva, e arrogante. Os clarins, que incitaõ ao combate, não são vozes, que a natureza intenda, a vaidade sim; aquella sempre vay com hum passo vacilante, e tremulo; esta conduz o peito ardente, e furioso: por mais que se encontrem precipicios, e que os olhos só vejaõ fogo, e sangue, nem por isso desfama o coração que a vaidade anima. Aquelle a quem o escudo da fortuna cobre, e que marcha resolutamente, já cuida que está vendo os faustos do triunfo: aquelle que prostrado, já fica agonizando, parece-lhe que expira, ou nos braços da vitoria, ou nos da fama. Que felicidade de morrer!

A vai-

Sobre a vaidade dos homens. 89

A vaidade tira da morte o semblante pallido, e horroroso, e só a deixa ver ornada de palmas, e troféos.



67

O valor não he igual em toda a parte; porque a vaidade não he em toda a parte a mesma. Ha empresas de mais, e de menos vaidade, por isso as ha de menos, e mais valor. A vaidade augmenta, e diminue, à proporção do seu motivo; e da mesma forte o valor diminue, e augmenta à proporção da sua vaidade. A razão do esforço, regula-se pela razão da vaidade; daqui vem, que em hum conflicto grande, os animos se elevão, e arrebatão; porque algumas vezes he questão do destino de hum Imperio; em lugar que o ardor he lento, quando só se disputa hum posto ventajoso. A presença de hum Monarca não influe pouco na fortuna militar; então quer o Soldado

M

distin-

distinguirse com mayor excessõ , porque fica sendo memoravel a acção a que assiste hum Rey : aquella he a occasiãõ , em que cada hum dos combatentes vaticina , que o seu nome ha de escreverse nos annaes da historia ; por isso corre a assinalarse em hum dia , que ha de servir de epoca aos seculos vindouros : nenhum entra na peleja indifferente , todos fazem a causa sua ; huns combatem pela gloria do successo , outros pela honra da assistencia ; e a todos parece que o Soberano os vê. O estrepito das armas antes que chegue ao coração , inflamma a vaidade , e esta , que commummente move , entãõ accende.

68 ~ ~

Naõ he isto assim na solidãõ de hum ermo. O mesmo homem , que fez a admiração da guerra , posto em hum bosque he outro. O sussurro de huma

Sobre a vaidade dos homens. 91

hum fonte , que se despenha , o sobressalta ; o movimento de hum folha , que cahe , o atemorisa ; o ruido , que o vento faz , o altera ; tudo lhe parece hum emboscada ; na mesma sombra de hum carvalho , se lhe figura hum esquadra^o armado : esta he a differença , que vay de hum homem com vaidade , ao mesmo homem quando está sem ella ; na campanha domina o espirito de vaidade , no bosque não ; por isso o valor sobra na campanha , e no bosque falta ; e com effeito naquella parte adquire-se a fama , e nesta só se salva a vida ; naquella consegue-se o applauso , nesta só se busca a liberdade do caminho ; naquella ha muitos que vejaõ , que digãõ , e que escrevaõ , nesta não ha mais do que troncos mudos ; naquella fazem Corte os Soberanos , nesta só se alvergaõ foragidos ; naquella todos se mostraõ , nesta todos se es-

M ii con-

condem ; aquella he hum theatro de acções illustres , esta he hum reducto de acções abominaveis : finalmente alli nasce a nobreza , aqui extingue-se ; alli perde-se a vida com honra , aqui conserva-se a mesma vida com ignominia. Que notáveis differenças ! Em hum lugar tantos motivos de vaidade , e nenhuns em outro : por isso o valor he proprio na campanha , e no ermo he natural a cobardia. O valor falta-lhe a alma , se lhe falta a vaidade , o braço logo fica sem vigor , e sem alento o peito : no perigo em que não ha vaidade , a naturezã só se lembra do horror da sua ruina.

63 ~ ~ ~

A fugida traz consigo o vitupério , por isso muitos não fogem , porque os vem ; e fugiriaõ , se os não vissem ; muitos se retiraõ em quanto os não conhecem , mas não depois de conhecidos ; como se a deshonra
naõ

Sobre a vaidade dos homens. 93

naõ estivesse na retirada , mas na noticia della : ninguem se quer expôr , se a vaidade o naõ expoem ; e ainda que a vaidade naõ tira o medo , com tudo esconde-o ; e assim vimos a ser destemidos , naõ só porque a vaidade nos obriga , mas tambem porque nos engana : no meyo do precipicio , naõ nos deixa ver toda a extensaõ delle , e por mais que seja certo o nosso estrago , sempre a vaidade para animarnos , o mostra como duvidoso ; e sempre nos inspira que aos ousados a fortuna favorece. A vaidade naõ nos deixa , senaõ depois que nos entrega à morte , e só a morte que nos acaba , he a que acaba tambem a nossa vaidade.



O facinoroso⁴ he timido , porque o crime que envilece , acobarda. A vaidade , que tambem interiormente accusa , assim como augmenta as forças

ças, donde vê alguma occasião de brio, tambem as debilita, donde encontra huma apparencia de desdouro: no crime o animo se abate, menos pelo medo do castigo, que pela qualidade delle; daqui vem que ha mais resolução no delicto, que não irroga infamia; e de tal sorte que o delinquente ás vezes declara por vaidade a culpa; a mesma vaidade lhe serve de tormento, e o obriga a confessar. As leys conheceraõ bem este principio, por isso imaginaraõ penas vis; pozeraõ distincão no modo de as executar; e sabiamente introduziraõ nobreza, até no modo de morrer.



Ha crimes, cuja atrocidade exige huma pena ainda mayor; isto he huma pena permanente, successiva, indelebil; que comprehenda culpados, e innocentes; que induza infecção fatal.

Sobre a vaidade dos homens. 95

tal, não só no sangue dos que estão, mas também no sangue dos que hão de vir; e que faça detestavel, não só o author do crime, e a sua descendencia, mas ainda a mesma lembrança do seu nome. Quantos ha que não temem o castigo, pelo que este tem de insupportavel, mas pelo que tem de infame; e que o não receão pelo que toca a si, senão pelo que ha de tocar aos seus? A corrupção da natureza, chega nelles a desprezar a sua propria conservação, mas não a sua reputação; desattendem ao seu opprobrio pessoal, mas não à aquelle que ha de ficar, e continuar nos que hão de vir depois: este resto de vaidade he unicamente o que os reprime. A malicia lhes ensina, que o perder a vida não he grande pena; porque esta verdadeiramente não affenta em se perder a vida, mas em a perder anticipadamente; e com effeito

feito não he grande o mal, que sempre he infallivel por outra parte ; e que por ora só consiste na circumstancia do tempo ; isto he , em ser com antecedencia , e ser já , aquillo que certamente ha de vir a ser daqui a pouco : por isso o prezo , que se mata , he como hum prezo que foge ; hum , e outro , illudio o castigo ; porque este devia consistir na duraçãõ , e não na extincçãõ. Daquella sorte, ficou impunido o crime ? Não , porque supposto se auzentasse o delinquente , cá deixou o nome , e a memoria ; e nesta ainda tem lugar a pena ; contra ella se fulmina a condemnaçãõ de hum labéo perpetuo : o que acabou com a fugida , ou com a morte , foy a pena temporal , e por consequencia pena curta , porque acabava com a vida ; mas fica subsistindo a pena da ignominia , pena quasi sem fim , porque a tradiçãõ , e a historia a fazem renas-

Sobre a vaidade dos homens. 97

renascer a cada instante. A vaidade faz-nos adorar o respeito , e a estimação dos homens ; por isso o desprezo afflige , ainda só considerado em hum cadaver , em huma posteridade , em hum nome ; a pena vil imposta em huma estatua faz pavor , naõ pelo que he , mas pelo que representa ; o criminoso, que de longe a considera, se estremece ; por via do pensamento se lhe communica de alguma sorte a dor , e assim nem por fugir ao castigo , fica livre delle. A vaidade entende que tudo quanto he nosso , he susceptivel de afflicção , e de prazer , de respeito , e de vituperio ; e assim nos persuade , que para as razões da magoa , e do contentamento , a nossa semelhança tem ser , a nossa sombra vida , e a nossa estatua sentimento.



A falta de Religiaõ , e de bons costumes , faz cahir o homem no estado

N

tado

tado total de perversidade , a falta de Religiaõ consiste em se naõ temer a Deos , a falta de collumes resulta de se naõ temer os homens : e verdadeiramente quem naõ temer a Ley de Deos , nem as leys dos homens , que principio lhe fica por onde haja de obrar bem ? A nossa natureza propende para o mal , por isso foy preciso prescreverlhe hum certo modo de viver ; vivemos por regras. No exercicio do mal achamos huma especie de doçura , e de naturalidade , as virtudes praticaõ-se por ensino , o vicio sabe-se , a virtude aprende-se. Miseravel condiçaõ do homem ! O que devia saber , ignora , e o que devia ignorar , sabe : para o que nos he util , necessitamos de estudo , e para o que nos he pernicioso naõ ; para o bem necessitamos de lembrança , e para o mal de esquecimento. He necessario que nos esqueçamos do mal ,
que

que já sabemos, e que nos lembremos do bem, que devemos fazer; huma cousa custa-nos a lembrar, a outra custa-nos a esquecer. O vicio sabemos sem arte, sem tempo, sem mestre, e sem trabalho; a virtude não vem commumente, senão como fructo da experiencia, da meditação, dos preceitos, e dos annos: para o vicio não necessitamos de conhecer, nem saber nada; para a virtude he nos preciso conhecer, e saber tudo. Difficilosa empreza! Exercitamos o vicio, ficando da mesma sorte que somos; em lugar que as virtudes, não as praticamos, sem que nos mudemos; toda a vida levamos nesta emenda: feliz o que a consegue! Hum homem ás avessas seria hum homem perfeito. Para obrarmos bem, não temos mais do que consultar a natureza, e fazer o contrario; se este documento fosse universal, e não tivesse alguma, ou

múltas limitações , estava achado o meyo de abbreviar huma das sciencias que nos he mais importante ; entã cada hum de nós tinha em si o caso , e a ley ; só com a differença , de que por obrigaçã da mesma ley , se havia de seguir a disposiçã , que lhe fosse mais contraria ; a sua observancia devia consistir na inobservancia , e a obediencia na desobediencia : e com effeito ha muitas cousas , que as não vê quem está no mesmo lugar , mas sim quem está em lugar opposto ; outras conhecem-se melhor por aquillo que lhe he desconfórme ; e outras , para serem vistas como são , não se haõ de ver directamente. Ha muitas partes donde se não póde chegar , se logo no principio se não toma huma derrota falsa ; e ainda nas verdades ha algumas , que se não pódem alcançar , enã pelo caminho do erro ; para acertar tambem he necessario ver primeiro

meiro o defacerto; a qualidade da luz distingui-se melhor pelos efeitos da sombra: quem olha para os montes do Occidente, vê primeiro nascer o Sol, do que quem inclina a vista no Oriente. E assim vimos ao mundo para fugirmos de nós, isto he das nossas paixões, e entre ellas das nossas vaidades, destas porém não devemos fugir sempre, porque a vaidade ás vezes he hum vicio, que serve de moderar, ou impedir os outros; e com effeito quem não tem vaidade alguma despreza a reputação, e por consequencia a honra: esta constitue huma religião humana, que se não póde desprezar sem crime; por isso o homem de iniquidade he a quem desemparrarou não só a virtude da razão, mas tambem o vicio da vaidade. Daqui vem que he util o ter alguma tinctura de vaidade, a substancia não; não ha de ser o corpo, mas a superficie.

Nos contratos tem pouca parte a boa fé; as obrigações não bastaõ, e as clausulas, por mais que sejaõ fortes, todas se controvertem, e pervertem: as condições, por mais que sejaõ claras, escurecem-se; nunca faltaõ pretextos para duvidar, nem meynos para se fazer questã daquillo, em que a não póde haver. Da falta da boa fé nasce a duvida, da duvida nasce o argumento, do argumento a desuniaõ, e desta a dissoluçã do contrato, ou a acçãõ para o desfazer. No principio das nossas convenções ninguem adverte por onde possa nellas entrar a controversia, depois de celebradas em cada ponto se achaõ mil motivos de disputa; huma virgula de menos, ou de mais, he bastante fundamento para huma larga discussãõ. Quando se não póde negar o ajuste negase-lhe o sentido; e este quando se não póde mudar, interpreta-se, e vem

vem a fer o mesmo : o que não tem interesse em cumprir o ajuste he, o que descobre nelle as implicancias, e defeitos, que os outros lhe não vem : não ha cousa mais subtil do que a malicia ; a sinceridade he simples, grosseira, e innocente : o engano todo se compoem de arte ; por isso a perspicacia nos homens he qualidade suspeitosa, e que tem menos valor, que o que commumente se lhe dá ; porque se não he sinal de hum animo dobrado, e infiel, ao menos he prova de que o póde ser. Quem sabe o como o mal se faz, está muy perto de o fazer ; e quem sabe o como o engano se pratica, tambem não está longe de enganar. A sciencia do engano he já hum principio del- le ; que lhe falta a occasião, e a vontade ? A occasião póde offercerse, e a vontade poucas vezes resiste à occasião. Por isso nos contratos he mais peri-

perigosa a fé nos que sabem mais ; o arrependimento he certo , quando em hum ajuste , ou não ha conveniencia , ou esta já passou : queremos affastarnos do contrato ; o ponto he saber o como ; e assim para a infidelidade só nos falta o modo , a resoluçãõ não. O nosso cuidado todo está em descobrir o expediente , e isto em ordem a mostrar , que se mudamos , he por vicio do contrato , e não por nosso vicio. A repugnancia voluntaria , queremos fazer passar por necessaria : o violar a boa fé nunca nos serve de embaraço , com tanto que a violaçãõ se attribua a outrem ; e o ser a culpa nossa não importa , com tanto que pareça alheya ; aquillo em que hontem não havia nada de impossivel , porque era questaõ de receber , hoje he todo impraticavel , porque he questaõ de dar ; hontem parece que os montes se reduziaõ a planicies , hoje as planicies

ciões se reduzem a montes. Qualquer cousa he hum obstaculo intratavel: assim devia ser, porque o prometter he facil, o cumprir difficuloso; para prometter basta a intençãõ. Quem promette, exercita hum acto de liberdade; por isso póde haver gosto na promessa; quem cumpre, já he por força da obrigaçãõ, por isso em cumprir ha huma especie de violencia: a ninguem se obriga a que prometta, a que cumpra sim; no prometter fazemos nós, no cumprir fazem-nos fazer; em huma cousa nós somos o que obramos, na outra naõ; para aquella vamos, para esta levaõ-nos; no tempo de prometter o que vemos, saõ agrados, no tempo de cumprir o que achamos, saõ durezas; huma cousa nos inclina, a outra offende nos; quando promettemos, ficamos bem com nosco, porque nunca faltaõ agradecimentos, e lisonjas, e por

O

con-

consequencia vaidades ; quando havemos de cumprir , ficamos mal conosco , porque commummente nos arrependemos. Que cousa he o arrependimento , senão huma ira contra si proprio? Estes são os motivos de que nasce a deslealdade nos contratos ; e que poucos se haviaõ de observar , se a vaidade que em tudo nos governa , não nos obrigasse a guardar a fé nas nossas convensões! Estas , quando se cumprem , não he por vontade , mas por vaidade ; como o nosso empenho he conservar a estimação , e opiniaõ dos homens , por isso tememos que alguém diga , que mudamos , que faltamos ao ajuste , e à palavra , ou que enganamos : todas estas expressões infamaõ , porque contém hum caracter de reprovação universal , trazem o desprezo em consequencia , e se se justificaõ , fazem perder o nome , e o respeito. à maneira de huma profissão ,

Sobre a vaidade dos homens. 107

cripção, ou anathema civil; por isso a vaidade se estremece, e nos obriga a ser leaes, por força da nossa mesma vaidade. He justiça rigorosa: de sorte que a vaidade sendo huma parte de nós mesmos, contra nós mesmos se revolta, e se dirige: e assim são poucas as cousas, que fazemos só pela obrigação, que temos de as fazer; he necessario que outro mayor motivo nos incite; o que não fazemos pela verdade, fazemos pela vaidade, e desta sorte tudo quanto obramos, he por hum principio vicioso: e bem muitas vezes desce de huma origem má; a razão no homem he como hum licor precioso em hum vaso impuro; o licor sempre se contamina com a infecção do vaso; este em nós he a vaidade.

74 ~ ~

São raras as acções, que sejam illustres por si mesmas; apenas haverá algumas, que não deixem conhe-

O ii cer

cer que vem do homem. As mais das cousas admiraõ-se, porque se não conhecem; e juntamente porque nelas ha hum rico véo, que as cobre: vemos hum exterior brilhante, que muitas vezes serve de esconder hum abyfmo horrendo; a mesma luz arma-se de rayos, para que não possa examinar-se de donde lhe vem os resplandores: a fermosura em tudo nos attrahe; a nossa admiração não póde passar além; donde a encontra, ahi fica suspenfa, e cega. Isto succede nas acções dos homens; as mais sublimes, parece que nos cegaõ, e suspendem; e talvez seriaõ detestaveis, se lhes não ignorassemos as causas. Tudo o que tem ar de grande prende a nossa imaginação. de sorte, que não fica livre para discorrer na coufa, fenaõ no estado de grandeza em que a vê, e não para indagar de donde veyo, nem como veyo. As aguas
que

Sobre a vaidade dos homens. 109

que saltão de hum rochedo , e que correm velozmente para o mar , antes que lá cheguem , vão passando por lugares differentes ; em huns alargão-se , em outros cabem mal ; em huns achão fundo , e caminhaõ docemente , em outros só vão lavando a branca area ; em huns murmuraõ , em outros precipitaõ-se ; em huns não encontraõ embaraço , correm facilmente , e com socego , em outros detem-se , porque passaõ por penedos desiguaes ; em huns parece que fogem , em outros tambem parece que descansão ; em huns vão sem rodeyo , em outros retrocedem , e se quebraõ em mil gyros ; aqui vão regando a flor do campo , alli vão banhando o junco humilde ; aqui correm transparentes , e alli vão turvas , e limosas. Estas são todas as mudanças por onde passaõ as aguas de huma fonte , desde que deixaõ o rochedo

do donde nascem, até que entram no mar a donde morrem: confundidas hoje as suas aguas, já não são aguas de huma fonte; já não são aquellas, que vierão de hum rochedo sombrio, e cavernoso; mudado o nome, e o theatro, agora estão formando a immensidade do Oceano: já não servem de animar o prado, nem de triste companhia a hum amante solitario, já não servem de espelho ás verdes ramas, nem o seu sussurro serve já de liquido instrumento ao canto singular das aves, finalmente já não são crystaes as suas aguas, são ondas. Desta mesma sorte são os homens: assim sahem, assim buscaõ, e assim chegaõ ao estado da grandeza; a vaidade, que os leva, e acompanha, logo lhes tira da memoria o lugar de que vierão, e os que andaraõ, e só lhes mostra aquelle a donde estão: ha muitas cousas que

Sobre a vaidade dos homens. 290

que não queremos, ou: não podemos ver nem na sua origem, nem no seu progresso; a excellencia do fim nos occupa inteiramente, e impede, que vejamos a fatalidade, ou indignidade dos seus meynos; até o nosso pensamento parece que se deixa penetrar de attençaõ, e de respeito, a fortuna não escolhe os homens, favorece ao primeiro que encontra, porque todos para a fortuna são iguaes, e valem o mesmo; por isso o imperio do destino he absoluto, sem regras, nem preceitos; a vaidade nos infinua, que todos os meynos, e caminhos são bons, quando se alcança: a gloria do successo regula-se pela qualidade da vitoria, e não pela qualidade do vencedor; importa menos saber, quem he o que venceo, ou como venceo, do que saber sómente quem venceo: os homens só na razaõ de homem: tem igual direito huns para subirem, e outros

tros para descerem; o merecimento só se peza naquelles que cahem, e não nos que sobem. Os caminhos examinaõ-se aquelles por onde se não chegou, e os meynos são desapprovados, quando por elles se não conseguiu; a fortuna costuma haver os merecimentos por justificados; a desgraça não he assim, porque os deixa duvidosos, e sujeitos ao exame: as acções, que conduziraõ a algum fim grande, ainda que injusto, são menos aborrecidas; e isto à imitação da luz, que introduz a claridade na mesma escuridaõ das trévas. Na parte em que domina algum usurpador, para elle he que se olha, e não para a usurpação; vê-se a altura do trono, e não se vem os de grãos por onde se subio a elle; os meynos por mais que sejaõ horrorosos, não se consideraõ, porque são como de grãos, que se pisão; o ponto he que o fim seja feliz.

Sobre a vaidade dos homens. 113

liz. Se a vaidade fosse huma virtude , só nos havia de inspirar meyos virtuosos ; mas como he vicio , tudo nos ensina : por isso o ser cruel , traidor , tyranno , não faz horror a quem necessita da traição , da tyrannia , e da crueldade. O estado da grandeza poucas vezes se adquire justamente , a fortuna parece que se irrita de que a não busquem por todos , e quaesquer modos : não ha cousa que nos faça buscar a fortuna tanto como a vaidade.

75 ~ ~

A ambição dos homens por huma parte , e pela outra a vaidade , tem feito da terra hum espectaculo de sangue : a mesma terra , que foy feita para todos , quizeraõ alguns fazella unicamente sua : digaõ os Alexandres , os Cesares , e outros mais conquistadores ; heroes não por principio de virtude , ou de justiça , mas por hum
P excess-

excesso de fortuna , de ambição , e de vaidade. Esses mesmos, que tomados por si sós cabião em hum breve espaço , medidos pelas suas vaidades, apenas cabião em todo o mundo : que mais podia excogitar a vaidade , do que fazer que alguns se lamentassem de ser o mundo estreito , e limitado ! Já lhes parecia que o tinhaõ todo debaixo do seu poder ; que tudo estava já sujeito , e que ainda assim era curto imperio todo o circuito da terra , e toda a vastidão do mar. Aquella vaidosa infelicidade de que se lamentavaõ , consistia em naõ haver mais mundos que pudessem invadir , devastar , vencer ; era desgraça nelles o naõ poderem fazer mais desgraçados. Huma conquista injusta sempre começa pela oppressão dos homens conquistados , e pelo destroço de huma terra alheya , por isso as façanhas que só tem por principio a vaidade
do

Sobre a vaidade dos homens. 115

do valor , reputaõ-se grandes à proporçaõ da impiedade, com que o mesmo valor as executa; fazem-se fimosas pela mesma impiedade: daqui vem que nos annaes da Historia , a parte que se admira mais , e que mais se imprime na lembrança , he aquella em que a narraçaõ se compoem de successos mais crueis; e em que os campos, que foraõ de batalha , cubertos ainda hoje de esqueletos informes , e partidos , conservaõ certo horror ; esses campos fataes, em que se observaõ espectros , de baixo da visãõ de humas luzes volateis , e em que se ouvem ainda hoje , entre o rouco som de caixas , e trombetas , vozes mal articuladas , alaridos confusos , e lamentos tristes ; esses campos , que depois de muitos seculos , ainda trazem à memoria representações funestas , e em que as plantas , parece nascem com medo , e que o humor, que rece-

bem da terra , he sensitivo ; effes campos finalmente foraõ os mesmos , em que a vaidade vencedora , arrancou os lourcs para coroar as suas emprezas. Que monstro inspiraria a regra de medirse a gloria dos combates , menos pela consequencia delles , que pelo estrago ; menos pela utilidade , que pela ruina ; menos pela fortuna de huns , que pela desgraça de outros ? Quanto mayores saõ os ays , os gemidos , e os clamores , tanto mayor he a acção , e a vaidade de quem os move. Que imaginação barbara , e féroz , seria a que ideou no vencimento o ser superior aquelle , de que resulta huma desolação universal ? O ser causa de que o mundo tome outra figura , outra ordem , outro movimento ; o ver perturbadas as gentes , cheyas de afflicção , e espanto ; o achar todos os caminhos humedecidos com lagrimas , rubricados

Sobre a vaidade dos homens. 117

cados com sangue, e impedidos com os despedaçados corpos de mil agonizantes; o ouvir no ar em eccos entrecadentes huma multidão de soluços, e suspiros; o abater imperios, e fazer delles desertos solitarios; tudo fórma hum objecto agradavel, pomposo, e illustre, em que a vaidade se inflamma, se estende, e ensoberbece. A vaidade de hum enthusiasmo heroico consiste em querer reunir em hum só braço toda a força, que a Providencia repartio por muitos, e em querer reduzir a hum só homem toda a natureza humana.

76 ~ ~

Nascem os homens iguaes; hum mesmo, e igual principio os anima, os conserva, e tambem os debilita, e acaba. Somos organisados pela mesma fórma, e por isso estamos sujeitos ás mesmas paixões, e ás mesmas vaidades. Para todos nasce o Sol;

Sol ; a Aurora a todos desperta para o trabalho ; o silencio da noite , annuncia a todos o descanso. O tempo que insensivelmente corre , e se distribue em annos , mezes , e horas , para todos se compoem do mesmo numero de instantes. Essa transparente regiaõ a todos abraça ; todos achão nos elementos hum patrimonio commum , livre , e indefectivel ; todos respiraõ o ar ; a todos sustenta a terra ; as qualidades da agua , e do fogo , a todos se communicãõ. O mundo não foy feito mais em beneficio de huns , que de outros , para todos he o mesmo ; e para o uso delles todos tem igual direito ; ou seja pela ordem da natureza , ou seja pela ordem da sua mesma instituiçaõ ; todos achamos no mundo as mesmas partes essenciaes. Que cousa he a vida para todos mais do que hum enlevo de vaidades , e hum gyro successivo

Sobre a vaidade dos homens. 119

sivo entre o gosto , a dor , a alegria , a tristeza , a aversão , e o amor ? Ainda ninguem nasceo com a propriedade de insensivel ; a vida-naõ pôde subsistir , sem estar subordinada ás impressões do gosto , e do sentimento. Todos nascemos para chorar , e para rir ; a circumstancia de chorar mais , ou menos , resulta de cada hum de nós. A violencia , e a vaidade das nossas paixões nos faz appetecer , e quem appetece , já se expõem aos delirios do riso , e ás amarguras das lagrimas ; esse mesmo appetecer ainda só por si , he huma especie de sentimento , e de prazer ; a imaginação nos anticipa tudo , por isso o nosso contentamento , ou a nossa pena , chegaõ primeiro do que o seu objecto ; e este quando vem , já nós estamos , ou abatidos de tristeza , ou cheyos de alegria : somos taõ sensiveis , que os successos para nos moverem ,

verem, não he necessario que estejam em nós, basta que os vejamos de longe; a nossa sensibilidade tem mayor força na nossa mesma apprehensão; daqui vem que no mal, que se espera, ou se receya, não póde haver alivio, porque o pensamento lhe dá huima extensão mayor; em lugar, que o mal que já se sente, póde consolar-se, porque então se vê que tem limite. As cousas parece que se espiritualizaõ para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a efficacia dellas se incorpore em nós, muito antes que ellas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, já são nossas; e quando a causa se apresenta, já temos sentido os seus effeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que ha falta naquillo que vimos a conseguir: as cousas, quando chegaõ, já nos

nos achão faciados; porque o desejo he huma especie de gozar mais activa, e mais duravel, mais forte, e mais continua; daqui procede o ser taõ deleitavel a esperanza, porque he huma especie de possessão daquillo que se espera. Quem imagina o que deseja, tudo pinta com cores lisonjeiras, e mais vivas; por isso a verdade he grosseira, e mal polida; tudo o que descobre, he sem adorno; antes faz desvanecer aquella apparencia feliz, com que os objectos primeiro se deixaõ ver na idéa, do que se mostrem na realidade. Todas estas propensões, e inclinações se encontraõ em cada hum de nós; e assim devia ser, porque as variações do tempo, da idade, da fortuna, e dos successos, a todos comprehende, e a todos iguala; só a vaidade a todos distingue, e em todos poem hum final de differença, e hum cara-

Q

cter

eter de desigualdade , e por mais que a terra fosse feita para todos , nem por isso a vaidade crê , que hum homem seja o mesmo que outro homem. He subtil a vaidade em discorrer ; por isso nos inspira ; que ha desigualdade no que he igual ; que ha differença no que he o mesmo ; e que ha diversidade donde a não póde haver : mas que importa que a vaidade assim discorra , se sempre he certo , que os homens todos são huns , e que os não ha de differente fabrica ; e que tudo quanto a vaidade ajunta ao homem , he emprestado , fingido , supposto , e exterior. Tirada a insignia , o que fica , he hum homem simples ; despida a toga Consular , tambem fica o mesmo. Se tirarmos do Capitaõ a lança , o casco de ferro , e o peito de aço , não havemos de achar mais do que hum homem inutil , e sem defesa , e por isso timido ,
e co-

Sobre a vaidade dos homens. 123
e cobarde. Os homens mudaõ-se todas as vezes que se vestem ; como se o habito infundisse huma nova natureza : verdadeiramente não he o homem o que muda , muda-se o effeito que faz em nós a indicação do habito. De baixo de hum apresto militar concebemos hum guerreiro valeroso , de baixo de huma vestidura negra , e talar , o que se nos figura , he hum Jurisconsulto rigido , e inflexivel ; de baixo de hum semblante descarnado , e macilento , o que descobrimos , he hum austero Anachoreta. O homem não vem ao mundo mostrar o que he , mas o que parece ; não vem feito , vem fazerse ; finalmente não vem ser homem , vem ser hum homem graduado , illustrado , inspirado ; de sorte que os attributos, com que a vaidade veste ao homem , são substituidos no lugar do mesmo homem ; e este fica sendo como hum accidente su-

Q ii perfi-

perficial , e estranho : a mascara , que encobre , fica identificada , e substancial à cousa encuberta ; o véo que esconde , fica unido intimamente à cousa escondida ; e assim não olhamos para o homem ; olhamos para aquillo que o cobre , e que o cinge ; a guarnição he a que faz o homem , e a este homem de fora he a quem se dirigem os respeitos , e attensões ; ao de dentro não ; este despreza-se como huma cousa commua , vulgar , e unifórme em todos. A vaidade , e a fortuna são as que governaõ a farça desta vida ; cada hum se poem no theatro com a pompa , com que a fortuna ; e a vaidade opoem ; ninguem escolhe o papel ; cada hum recebe o que lhe daõ. Aquelle que sahe sem fausto , nem cortejo , e que logo no rosto indica , que he sujeito à dor , à afflicção , e a miseria , esse he o que representa o papel de homem. A
morte

Sobre a vaidade dos homens. 125

morte que está de sentinella , em huma maõ tem o relógio do tempo , na outra tem a foice fatal , e com esta de hum golpe certo , e inevitavel , dá fim à tragedia , corre a cortina , e e desapparece : a fortuna , e a vaidade , que vem desbaratada a scēna , cahidas por terra as apparencias , próstrados os actores , emmudecido o cōro , trocados os clarins em flautas tristes , os hymnos em trenos , os canticos em elegias , e em epitafios os emblemas ; as rosas encarnadas convertidas em lirios roxos , os gyrafoes em desmayadas assucenas , entrelaçados os louros no cypreste , os cajados confundidos com os cetros , e com o burel a purpura ; a vaidade pois , e a fortuna , que em menos de hum instante viraõ desvanecidos os triunfos da vida pelos triunfos da morte , precipitadamente fogem , e deixaõ hum lugar cheyo de horror ,
e som-

e sombras, e donde só reina o luto, a verdade, e o defengano. Assim acaba o homem, assim acabaõ as suas glorias, e só assim acaba a sua vaidade.

27 ~~~

A fraqueza dos nossos sentidos nos impede o gozar das cousas na sua simplicidade natural. Os elementos não são em si como nós os vemos: o ar, a agua, e a terra a cada instante mudaõ, o fogo toma a qualidade da materia que o produz, e tudo em fim se altera, e se empeora para ser proporcionado a nós. A virtude muitas vezes se acha com mistura de algum vicio; no vicio tambem se podem encontrar alguns rayos de virtude; incapazes de hum ser constante, e solido, apenas se póde dar em nós virtude sem mancha, ou perfeito vicio: a justiça tambem se compoem de iniquidade semelhante à harmonia, que

Sobre a vaidade dos homens. - 127

que não póde subsistir sem dissonancia, antes com correspondencia certa, a dissonancia he huma parte da harmonia. Vemos as cousas pelo modo com que as podemos ver, isto he, confusamente, e por isso quasi sempre as vemos como ellas não são. As paixões formaõ dentro de nós hum intrincado labyrintho, e neste se perde o verdadeiro ser das cousas, porque cada huma dellas se apropria à natureza das paixões por onde passa. Tomamos por substancia, e entidade, o que não he mais do que hum costume de ver, de ouvir, e de entender; a vaidade, que de todas as paixões he a mais forte, a todas arrasta, e dá ao nosso conceito a fórma, que lhe parece: o entendimento he como huma estampa, que se deixa figurar, e que facilmente recebe a figura, que se lhe imprime. A vaidade propoem, e decide logo, de sorte que quando as

cou-

cousas chegaõ ao entendimento já este está vencido ; o que faz he approvar a preocupação anterior, que a vaidade lhe introduz , e assim quando a vaidade busca o entendimento he só por formalidade , e só para a defender , e authorisar , e não para aconselhar. O discorrer com liberdade , suppoem huma exclusão de todas as paixões ; que os homens se possaõ isentar de algumas , póde ser , mas que de todas fique isento ao mesmo tempo , he muy difficil. Tudo quanto vemos , he como por huma interposta nuvem ; o que imaginamos , tambem he como por entre o embaraço de mil principios differentes , incertos , e duvidosos ; e quando nos parece que a nossa vista rompêo a nuvem , e que o nosso discurso desfez o embaraço , entãõ he que estamos cegos , e entãõ he que erramos mais. A vaidade nos tem em
hum

hum continuo movimento , e como he paixãõ dominante em nós, a todas as mais sujeita , e prevalece a todas : semelhante ao impulso das ondas , a que não resiste o fragil de huma náõ , quando o mar embravecido a faz correr com a tormenta ; o navegante parece que busca o perigo , porque não se oppoem à corrente das aguas , antes as segue , e só assim escapa ao naufragio. Quantas vezes o buscar o precipicio he o unico meyo de o evitar ! A vaidade he a tormenta , ou o mar tempestuoso que nos move ; o deixar de a seguir , nem sempre póde ser , nem he acertado sempre ; porque a vaidade he hum mal commum , e entre os homens he culpa o não participar de hum contagio universal ; he crime o conservar-se puro no meyo da impureza : essas mesmas aguas nos ensinão ; todas se movem , o furor , com

R

que

que se quebraõ , as conserva ; o seu repouso seria o mesmo que a sua corrupçaõ.



intencional
 Em nada podemos estar firmes , pois vivemos no meyo de mil resoluções diversas : as idades , e a fortuna continuamente combatem a nossa constancia ; tudo consiste em representação que começa , naõ para existir , mas para a cabar ; menos para ser , que para ter sido. Vimos ao mundo a mostrarnos , e a fazer parte da diversidade d'elle ; as cousas parece que nos vaõ fugindo , até que nós vimos a desaparecer tambem. Somos formados de inclinações oppostas entre si , e temos em nós huma propensaõ occulta , que sobre a apparencia de buscar os objectos , só procura nelles a mudança. A inconstancia nos serve de alivio, e desopprime , porque a firmeza he como hum pezo,

pezo, que não podemos supportar sempre, por mais que seja leve: e com effeito como pódem as nossas idéas serem fixas, e sempre as mesmas, se nós sempre vamos sendo outros? Tudo nos he dado por hum certo tempo; em breves dias, e em breves horas se desvanece a razaõ da novidade, que nos fazia appetecer; fica invisivel aquelle agrado, que nos tinha induzido para desejar. Quantas vezes esperamos as sombras da noite com mais fervor do que as luzes do dia; não por vicio do desejo, mas porque não temos forças para supportar o bem, nem para conservar o mal? Tudo nos cança: não só nos he preciso constancia para soffrer; tambem necessitamos paciencia para gozar; a mesma delicia nos importuna. Perdemos as cousas, primeiro pela nossa indifferença, que pelo fim dellas; primeiro

R ii por-

porque se acaba em nós o gosto, do que nellas a duração; unicamente sensíveis quando começamos a ter, ou a alcançar; então gozamos, depois só possuímos. Os objectos depois de vistos muitas vezes, ficam como differentes da primeira vez que os vimos; perdem todo o nosso reparo, e attençaõ: os olhos facilmente se esquecem do que sempre vem; não porque o costume nos tire a admiraçaõ, mas porque a fraqueza dos nossos sentidos a não pôde conservar. Oh quam diversos são em si os principios de que se compoem o homem; primeiramente terra, e ultimamente racional! Começa a melhorar-se desde a sua primeira origem, até que vem a tornar à aquillo de que procedeo. Infeliz metamorphosis! Tudo o que nasce he para não ser firme, nem constante: a terra apenas alenta as suas producções, quan-

Sobre a vaidade dos homens. 133

quando logo as deixa, e desanima; o mesmo firmamento, com gyro rapido, esconde pela tarde os Astros que amanheceraõ com a Aurora. Só a vaidade he constante em nós; em tudo o mais a firmeza nos molesta: com o tempo, e a razão vimos a perder huma grande parte da sensibilidade no exercicio das paixões; porém o exercicio da vaidade não se perde com a razão, nem com o tempo. O nosso gosto debilita-se, altera-se, muda-se, e tambem se acaba; a vaidade sempre persiste, e dura: isto deve ser, porque os nossos sentidos usaõ-se; a vaidade não: naquelles o costume os enfraquece, nesta o costume a augmenta, e aviva. A jurisdicção dos sentidos he muito limitada, porque os olhos só vem, os ouvidos só ouvem, e o tacto só sente; e para haver ainda menos firmeza nos sentidos, estes quasi sempre

pre estão enfermos; e não pôde haver constancia, donde pôde haver enfermidade; de forte que a inconstancia não he mais do que enfermidade dos sentidos. As nossas acções dependem mais da constituição do nosso corpo, que da estabilidade da nossa vontade; o estado do nosso animo depende da nossa disposição; por isso a inconstancia he natural, porque logo que nascemos, entramos em hum estado continuo de mudar. O tempo não conta a nossa idade pelos annos, mas sim pelos instantes, e cada instante de mais tambem he de mais em nós huma mudança. Caminhamos com pressa, e com gosto para o fim; semelhantes aos rios, que apressadamente correm para o mar, donde perdem a doçura, e acabão. Não ha imagem mais propria da vaidade humana, do que esses mesmos rios; nem

Sobre a vaidades dos homens. 135

nem todos tem o nascimento em hum profundo lago ; nem todos trazem do monte Olympo a origem ; nem todos correm por entre flores , por entre platanos , e cedros ; nem todos trazem ouro nas aréas , porque nem todos vem de donde vem o Tejo ; huns assim que nascem , logo formaõ hum diluvio de agua , innundaõ a campanha , e com violencia , e pezo , tudo abatem , forçaõ , levaõ ; o leito que os sustenta , em partes se abre , se rompe , e se desfaz . Outros rios mais pequenos no principio , depois se fazem caudalosos , no caminho engrossaõ com emprestadas aguas , que recebem : huns correm por cima de esmeraldas , outros naõ tem no fundo mais do que humildes conchas , pardos seixos , verdes limos ; huns nascem entre crystaes claros , outros entre rocha escura ; huns passaõ escumando , e correm estror-

estrondo , outros só murmuraõ; huns achaõ campo largo , em que as aguas se dilataõ , e em que o Sol se vê , outros correm prezos , e opprimidos por entre ferras agrestes , e sombrias; huns tem alto o nascimento , porque este he no cume de altos montes , por isso ainda quando descem passaõ com estrepito , e furor ; outros tem o mesmo nascimento baixo , porque este he na parte mais remota de hum valle inferior , por isso correm mansamente , e sem ruido , só se deixaõ ver , e naõ se ouvem ; finalmente huns saõ frios com excessõ , outros tem calor ; huns servem de remedio , outros de mal ; de huns sabe-se o principio , de outros naõ ; huns tem nome famoso nos annaes da historia , outros apenas se conhecem. Todas estas differenças , encontraõ-se nos rios ; huns pequenos , outros grandes ; huns elevados , outros abatidos.

Sobre a vaidade dos homens. 137

dos. Parece que tambem nas aguas ha fortuna, e vaidade. Mas que importa, a differença dos lugares, não faz que as aguas sejam diferentes: que humas nasçam nos montes, e outras nos valles; que humas venham das nuvens, e outras da terra; que humas corram claras, e outras turvas; nada disso faz nas aguas diversidade alguma; todas são as mesmas na razão de aguas; o que succede he passarem por lugares diferentes; a natureza, o principio, e o fim he o mesmo; todas vem do mar, e tornam para o mar; o serem as aguas muitas, de sorte que cheguem a formar hum rio, ou serem poucas, de sorte que só formem hum fonte, não introduz nellas differença. Quem ha de dizer, que muitos homens juntos na razão de homens, sejam diferentes daquelles que estão só? O mar he o centro de donde

as aguas sahem , e para donde tor-
naõ ; os meatos da terra em humas
partes saõ estreitos , e em outras lar-
gos ; daqui vem que quando as aguas
chegaõ à superficie do globo , suc-
cede sahirem com mais , ou menos
abundancia , e assim naõ differem os
rios das fontes , senaõ no diametro
do canal , e em este se terminar em
algum monte , ou algum valle ; e
nesta fórma , de que se desvanecem
esses rios ? Será de passarem por ca-
minhos mais , ou menos largos ? De
se juntarem huns com outros , e fa-
zerem mais volume ? De encontra-
rem diamantes ? Ou de acharem hum
campo mais , ou menos dilatado ?
Nada disso he seu. Que lustre póde
resultar do encontro de huma cousa
alheya , distincta , separada , e es-
tranha ? As aguas passaõ como saõ , e
por passarem por rubins , naõ se con-
vertem nelles ; nem se dignificaõ pe-
la

La qualidade do caminho: o correrem mais juntas, não lhes muda a natureza; a substancia de huma pinga de agua, he a mesma que a de hum rio inteiro; o tamanho he circumstancia exterior, e independente. Na creação do mundo não houve nas aguas differença, só houve divisão; a diversidade só foy no nome, e no lugar, mas não na materia original: o Espirito vivificante, e eterno, em todas infundio hum movimento proprio, circular, fecundo, e sujeito às leys do pezo, e do equilibrio. Ha pois nas aguas o mesmo nascimento em todas, a mesma propriedade, e o mesmo fim. Assim são os homens; no seu genero, tem com as aguas hum paralelo, ou figura igual. Nem todos nascem na abundancia; nem a todos a fortuna lisonjea; huns parece que nascem para o descanso, outros para o trabalho.

balho ; huns para a grandeza , outros para a humildade ; huns para a opulencia , outros para a miseria ; huns para o respeito , outros para o desprezo ; huns para a memoria , outros para o esquecimento , huns para abo-nança , outros para a tormenta ; huns para venturas , outros para desgraças ; huns para as attenções , outros para os descuidos ; a huns vemos subir , a outros descer. Mas que importa que no exterior do homem haja tanta differença , se no seu interior não ha nenhuma ? Que importa que sejaõ diversos os lugares , se nos sujeitos não ha diversidade ? Quem ha de haver que diga , que o homem que está posto no elevado de huma torre , seja mais homem , que aquelle que está posto em campo razo ? O homem muda de lugar , mas não muda o ser de homem ; em toda a parte he o mesmo , e em nenhuma he mais,
nem

*Alto d.
homem*

nem menos ; póde parecer mayor , mas ser , naõ. O Sol no meyo dia brilha mais , naõ porque deixe de ser o mesmo , nem porque entaõ tenha mais luz , mas porque esta faz mais effeito em hum lugar , que em outro ; no Occaso , e no Oriente he o mesmo Sol , e a mesma luz , mas naõ parece o mesmo. Assim saõ os homens ; em qualquer parte que os ponhaõ , todos saõ iguaes , e uniformes ; a differença , que ha entre elles , naõ tem outro fundamento , que o que vem da preocupação , e do conceito ; saõ duas cousas , e ambas vaãs , porque nenhuma tem realidade. A fortuna póde armar o homem com jeroglificos , e adornos figurados , mas naõ o póde armar senaõ por fora ; quem levantar as roupas , ha de ver o engano , e a supposiçaõ , e naõ ha de achar mais do que hum homem como os outros , cujo ornato he de
pura

pura fantasia, arbitraria, artificial, e separavel; a fortuna póde vestir, não póde formar; sabe fingir, mas não sabe fazer. O mesmo obsequio todo se compoem de hum ceremonial imaginario, mudavel, de instituiçãõ nacional, e variante. O incenso que algumas vezes he symbolo da vaidade, e da lisonja, primeiro que exhale o seu perfume, arde, e no ar se extingue, e se consome. Tudo o que nos recreya, e nos attrahe, he exhalaçãõ, e fumo; por isso o emprego da vaidade todo consiste em dar substancia ás vozes, entidade ao modo, e corpo ao vento.

79. ~ ~ ~

A vaidade satisfeita, ou offendida, he a que nos faz buscar a solidãõ, e o retiro; como temerosos de perder a tristeza, em que achamos hum agrado de genero diverso. Ha muitos males, em que a vaidade parece

Sobre a vaidade dos homens. 143

ce se deleita ; e ainda sem vaidade a alegria muitas vezes nos soçobra ; não só o excesso , mas ainda a mediocridade della ; porque nunca a gozamos sem alguma perturbação : hum receyo insensível de aperdermos , basta para opprimirnos , e por mais que o contentamento nos extasie , nunca nos deixa em estado de não sentir. A vaidade satisfeita não nos entrega à alegria , sem primeiro a temperar , com a mesma equidade com que nunca nos entrega todos à tristeza. A uniaõ do gosto com o pezar não he incompativel , por mais infinita que nos pareça a distancia de hum a outro extremo. Tambem a vaidade , e a humildade muitas vezes se encontraõ , se unem , e se conservaõ.



A mais pura alegria he aquella
que gozamos no tempo da innocen-
cia ;

cia ; estado venturoso , em que nada distinguimos por discurso , mas por instincto ; e em que nada considera a razão , mas sim a natureza. Entaõ circula veloz o nosso sangue , e os humores que em hum mundo novo , e resumido , apenas tem tomado os seus primeiros movimentos , os humores saõ os que produzem as nossas alegrias ; e com effeito naõ ha alegria sem grande movimento ; por isso vemos , que a tristeza nos abate , e a alegria nos move : o socego ainda que indica contentamento , com tudo mais he representaçaõ da morte que da vida ; e a tranquillidade póde dar descanso , porém alegria naõ a dá sempre. Mas como póde deixar de ser pura a alegria dos primeiros annos , se ainda entaõ a vaidade naõ domina em nós ? Entaõ só sentimos o bem , e o mal , que resulta da dor , ou do prazer ; depois tambem sentimos

Sobre a vaidade dos homens. 145
mos o mal , e o bem da opiniaõ ; isto
he da vaidade : por isso muitas cousas
nos alegraõ , que tomadas em si mes-
mas , naõ tem mais bem , que aquel-
le com que a vaidade as considera ;
e outras tambem nos entristecem ,
que tomadas só por si , naõ tem ou-
tro mal, que aquelle que a mesma vai-
dade lhes suppoem. A vaidade natu-
raliza em nós as opiniões do mundo ;
e de tal sorte , que o conceito , que
formamos das cousas , por mais que
nos seja indifferente , ou incerto ,
sempre faz em nós huma verdadeira
impressãõ de alegria , ou de tristeza.
Tudo o que sabemos , he como por
tradiçaõ; porque successivamente hi-
mos deixando huns aos outros as in-
telligencias, em que se fundaõ as nos-
sas vaidades , e as himos passando
como de maõ em maõ ; as que rece-
bemos dos que já vieraõ , essas mes-
mas havemos de deixar aos que haõ-
T de

de vir ; he huma herança ; que se distribue igualmente a todos , e que todos largão , e entregaõ na mesma fôrma que recebem ; por isso as idéas novas reputaõ-se como partos illegitimos , e suppostos , porque lhes falta a authoridade do tempo , que as devia authenticar. Tudo envelhece no mundo , e a velhice em tudo imprime hum caracter veneravel ; a antiguidade ennobrece as vaidades , e opiniões , e destas as modernas são menos singulares , porque tem a desgraça de começar : daqui vem que não temos alegria , senão em quanto não temos vaidade , e não temos vaidade , senão em quanto não temos sciencia della. A entrada da vida he innocente , por isso então he pura a alegria ; a continuacão da mesma vida he vaidosa , por isso a alegria então he imperfeita. Nos primeiros annos vemos as cousas como

Sobre a vaidade dos homens. 147
mo ellas são , depois vemo-las , como os homens querem , que ellas sejam ; em hum tempo a alegria só depende de nós : depois tambem depende dos outros ; naquella a alegria vem de huma natureza ainda ignorante , e sem vaidade ; depois procede de huma natureza já instruida , e por consequencia vaidosa. Que cousa he a sciencia humana , senão huma humana vaidade ? Quem nos dera , que assim como ha arte para saber , a houvesse tambem para ignorar ; e que assim como ha estudo , que nos ensina a lembrar , o houvesse tambem , que nos ensinasse a esquecer.

81

Somos compostos de huma infinidade de paixões diversas , e entre ellas a alegria , e a tristeza são as que se manifestaõ mais , e as que são mais difficeis de occultar : o semblante reveste-se do estado do nosso animo ;

T ii

mo, e a alma que em qualquer parte do corpo nos anima, ou se mostra prostrada, e sem acção, ou cheya de huma justa desordem, e de alento; se se vê afflicta, nos desempara, e se retira ao fundo mais interior de nós mesmos; contente, procura apparecer, e se faz visível debaixo da fórma do nosso riso. Isto mesmo succede à vaidade; não se póde esconder, por mais que tome a figura de humildade, de submissão, e de reverencia; a mesma vaidade quando está contente, logo se descobre, e se deixa ver debaixo de hum ar altivo, e arrogante; se está menos satisfeita, então he que toma hum ar de devoção, e desengano: com tudo a hypocrisia da vaidade póde durar muito; porque como os homens de tudo se intumecem, em tudo acha a vaidade hum exercicio essencial; por isso não só ha vaidade na alegria, mas

Sobre a vaidade dos homens. 149
mas tambem na tristeza : o homem
naõ só se desvanece da fortuna , mas
tambem da desgraça ; de sorte que
a vaidade he o mesmo que huma con-
solação universal.



A fortuna nos dispoem para a
alegria , mas naõ he só o que a cau-
sa ; a desgraça conduz para a triste-
za , porém naõ he só , o que a mo-
tiva ; antes parece que ha huma cer-
ta porção de alegria , e de tristeza ,
que ha de passar por nós precisamen-
te ; a fortuna , e a desgraça naõ a
produz , só a desperta. Tudo nos he
dado como por conta ; a vida , a for-
tuna , a desgraça , a alegria , e a tris-
teza : em tudo ha hum ponto certo ,
e fixo ; a vaidade que governa todas
as paixões , em humas augmenta a
actividade , em outras diminue ; e
todas recebem o valor , que a vaidade
lhes dá. Estamos no mundo para ser
alvos

alvos do tempo ; e deste todas as mudanças não se dirigem a nós , dirigem-se á nossa vaidade: os successos fazem effeito em nós , porque primeiro o fazem na nossa vaidade ; de sorte que hum homem sem vaidade seria o mesmo que hum homem insensível ; o prazer , e o desgosto , que não vem das primeiras leys da natureza , são vãos em si mesmos , de instituição politica , e unicamente creaturas da vaidade.



As virtudes humanas muitas vezes se compoem de melancolia , e de hum retiro agreste. As mais das vezes he humor o que julgamos razão ; he temperamento o que chamamos desengano ; e he enfermidade o que nos parece virtude. Tudo são effeitos da tristeza ; esta nos obriga a seguir os partidos mais violentos , e mais duros ; raras vezes nos faz reflectir

reflectir sobre o passado ; quasi sempre nos occupa em considerar futuros ; por isso nos infunde temor, e cobardia , na incerteza de acontecimentos felices , ou infaustos ; e verdadeiramente a alegria nos governa em fórma , que seguimos como por força os movimentos della ; e do mesmo modo os da tristeza. Hum animo alegre disfarça mal o riso ; hum coração triste encobre mal o seu desgosto : como ha de chorar quem está contente ? E como ha de rir quem está triste ? Se alguma vez se chora donde só se deve rir , ou se ri por aquillo porque se deve chorar , a alma então penetrada de dor , ou de prazer , desmente aquelle exterior fingido , e falso. Só a vaidade sabe transformar o gosto em dor , e esta em prazer , a alegria em tristeza , e esta em contentamento ; por isso as feridas não se sentem , antes lisonjeao , quando
forão

forão alcançadas no ardor de huma peleja, esclarecida pelas circumstancias da victoria; as cicatrizes por mais que cauzem deformidade enorme, não entristecem, antes alegraõ, porque servem de prova, e instrumento visível, por onde a cada instante, e sem palavras, o valor se justifica; saõ como huma prova muda, que todos entendem, e que todos vem com admiração, e com respeito; a tristeza, que devia resultar da fealdade, confunde-se, perde-se, e se muda em alegria, por meyo das aclamações do applauso; a dor do golpe tambem se converte em gosto, por meyo do remedio, e sympathya do louvor; este attrahe a si toda a nossa sensibilidade, e deixa a natureza como insensível, absorta, e indolente: assim se vê que a vaidade nos livra de huma dor como por encanto; por isso nos he util, pois serve de

Sobre a vaidade dos homens. 153

de acalmar os nossos males ; e se os agrava alguma vez , he como a mão do artista , que faz doer para curar : e com effeito a vaidade não persiste muito em fazer sensível a razão que nos molesta ; na mesma injuria do desprezo sabe descobrir algum motivo , que ou diminue a pena , ou totalmente a tira ; lá vay buscar a Religião para fazer da paciencia o mayor merecimento ; outras vezes faz que achemos nos exemplos hum alivio constante ; e que o mesmo vituperio , visto em sujeitos grandes , não só desfaça o nosso pela imitação , mas que tambem o authorize , e illustre pela razão da semelhança. A vaidade não consente , que a nossa presumpção fique abatida , antes para a conservar , lembra mil interpretações , e applicações forçadas ; daqui vem o excogitar a vaidade a regra , de que hum dos privilegios da

U

gran-

grandeza , he ser superior ás máximas do vulgo , e que nella o descredito não descredita , a deshonra não deshonra , e a infamia não infama. A vaidade da grandeza parece que he mais subtil , e mais vã do que as outras vaidades , pois introduz o poder , e a authoridade , até no modo de pensar. Mas que importa , que a vaidade estabeleça regras , se estas sempre ficam dependentes da approvação dos homens ; e se estes não sabem sujeitar os seus conceitos , senão à aquillo que he commum , que toca a todos , e que a todos comprehende ? Por isso assim como em todos póde ter lugar a causa da ignominia , tambem em todos póde ter lugar o effeito della. A vaidade póde enganar a cada hum , pelo que respeita a si , mas não póde enganar a todos. pelo que respeita a cada hum. Contra a imaginação não ha poder ,
con-

Sobre a vaidade dos homens. 155

contra as acções , sim ; o pensamento em quanto não sahe da sua esfera , tem huma liberdade inteira , impenetravel , e muitas vezes invencivel. Creya pois a grandeza o que quizer de si , porque tambem nós havemos de crer della o que quizermos. A sua vaidade poderá prometter-lhe , ou fingirlhe varias izenções , porém fundallas , não ; poderá querer introduzir , mas fazer reconhecer , de nenhuma sorte. O labéo para todos he o mesmo , e se ha nelle differença , he que nas pessoas eminentes fica sendo mais reparavel , e mayor. Em huma pedra vil não ha imperfeição a que se attenda muito ; em huma pedra preciosa qualquer defeito lhe faz perder a estimação : as manchas de hum Planeta são imperceptiveis ; no Sol qualquer vapor o ofusca ; o menor eclipse he de todos conhecido ; todos o calculão ,

U ii. todos

todos o vem , e o medem ! Nas sombras não ha que distinguir , na luz qualquer alteraçãõ he reparavel.

84 ~ ~

A nossa tristeza nos faz parecer tudo o que vemos triste ; a nossa alegria tudo nos mostra alegre ; e o nosso contentamento tudo nos mostra com agrado : os objectos influem menos em nós , do que nós influimos em nós mesmos. Vemos como de fóra as apparencias de que o mundo se compoem , por isso não conhecemos o seu verdadeiro ser , nem gozamos dellas no estado , em que as achamos , mas sim naquelle em que ellas nos achão. A delicia dos olhos , e do gosto , depende mais da nossa disposiçaõ , que da sua efficacia ; o mesmo , que hontem nos attrahio , hoje nos aborrece ; hontem porque estava sem perturbaçãõ o nosso animo , hoje porque está com desafogo ;

Sobre a vaidade dos homens. 157

go ; e tudo porque não somos hoje, o que hontem fomos : o mesmo que hoje nos agrada , a manhã nos desgosta , e os objectos , por serem os mesmos , não causão sempre em nós as mesmas impressões ; por motivos diferentes recebemos alterações iguaes. O pouco que basta para affligirnos , ou para contentarnos , bem mostra o pouco constantes , que são em nós a afflicção , e o contentamento ; por isso huma , e outra cousa nos deixa com a mesma facilidade com que nos penetra. Como a maior parte das cousas , que sentimos , he sem razão , tambem nos não he necessario razão para deixarmos de as sentir ; ha espaços de tempo , em que nos esquecemos de sorte , que ficamos indifferentes para tudo , e que tudo nos fica indifferente. A mesma natureza a cada passo equivoca , com ays denota o contentamento , e explica

plica com gemidos o alvoroço ; as
ancias , e suspiros , que acompanhaõ
o tormento , tambem saõ do gosto a
imagem , e a expressaõ mais viva. A
vaidade, que commummente produz
as nossas alegrias , e tristezas , humas
vezes tudo nos representa alegre ,
outras tudo nos offerece triste. Tam-
bem na vaidade ha horas ; em humas
occupa-se em objectos de grande-
za , em outras toda se entretem em
ideas de opulencia ; humas vezes
realiza a nossa fantasia em fórma ,
que tudo nos propoem já consegui-
do ; entaõ he que a vaidade nos en-
che de alegria ; e he tambem quan-
do a alegria he vaã , porque o seu
motivo naõ tem corpo , e só se com-
poem de huma visaõ , ou sonho :
outras vezes a vaidade nos enfeita
com adornos taõ ricos , e sublimes ,
que naõ podendo sopportar , nem o
esplendor ; nem o pezo da figura ,
ella

Sobre a vaidades dos homens. 159

ella mesma se desvanece ; entãõ he que a tristeza nos combate , porque entãõ nos vemos como somos. O homem em si , he obra de huma intelligencia inexplicavel. Os seus adornos he que sãõ materiaes ; a mesma grandeza e fausto , só consta de hum apparatus superficial , risivel , e que naõ tem mais valor , que o que a vaidade , e o costume lhe tem dado : o costume he tudo ; as cousas naõ sãõ nada ; o de que fazemos tanto caso , naõ he mais , do que o modo com que os homens significãõ , ou explicãõ o respeito ; o mesmo costume faz , que buscamos humas cousas , e fugimos de outras ; e que humas nos entristecem , e outras nos alegrãõ ; e como hum mesmo objecto pode ser considerado por modos muy diversos , por isso alguns ha que ao mesmo tempo nos alegrãõ , e entristecem ; ao mesmo tempo nos fazem
cho-

chorar, e rir; amar, e aborrecer; por isso os nossos affectos mudaõ-se, encontraõ-se, e variaõ. Somos os instrumentos da vaidade; ella nos tempera, e poem no tom, que lhe parece; humas vezes nos levanta, outras nos abaixa; huma vez he hum tom subtil delicado, e agradavel; outras he hum tom aspero, duro, e pouco armoniozo. A sociedade dos homens fórma hum concerto de infinitas vozes, e de infinita diversidade. Todos choraõ, e todos cantaõ; a vaidade a todos dá porque cantem, e porque chorem; todos entraõ como partes principaes; ninguem fica destinado, sómente para ouvir, e ver: em quanto dura a acção, (isto he a vida) todos fallaõ, depois todos emmudecem; a estatua, que a vaidade enchia de ardor, e movimento, depois fica immovel, e insensivel; o mesmo homem, que attrahia
tudo

Sobre a vaidade dos homens. 168

tudo a si, depois tudo faz fugir de si : que notavel differença ! O mesmo que se via com gosto, e com respeito, depois se se vê, he com horror ; e isto porque finalmente veyo a desfazerse o edificio mais nobre, mais regular, e mais soberbo ; a melhor architectura jaz por terra ; os marmores ficaraõ sem lustro, as columnas sem força, os porticos sem ordem, os ornatos sem graça : já se não vem senaõ torres abatidas, muros arrancados, frizos rotos, bazes despedaçadas : não ha parte, por mais minima que seja, em que a ruina não seja universal ; he ruina, em que não póde haver reparo ; he templo, cuja destrucçaõ não se póde reedificar por arte : os materiaes confusos, inúteis já, perdida a proporçaõ, a medida, a correspondencia, o polimento, e ainda a mesma substancia da materia, tendem desordenadamente

X

a hu-

a huma transformaçãõ fatal , impura , fetida , verminosa , e hõrrenda ; a terra piedosamente se abre , como para recolher , ou esconder em seu seyo , o mesmo que tinha sahido del-
le ; com a differença lastimosa de receber em hum cadaver , symbolo do espanto , e da tristeza , aquillo mesmo que havia entregue em hum homem , symbolo da alegria , e da vaidade.



Os tempos , e as occasiões , tirãõ , ou daõ valor á vaidade dos homens ; e ainda que nelles se vejaõ as mesmas vaidades , com tudo ha vaidades predominantes , que se mostraõ mais em certos tempos , e que em certas occasiões se encontraõ mais. Assim como nas outras cousas , tambem na vaidade algumas ha , que saõ como filhas de hum lugar , e que em hum paiz tem mais reputaçãõ que em
em

Sob: e a vaidade dos homens. 46;
em outro. Os vicios lá parece que dependem da fortuna ; porque as illusões que os homens idolatraõ , não tem igual estimaçaõ em toda a parte. Assim como mudamos de destino , tambem mudamos de vaidades , não porque deixemos totalmente humas , para seguirmos outras ; mas porque ha vaidades , que em certos tempos tem mais culto. Ainda que a terra seja o primeiro movel da vegetaçãõ , com tudo , nem toda a terra he propria para todo o vegetal ; aquella em que nasce a rosa , muitas vezes se nega ao lyrio ; alli donde o jasmim se cria , da-se mal a assucena ; lá donde o urmo reverdece , não póde tomar alento a hera : a mesma terra , baze de todo o sensitivo , só na Africa he patria do Leaõ , na America do Leopardo , na Asia do Elefante ; o Cisne só canta nas ribeiras do Meandro ; a Feniz só na Ara-

bia se diz que sabe renascer das suas cinzas ; a Aguia não remonta ao Sol em qualquer parte. Isto mesmo se vê na vaidade , humas nascem com o homem ; essas são vaidades universaes ; outras resultaõ das opiniões , que são proprias , e particulares a cada huma das nações ; essas são vaidades locaes , e territoriaes : e nesta fórma governa a vaidade o mundo , dividida em muitas classes , ou em muitos generos de vaidades. Em huma regiaõ a vaidade dominante consiste no valor , em outra no luxo , em outra na origem ; muitos homens ha que fazem vaidade de alguns vicios , a que os inclina a qualidade do clima , e necessidade do terreno ; de forte que aquillo mesmo , que em hum lugar se faz por vaidade , em outro por vaidade não se faz ; aquillo , que em huma parte se estima por vaidade , em outra por vaidade se despre-

za : como a vaidade depende da opinião das gentes , por isso he tão mudavel como a mesma opinião ; e com effeito a vaidade he coufa essencial no homem ; a especie della não. Vivemos continuamente em esperanças , e quando alguma nos deixa , e nos engana , logo nos deixamos enganar por outra ; não podemos viver sem aquelle engano. A vaidade que nos anima primeiro , anima todas as paixões , só com a differença de que esta nossa terra , ou esta terra do homem , naturalmente produz esperança , e vaidade , e tudo o mais vem por força da cultura , e do artificio. O mesmo amor está sujeito ás leys da vaidade. Quem dissera , que o amor , que he como a alma de toda a natureza , tenha na vaidade o seu principio , e algumas vezes o seu fim. Nascer o amor da vaidade , e morrer por ella , isto he amar por vai-

vaidade ; e tambem por vaidade não amar , ou deixar de amar , parece difficil de entender ; com tudo a proposição he certa ; mas como havemos de mostralla , sem entrar ao mesmo tempo em huma successiva progressão a respeito do amor , a respeito da fermosura , e por consequencia a respeito das mulheres ? Sim faremos alguma digressão : mas que importa , em tudo havemos de encontrar a vaidade. Deixemos por hum pouco a vaidade só ; não sejaõ tudo reflexões sobre o fim do homem , sejaõ algumas sobre o seu principio ; não o busquemos naquelle estado , em que elle acaba , mas sim naquelle , em que começa ; larguemos hum instante aquelle assumpto triste , e busquemos no amor hum mais alegre ; façamos da mesma digressão , divertimento , depois sempre acharemos vaidade na fermosura ,

Sobre a vaidade dos homens. 167
mosura , no amor , e nas mulheres.



O amor não se póde definir ; e talvez que esta seja a sua melhor definição. Sendo em nós limitado o modo de explicar , he infinito o modo de sentir ; por isso nem tudo o que se sabe sentir , se sabe dizer : o gozto , e a dor , não se podem reduzir a palavras. O amor não só tem occupado , e hade occupar o coração dos homens , mas tambem os seus discursos ; porém por mais que a imaginação se esforce , tudo o que produzir a respeito do amor , são atomos. Os que amaõ não tem livre o espirito para dizerem o que sentem ; e sempre achaõ que o que sentem he muito mais do que o que dizem ; o mesmo amor entorpece a idéa , e lhes serve de embaraço : os que não amaõ , mal podem discorrer sobre huma impressãõ , que ignoraõ ; os que
ama-

amaraõ, saõ como a cinza fria, donde só se reconhece o effeito da chama, e naõ a sua natureza; ou tambem como o cometa, que depois de gyrar a esféra, sem deixar vestigio algum, desaparece.

Conhecemos as cousas, naõ pelo que ellas saõ em si, mas pela differença, que entre ellas ha; e esta differença consiste em naõ serem humas o mesmo que outras saõ; a essencia das cousas nos he totalmente occulta; e assim conhecemos os objectos, pela diversidade das figuras, e naõ pela substancia delles; a nossa noticia, toda se compoem de comparações; por isso aquillo que naõ tem cousa, que lhe seja em alguma parte semelhante, fica sendo inexplicavel: isto succede ao amor; ninguem o póde explicar verdadeiramente, porque naõ ha cousa, a que seja
ver-

verdadeiramente comparavel; o mais a que o conceito chega, he a servirse de expressões oppostas entre si; como quando se diz, que o amor he fogo, que he neve, que he alivio, que he pena, que he luz, que he sombra.



O amor distingue-se das mais paixões, em ser por objecto hum sim corporal, sujeito à saciedade; por isso dura por intervallos. A Providencia para conservação do mundo, suscitou o amor, não só nos homens, mas em toda a natureza: ainda os insensiveis, parece que amaõ, e que sentem; a differença deve de estar no modo de amar, e de sentir. As creaturas são mais perfeitas, à proporção que são capazes de mais amor; e assim o amor não só he o principio da vida, mas tambem he hum final de perfeição.



Y.

Dizer

Dizer que o amor procede de ~~uma~~ certa conformidade de humores, e de genio, mais he subtileza, que verdade; a filosofia nesta parte não foy mais feliz que em outras, donde a sciencia consiste em saber mais termos, e palavras, e não em saber mais cousas. Digamos antes, que o amor procede da fermosura; que origem lhe havemos de dar mais nobre? A razão mais facil costuma ser às vezes a mais certa; duvide-se embora da origem da fermosura, porém não se duvide da do amor.

90. ~ ~

Cada cousa tem hum limite certo, entre cuja extremidade se deve conter, e regular; porém esse tal limite não he facil de se achar, e no amor he quasi impraticavel, porque he huma paixão que não tem limite, e que só no excessso se mostra, e se acredita. Não ha delirio, que os homens

mens não desculpem, quando vem de hum grande amor; ha delictos em que o perdaõ se alcança em favor do mesmo crime; entaõ aborrece-se o effeito, mas a causa admira-se; ninguem quizera o successo em si, mas todos invejaõ o motivo.



Hum amor mediocre, e vulgar só se occupa no deleite dos sentidos, e delle faz a mayor felicidade; hum amor sublime a limenta-se em contemplar o objecto que ama; este he o amor humano, de quem se diz, tem femelhança com o amor divino. Ha vicios, que de alguma forte, parece que daõ documentos para a virtude. O amor ordinario he impulso da natureza; o amor subido he como huma emanação da alma; aquelle he sujeito à faciedade, e por consequencia à dor; porque a faciedade he huma especie de dor, e de tormento, po-

rém este não he susceptivel de algum defasocego ; aquelle busca fóra de si o alivio ; este acha em si mesmo o contentamento ; hum he como dependente da vontade de outrem ; o outro he izento do arbitrio alheyo. O nosso bem só deve depender de nós ; por isso nos fazemos infelices, à proporção que buscamos a nossa felicidade em outra parte. Mas como póde deixar de ser assim ? O nosso desejo não se póde conter dentro de nós, porque os seus objectos todos são exteriores ; a cada instante envelhecemos, porém os nossos desejos a cada instante se renovaõ, e renascem : vivemos no mundo rodeados de huma immensidade de cousas diferentes, e estas successivamente vão sendo o emprego do nosso cuidado, e das nossas attenções ; todas achão em nós huma certa disposição, que faz, que a humas queremos, e a outras

Sobre a vaidade dos homens. 173

tras não ; as nossas paixões são as que escolhem , ou reprovão ; as cousas já vem configuradas em tal forma , que assim que nos encontraõ , logo achaõ , ou hum lugar proporcionado , ou incompativel ; tudo aquillo em que ha grandeza , e pompa , a vaidade o recebe , e guarda ; tudo o em que se mostra fermosura , o amor o abraça , e se suspende. Tudo entra em nós , ou por força de amor , ou por força de vaidade : a quem a vaidade não vence , vence o amor.



Naõ temos liberdade para deixar de amar a fermosura do mundo , e das suas partes ; naõ temos livre o alvedrio para resistir ao encanto , que a natureza esconde nas suas produções. A variedade das cores , o movimento dos brutos , o canto das aves , o elevado dos montes , o ameno dos valles , a verdura dos campos

pos, a suavidade das flores, e o crystallino das aguas, tudo attrahe a nossa admiração, e tudo nos infunde amor. A fabrica do universo he como hum retrato da Omnipotencia; a grandeza do effeito indica a magestade da causa; por isso o amor, ou o louvor da obra, cede em honra do artifice.

93

Esta insigne machina serve de delicia aos nossos olhos, e de pasmo ao nosso entendimento, toda se compoem de partes agradaveis, como se inteiramente fosse tirada de hum fundo, ou principio immenso de fermosura. A mesma desordem, e confusão das cousas nos recrea; o furor dos elementos fórma hum espectáculo perfeito: o ar com os seus bramidos, a terra com os seus tremores, a agua com os seus combates, e o fogo com os seus incendios. No vento

Sobre a vaidade dos homens. 175

to admiramos hum ar, ou espirito invisivel, cuja força se emprega na ruina de muitas cousas solidas; os terremotos já reduziraõ em montes as planicies, e fizeraõ planicies dos montes, como se o mundo naõ tivera o seu assento firme; as aguas entre si se quebraõ, e despedaçãõ, e quanto mais horriveis, e agitadas, tanto mais nos mostraõ em liquido theatro mil vistosas apparencias; o fogo ainda quando parece rayo nos diverte, e ainda quando abraza allumêa; a fermosura até se sabe introduzir na fealdade, no horror, no espanto.



Vemos a perfeiçaõ dos objectos, mas ignoramos a qualidade delles, por isso os amamos, porque o amor quasi sempre foge, assim que conhece a natureza do que ama. Os antigos pintaraõ ao amor cego, talvez para mostrar, que o amor para ser conf-

constante , he preciso que seja incapaz de ver , e que a falta de luz lhe sirva de prizaõ. Muitas cousas estimamos sómente porque as naõ conhecemos , e outras porque as naõ conhecemos , as naõ estimamos ; tanto he certo que naõ ha nada certo no mundo ; nos mesmos principios se fundaõ muitas cousas contrarias , e oppostas entre si.



¶ A primeira cousa, que a natureza nos ensina , he amar ; e assim o primeiro affecto, que sabemos, he aquelle mesmo por onde a nossa existencia começa a ter principio. Novos no mundo porém naõ no amor , esse se manifesta em nós logo no berço ; alli mostramos para alguns objectos desagrado , e inclinaçaõ para outros ; a huns buscamos com rizo , e de outros fugimos com medo ; huns nos servem de espanto , outros de divertimento

Sobre a vaidade dos homens. 177

timento choramos por alcançar huns, e tambem choramos por evitar outros; como se o odio, e o amor naquella idade não tivessem outro modo de explicarse, nem foubessem mais idioma que o das lagrimas: tambem não he novo o chorarse de gofsto, do mesmo modo com que se chora de pena.



Nos primeiros annos da vida toda a variedade nos attrahe; entramos neste grande theatro cheyos de gofsto, e contentamento, sem experiencia das impressões da dor, e ignorando os effeitos da vaidade; por isso não temos entãõ, nem pensamentos que afflijaõ, nem cuidados que mortifiquem; não nos combatem as lembranças da morte, e se vemos os seus triunfos, ou já nos epitafios, ou já nas pompas funebres, parece-nos que está taõ longe de nós aquelle estra-
Z go;

go, que na mesma distancia, em que a nossa idéa o considera, se confunde, e desvanece o horror. Que feliz ignorancia, e que venturoso descuido! Em continua travestura passamos aquelles annos, em que os nossos espiritos, ou por mais vivos, ou por mais alegres, apenas cabem em nós. Os campos, as flores, as aves, os rios, tudo nos serve de jogo innocente, e de festiva occupação: estes são os ensayos, e preludios, com que o tempo dispoem a nossa docil innocencia, e com que hum amor universal a tudo quanto vemos, depois só se reduz à aquelle amor, que tem por objecto a duração do mundo, ou a nossa mesma reproducção; por isso a poucos passos começamos a sentir hum novo impulso; aquelle agrado commum, com que viamos as cousas, já se distingue, olhando com especialidade para algumas, e com
indif-

Sobre a vaidade dos homens. 179

indifferença para as mais ; como se estas fossem destinadas para entreter as nossas primeiras attenções, sendo só humas o para que nos dirigia o fim da natureza.



Esses primeiros annos todos se compoem de amor, e de esperanza : estes dous affectos tomaõ a melhor parte de nós, ou escolhem para si aquelle tempo em que vivemos com mais vida ; no seu principio, e no seu progresso he o amor huma paixã cheya de enthusiasmo, e de furor, depois perde totalmente a violencia ; por isso amamos mais, quando sabemos amar menos, isto he, quando amamos quasi por instincto ; e com effeito o amor naõ se introduz por discurso, e se alguma vez discorre, he final que está perto de acabar ; porque o amor só he prudente quando acaba, naõ porque entãõ o seja em

si, mas porque entãõ amamos como nos queremos, e naõ como o amor quer.



Culpa se ao amor de vario, e de inconstante, sendo que as mais das vezes seria mayor a sua culpa, se fosse constante, e firme: o amor só quando deixa de amar se emenda, só quando he vario se justifica, e só quando he inconstante se desculpa: quando começa, parece que naõ he erro o amor; porque mal se póde evitar aquelle primeiro instante que nos attrahe; aquella primeira luz que nos assombra; aquelle primeiro agrado que nos engana: o nosso arbitrio, ou a nossa reflexaõ, vem depois, como remedio que sempre suppoem succedido o mal: naõ se póde fugir do rayo despedido de huma nuvem; o amor ainda nos alcança com mais pressa, e mais vigor, porque he rayo, que se fór-

Sobre a vaidade dos homens. 181
fórma dentro de nós mesmos : o valor consiste em arrancar a setta , por mais que fique despedaçado o peito.



Naõ somos firmes no amor , porque em nada podemos ser constantes : continuamente nos vay mudando o tempo ; huma hora de mais he mais em nós huma mudança. A cada passo que damos no discurso da vida, himos nascendo de novo , porque a cada passo himos deixando o que fomos , e começamos a ser outros : cada dia nascemos , porque cada dia mudamos , e quanto mais nascemos desta sorte , tanto mais nos fica perto o fim , que nos espera. A inconstancia, que he hum acto da alma , ou da vontade , naõ se faz sem movimento ; a natureza naõ se conserva , e dura , senaõ porque se muda, e move. O mundo teve o seu principio no primeiro impulso , que lhe deu, o
supre-

supremo Artifice ; a mesma luz , que he huma bella imagem da Omnipotencia , toda se compoem de huma materia tremula , inconstante , e varia. Tudo vive em fim do movimento ; a falta de mudança he o mesmo que falta de vida , e de existencia , e assim a firmeza he como hum attributo essencial da morte.



Se em nada pois ha permanencia , e se o estado da firmeza he contrario às leys da vida , como póde ser que haja amor constante ? Isso he hum impossivel desejado. Não ha nada izento das revoluções , e alterações do mundo ; tudo nelle se muda , porque tudo se move ; por isso a firmeza he violenta , aõ mesmo tempo que a inconstancia he natural. Para sermos firmes , he nos necessario força , porque temos que vencer a economia , e ordem , que não permite repouso
em

Sobre a vaidade dos homens. 183

em cousa alguma; para mudarmos a mesma natureza, nos inclina, e guia; semelhante a qualquer pezo, que sobe com violencia, e desce por si mesmo. O movimento, e a mudança, de que depende o ser das cousas, tambem he principio do fim dellas; sem mudança, e movimento, nem se póde existir, nem acabar; a mesma origem da vida tambem he da morte a causa; por isso he taõ certa a morte, e taõ curta a vida; porque hum, e outro extremo, nascem do mesmo modo, e se criaõ no mesmo berço.



O amor he hum influxo da belleza, por isso esta raras vezes anda solitaria, e quasi sempre a acompanha o amor: agradavel mas louca companhia; appetecida, mas trayoora felicidade! Compoem-se a ferosura de huma certa modulaçãõ das partes; obra mais do acaso, que de hum cuidado

dado especial da natureza : mas por-
 rém deve admittirse hum instrumen-
 to , cujas cordas só produzem armo-
 nia : assim he a fermosura ; e he pou-
 co de estimar aquelle , de donde só
 resulta dissonancia ; assim he a feal-
 dade. A fermosura reside em huma
 fórma exterior ; o amor parece que
 he hum effeito da vontade , ou do
 desejo ; aquella mostra-se , porém es-
 te esconde-se ; este he invisivel , po-
 rém aquella vê-se : a fermosura póde
 dizerse o como he , porém o amor
 não ; porque quem o tem , sente sem
 saber o que , e quem o não tem , ain-
 da o conhece menos.

112 ~ ~

O amor nasce da fermosura ; e
 com ella morre ; e assim como póde
 haver amor constante , se he taõ pou-
 co constante a fermosura ? E se esta
 muda tanto , como póde ser que o
 amor não mude ? Ha tres progressos
 em

Sobre a vaidade dos homens. 185

em tudo quanto a natureza abraça ; o primeiro he de crescer , o segundo de estar , e o terceiro de diminuir : nesta ley tambem entra a fermosura ; cresce , está , e diminue : O amor fielmente segue a fermosura ; não muda quando a fermosura cresce ; não foge quando ella está , mas com ella diminue , e acaba . O tempo com hum passo subtil , e disfarçado lentamente imprime na belleza o seu caracter ; já começa a ser tibia a luz dos olhos ; já se mostra sem fabor o agrado , e já fica sem alma a mesma graça ; acabou-se pois a fermosura , e apenas póde descobrirse a sua ruina entre os mesmos sinaes do seu estrago : tudo são riscos donde se vê como em padrões fataes escrita a impressão dos dias ; tudo são concavidades , donde se mostra como em funesto exemplo gravado o rigor do tempo : essa imagem desvélo que foy da idolatria ,

Aa

cui-

cuidado de attenções, e finalmente emprego que foy de tantos votos, já se vê sem altar, e sem veneração; e trocado o culto em vituperio, só ficou para objecto do desprezo; como se a idade fosse algum delicto, ou fosse culpa o numero dos annos: assim acaba a fermosura, assim acaba o seu imperio, e tambem assim acaba o amor. O Sol nascendo no Oriente, vem cheyo de belleza, e resplandor; por isso tudo são tributos, tudo admirações, e tudo amores: as fontes o festejaõ murmurando; as aves o annunciaõ com requebros, e as flores com o rizo o lizonjeaõ; mas depois de ter corrido (qual gigante) hum caminho immenso; e depois que os resplandores se mudaõ no occaso em pallido semblante, logo acabaõ os amores, as admirações, e todos os tributos; na mesma tumba, em que se apaga a luz, tambem se extingue
o ap-

Sobre a vaidade dos homens. 187.

plauso ; na mesma sombra, em que se encobre o dia, tambem se esconde o obsequio ; e o respeito acaba nas mesmas ondas, em que faz naufragio o Sol.



Succede muitas vezes mudar o amor, primeiro que a fermosura mude ; isto dizem que faz o amor ingrato ; porém a mudança quasi sempre he culpa da belleza, e não do amor. Naturalmente a fermosura he soberba, vaidosa, impia, e arrogante ; não só refuza, mas despreza ; não só desdenha, mas injuria. Hum objecto amavel basta para produzir amor, mas não basta para o conservar ; o amor nasce facilmente, mas dura com difficuldade ; porque o imperio da belleza sempre foy tyranno, e sem brandura, não ha dominio permanente. O amor he acto de hum movimento repentino ; a conservaçoã del-

Aa ii le

le vem por discurso, por isso a primeira cousa he facil, e difficultosa a outra. Não ha encanto perpetuo; o do amor tambem tem fim, e em quanto dura, he por intervallos; e ainda que o amor seja prompto, e arrebatado em conquistar, por isso mesmo nada tem seguro; porque o que se toma precipitadamente, precipitadamente se larga; daqui vem que hum moderado amor costuma ser duravel; o que he excessivo, a sua mesma violencia o acaba; a tormenta forte nunca dura. Mas não sey se póde haver moderação no amor. Ha muitas cousas, em que a moderação he contraria à natureza dellas; e em que a abstinencia custa menos do que o uso limitado. O amar huma cousa só parece que he mais penoso, que o não amar nada; porque com effeito o abster he menos difficultoso, que o conter; por
isso

isso a prizaõ de algum modo molesta menos, que huma liberdade restricta: o usar das cousas com regra, traz consigo huma especie de afflictãõ; o não usar de nenhuma sorte, o que traz he esquecimento. Podemos fazer habito de não ter, ou de não amar, porém não o podemos fazer de amar, ou ter debaixo de algum preceito: tudo o que recebemos, ou se nos dá com condiçaõ, parece-nos violento: olhamos menos para a parte, em que a cousa he livre, que para aquella, em que o não he; a prohibiçaõ sempre nos deixá suspensos, e como magoados; porque o nosso desejo não tem actividade naquillo que he já nosso, mas sim naquillo que o não he, e que não póde, ou não deve ser; o que se permite não parece tão bem como o que se nega; o muito que se concede, não consola do pouco que se pro-

prohibe ; por isso o alheyo nos agrada , porque nelle achamos huma negaçãõ , ou limite do que he nosso. Vemos com saudade o tempo , que passou ; esperamos o que ha de vir com ancia , e para o presente olhamos com desgosto : assim devia ser , porque o tempo, que passou, já não he nosso ; o que ha de vir não sabemos se será ; e só o presente , porque he nosso , nos a borrecede. O amor está seguro, em quanto dura a pertençaõ; o que o perde , he a propriedade : sustenta-se mais na duvida , que na certeza ; qualquer cousa , que procure , o anima , e desfalece, se lhe não falta nada. Isto não he só no amor ; em tudo succede o mesmo : todas as paixões se acabaõ , assim que se satisfazem ; conseguido o fim de cada huma , logo ficaõ sem vigor , e amortecidas : ninguem espera o que possuiue , ninguem deseja o que já tem , e
nin-

Sobre a vaidade dos homens. 191

ninguem se desvanece muito daquillo que logra ha muito tempo ; e desta forte o amor , o desejo , a esperanza , e a vaidade acabaõ-se , quando alcançaõ ; e deste modo perdemos as cousas todas as vezes que as chegamos a ter ; ou ao menos perdemos o gosto , que nos vinha do desejo , do amor , da vaidade , e da esperanza. Daqui vem , que para reprimir as paixões , nem sempre he bom meyo o reprimillas ; na resistencia parece que se formaõ , e fortificaõ mais ; algumas nascem só da resistencia , e não pôdem existir sem ella. Da difficuldade das cousas inferimos a excellencia dellas ; o fazellas faceis , e sem opposiçaõ , he o mesmo que tirarlhes a graça , que as fazia appeteciveis. Em todas as paixões se encontra a vaidade de querer vencer ; não ha victoria sem combate , e se a ha , he sem gloria , e sem merecimento. Contra hum
cam-

campo aberto não ha desejo, nem ardor ; a vaidade tem repugnancia a entrar pacificamente , armada sim ; a muralha incita , porque impede.



A vaidade , ou a soberba de huma mulher fermosa , he quasi insupportavel ; ainda o amor mais fino se revolta , porque o amor ainda que jure escravidões , nem por isso consente nellas ; e quando he bem entendido , não costuma ser vil , reverente sim ; a submissão por degenerar em baixeza não faz ao amor menos inconstante ; a firmeza não se fez para obstinação. Não he suave o jugo da belleza ; apenas se lhe póde sustentar o pezo ; a arrogancia , que a acompanha sempre , exige condições tão fortes , que o mesmo affecto , que por força as aceita no principio , depois as desvanece ; porque o amor se busca a fermosura , tambem foge da aspereza ;

Sobre a vaidade dos homens. 193

pereza ; hum genio severo , e duro ,
naõ póde inspirar constancia , retiro
sim : por mais que estejaõ preocupa-
dos os sentidos , nem por isso estaõ
sempre dispostos para sofrer ; e com
effeito o amor fez-se para delicia , e
naõ para castigo ; fez-se para alivio ,
e naõ para tormento , para gosto , e
naõ para martyrio. Naõ ha , encan-
to que naõ possa desfazerse ; por mais
fortes que sejaõ os laços com que o
amor nos prende , muitas vezes hum
discurso os rompe ; hum pensamento
os desfaz ; huma reflexaõ os desfata ;
e pela mayor parte esse discurso de
que nasce a inconstancia , procede
da aspereza , da vaidade , e da con-
diçaõ da fermosura.



A natureza que na producçaõ da
fermosura se empenha em formar
hum encanto , deste naõ quer que se-
ja invencivel o poder ; por isso na

Bb

mes-

mesma fermosura include logo a tyrannia , o engano, e a vaidade, para que estes feyos attributos , expostos à nossa vista , ou sirvaõ de quebrar a força a esse mesmo encanto , ou ao menos possaõ limitarlhe o effeito ; e assim temos o remedio na propria origem da ruina , e não mesmo mal achamos o defensivo delle : se a belleza nos attrahe a imperfeição do genio nos desvia ; se nos enleva huma imagem viva , donde em justas proporções , a natureza mostrou os seus primores , tambem huma condição aspera, e desabrida nos afasta ; e finalmente se a nossa propria inclinação nos tira a liberdade , o nosso entendimento nos resgata. E assim não se queixe a fermosura , nem do amor , nem da inconstancia ; veja primeiro se acha a culpa em si ; quanto mais que o amor , ainda que cego , nem por isso se obriga a estar sempre em hum lugar ; a
inconf-

Sobre a vaidade dos homens. 195

inconstancia ainda que odiosa, nem por isso lhe faltaõ os motivos, que a fazem justamente ser precisa. Quantas vezes a virtude depende unicamente da mudança! Nem sempre he traição a falta de firmeza; nem sempre o ser vario he ser infiel; e nem sempre o ser inconstante he ser ingrato. As semrazões da fermosura authorizaõ o nosso esquecimento, o ser sensivel he o que faz ser amante; e quem tem sensibilidade para amar, tambem a tem para sentir; porque se a fermosura nos recrea, tambem a injuria nos irrita; se o agrado nos convida, o desprezo nos magoa; e se o amor em fim nos chama, tambem a offensa nos retira.



Sim he soberba a fermosura, mas não he para admirar, pois he grande o seu imperio; he vaidosa, mas como pode não o ser? He presumida, mas que muito se em se vendo, a sua

Bb ii mcf-

mesma vista a lisonjea? He tyranna; que importa, se he virtude esse defeito, e se nella a bondade he culpa? Na fermosura acha-se a circumstancia mais essencial da luz; esta illustra, e faz claros os objectos, que estão perto dos seus rayos; assim a belleza, pois parece faz fermosos aquelles vicios que a acompanhaõ; essa fereza, essa arrogancia, e essa mesma condiçãõ altiva, sim saõ imperfeições grandes na belleza, mas saõ como as sombras, que hum delicado pincel debuxa, e representa, naõ para desluzir o primor da arte, mas para realçar a fineza da pintura. Huma estrella brilha mais no espantoso silencio de huma noite escura; a mais perfeita luz he a do Sol, com tudo a sua actividade nos molesta, e escandaliza: as cousas nem por mais perfeitas nos agradaõ mais; antes alguma imperfeição as modifica em forma que ficaõ

ficaõ proporcionadas ao nosso gosto ; aquillo que he perfeito em hum certo gráo , excede a nossa esféra , e por isso nem o podemos gozar , nem entender , porque o desejo não se estende a donde a comprehensãõ não chega. O entendimento , ou a alma he o que primeiro move , e assim tudo o que excede a nossa intelligencia, fica sendo impenetravel ao nosso affecto. Mil cousas ha perfectas no seu género ; por onde continuamente passamos sem reparo ; a mesma perfeiçaõ nos cega , e nos faz incapazes de admirar ; tudo o que distinguimos , ou sabemos , he por comparaçaõ ; de sorte que em não podendo comparar, tambem não podemos conhecer : a differença das cousas entre si , he a que desperta a nossa attençaõ , e dá lugar ao nosso conhecimento, por isso tudo o que he formado como de hum só rasgo , de huma só linha , ou como

mo de hum só a lento , logo nos fica sendo incomprehensivel ; o discurso não póde entrar naquillo em que tudo he hum , igual , ou uniforme ; porque a unidade não admite combinação , e o pensamento não póde introduzirse facilmente donde tudo he o mesmo , e donde não ha nem diversidade de substancia , nem desigualdade de materia. Podemos dizer , que a nossa capacidade só tem por objecto aquillo que he composto ; porém tudo o que he simples absolutamente, fica sendo mysterio para nós , e por isso sempre occulto , e escondido ; e assim a divisaõ , e variedade de partes , ao mesmo tempo que indica hum ser imperfeito , tambem serve de meyo , que nos facilita a intelligencia das cousas , e nos conduz ao conhecimento dellas ; e desta sorte alguma imperfeição na fermosura , faz-nos ver melhor o que ella tem

Sobre a vaidade dos homens. 199

tem de raro, e de admiravel; algum defeito, mostra-nos o que por outra parte ella tem de singular; e finalmente algum vicio, faz-nos reparar o que se encontra nella de virtude; e assim serve-nos de guia essa imperfeição, esse vicio, e esse defeito.



Mas que poucas vezes se encontra na belleza aquelle certo gráo de imperfeição, que à maneira de huma sombra leve só sirva de realçar-lhe a luz! A repartição do vicio sempre he larga, e abundante, e o defeito não se communica escassamente, com profuzaõ sim: o que vemos de imperfecto na belleza raras vezes he como hum sinal, ou mancha breve, de que o alinho se adorna por arte, e por estudo; antes essa imperfeição se estende, e cresce tanto, que abraça o objecto inteiro, e o escurece: qualquer mistura em pouca quantidade

dade contamina a pureza de hum lícor ; huma grande porção o absorbe, e comprehendę todo. Esse caudaloso Tejo não o turva hum só regato immundo , porém muitas torrentes de agua impura , fazem-lhe perder o nome , e semelhança de crystal : huma só nuvem não faz sombria a claridade do horizonte , mas muitas nuvens juntas fazem de hum bello dia , huma noite escura : assim a belleza ; o vicio nella não costuma ser como hum regato , mas como torrente ; o que tem de imperfeito , não he como hum final (effeito em fim da meditação) mas como huma mancha verdadeira ; o seu defeito raramente he leve ; antes quasi sempre peza mais do que a mesma fermosura. Infeliz concordia , cruel sociedade ! Quem dissera que hum mesmo objecto seja capaz de inspirar amor , e aborrecimento ! Taõ pouca distancia ha

ha entre o mal, e o bem? Entre a averfaõ, e o affecto, entre o perfeito, e o defectuoso, que em hum mesmo sujeito se possaõ encontrar, e unir?



A vaidade da fermosura he a mais natural de todas as vaidades, he vaidade innocente; a natureza em nada se recrea tanto, como em contemplarse a si na sua obra, e em reverse na sua mesma perfeiçaõ; por isso a fermosura he hum encanto, a que naõ resiste, nem ainda quem o tem; ella a si mesma se namora, a si se busca, ama-se a si, e de si se rende; he como hum effeito, que vem a retorquirse contra a sua causa, ou contra o seu principio; e como hum movimento, que retrocede, e se dirige contra o seu mesmo impulso; a fermosura, pelo que sente sabe o que faz sentir; e pelo que se ama, conhece que

Cc se

se faz amar ; daqui vem que a vaidade , e a altivez , são partes de que a fermosura se compoem ; a mesma tyrannia , e rigor attrahe : e que haverá na fermosura , que não sirva de laço , de prizaõ , de amor ?

109 ~ ~

He propriedade do amor o ser violento ; e he propriedade da violencia o não durar. O amor acaba-se em nós , não por nossa vontade , mas porque tem por natureza o acabar ; e ainda que tudo ha de acabar com nósco , nem tudo espera por nós. Quando amamos , he por força , porque a fermosura que nos inclina , nos vence ; e tambem he por força quando não amamos ; porque huma vez rotos os laços , ficamos de tal sorte livres , que ainda que queiramos , não podemos tornar a elles ; e assim não está na nossa mão o não amar , nem tambem o amar : o coração por si mes-

Sobre a vaidade dos homens. 203

mesmo se acende, e entibiece; nós, não o podemos inflamar, nem extinguirhe o ardor: alleguem os amantes elles mesmos ardores indiscretos; fação delles. merecimento para o favor; imaginem embora, que os soluços, e gemidos, fazem ser devida a recompensa; exagerem penas, e martyrios, e finalmente tenhaõ a ventura de que huma belleza timida, innocente, e incauta, creya que verdadeiramente está obrigada, e que deve attender; e corresponder: ambos se enganaõ; o amante em suppor que por amar, merece; e a belleza em crer, que o amor he merecimento: não he tal; porque o amor vem da fermosura, e não do amante; este não faz mais que receber huma impressãõ a que não póde resistir: nada merece hum bronze, por receber em si a figura de huma Venus; a maravilha não está no bronze, que recebe,

Cc ii mas

mas no braço que imprime ; a arte não se mostra no metal , mas na mão que conduz o buril , e abre ; o bronze não póde deixar de consentir a estampa , porque não tem mais do que hum modo passivo , e material ; só o braço obra activamente : daqui vem que quando amamos , he porque a fermosura nos obriga a amar ; e assim que merecimento póde haver em pagar hum tributo natural , forçado , e inevitavel ? Por isso o amar , ou não amar por razão , por discurso , ou ainda por interesse , não póde ser ; porque os sentidos , não se deixão cativar por argumento : daqui vem que muitas vezes se ama , o que se não deve amar ; isto será porque o coração não póde resistir à fermosura ; o mais que póde fazer , he calar , dissimular , esconder : podemos não confessar , mas deixar de cahir , he muy difficuloso ; podemos sofrer , mas
dei-

Sobre a vaidade dos homens. 205

deixar de sentir, tambem não; podemos não seguir, mas deixar de appetecer he impossivel; antes o sofrimento aviva o amor, a resistencia o fortalece; porque tudo o que se reprime, se esforça; hum arco comprimido adquire mais vigor para quebrar a corda. O mesmo he não querer, ou não dever amar, que amar. Não temos dominio no nosso gosto; as cousas agradao-nos, porque nos parecem agradaveis; como havemos de impedir que as cousas nos pareçam o que são, e ainda o que não são? Se os sentidos nos enganao, quem nos ha de desenganar, ou como havemos de emendar esses mesmos sentidos enganados? A razão, e o discurso não valem, ou não sabem tanto como se diz; porque o que julgaõ, he por meyo de algum sentido enganador: se os olhos, e os ouvidos se distrahem, e allucinao, que outro

sentidos temos nós, que os haja de conter, ou os faça retractar? Julgamos pelo que vemos, e pelo que ouvimos: estes sentidos são em nós, como dous relatores injustos, falsos, infieis: daqui resulta, que quando o querer he culpa, essa culpa não he nossa, mas sim da ferozura que nos move, e que nos prende. Que culpa póde ter a cera, por receber em si o caracter de huma imagem? O marmore que culpa tem, por conservar a fórma que o artifice lhe deu? Que culpa tem o pano por servir de campo, ou de theatro às obscenidades do pincel? E finalmente que culpa tem o ferro, por ser instrumento dos golpes, e da morte? As cousas em si, são innocentes; o erro he exterior, e vem de fóra: o mal parece que não nasce, nem se cria em nós, communica-se a nós. Infelizmente o nosso coração, não he firme como o fer-

ferro , nem duro como a pedra ; antes he mais tratavel do que o pano , e mais brando do que a cera ; he como huma lamina original impolida , informe , e ainda sem configuraçãõ ; e donde naõ ha nem amor , nem odio , nem culpa , nem merecimento , nem virtude , nem vicio ; mas he o donde tudo aquillo se poem , se faz , se introduz , se esconde.



Em todo o tempo prevaleceo nõs homens o poder ; elles arrogaram a si toda a jurisdicçãõ legislativa : a sujeiçãõ em que ficaraõ as mulheres , foy a peha da sua primeira culpa. Aquella sujeiçãõ , que naõ devia exceder as regras da equidade , veyo a degenerar em tyrannia , e a introduzir nellas huma specie de escravidãõ. O ciume dos homens fabricou os ferros ; e a fermosura das mulheres foy o crime original , que nunca puderaõ expiar , nem remir

remir : a mesma fermosura com que as dotou a natureza , lhes tirou a liberdade ; alcançaraõ na belleza o mayor favor , mas comprado por hum custo immenso, isto he à custa da liberdade; ficaraõ sujeitas aos homens por força , e os homens a ellas por vontade. Infeliz . e estudada consolação ! O cativeiro costuma ser à medida da fermosura ; quanto mais bellas , mais prezas : para terem alguma liberdade he preciso que não tenhaõ nenhuma fermosura. Cruel situação ! Quem ha de trocar huma cousa pela outra , ou quem sabe qual das duas he melhor ? Ter liberdade , e fermosura juntamente , he muito ; ter huma cousa , e perder a outra , he pouco. Quem ha de resolverse a perder a liberdade , e tambem que mulher se não ha de affligir na falta de fermosura ? As differenças saõ , que a liberdade em quem a tem , dura sempre , a fermosura não ;
naquella

naquella não tem dominio o tempo ;
nesta até se conhecem os instantes ;
semelhante à gala de huma flor , que
nam tem mais duração que hum dia ;
e assim se vê que nas mulheres , a in-
justiça dos homens lhes tira a liber-
dade assim que nascem , e pouco de-
pois lhes tira a fermosura o tempo , e
de tal sorte , que nem restos lhes ficam
do que foraõ , para se consolarem do
que sam : nem póde deixar de ser ;
porque o tempo nam só desconcerta ,
mas destroe , e arruina ; cada hora
deixa o seu final ; e os instantes que
diminuem a vida a proporção que
passam , tambem diminuem a fermo-
sura , até que a gastaõ , e desfazem ;
semelhante a huma exalação , que
em breve espaço se dissipa. Os annos
sim deixaõ a regularidade das feições :
mas de que serve huma regularidade
usada ? O que nella se vê he como
hum debuxo , que nam foy feito para

Dd

ima-

imagem , mas para semelhança. Humma representação do que foy sempre he triste ; por mais , que a consideração se forme humma idea agradavel de hum monumento destroçado , e antigo , sempre o que se admira he com lastima : a imaginação fervorosa , e forte , póde de algum modo fazer presente o que não he , mas nam póde fingir tanto , que se não percebam as ruinas ; os vestigios trazem à memoria a grandeza do edificio , mas sempre o mostraõ desfeito. Isto succede na belleza , acaba-se em se lhe acabando a graça : esta continuamente foge ; passa insensivelmente , e o que fica , he humma estatua , humma sombra , humma figura.



Ama-se por vaidade , e tambem por vaidade não se ama. Diga-o aquella fermosura a quem hum voto poderoso fez perder a liberdade. Nam foy

foy inspiraçoẽ celeste a que a fez buscar a solidaõ de hum Claustro ; talvez foy hum infeliz amor , a quem se oppoz a vaidade. Cruel destino ! Havemos de amar à vontade da vaidade , e nam à vontade do amor ? Mas que pouco dura o amor , quando naõ nasce do amor ! Nam ha mayor combate , que o que se dá entre a vaidade , e o amor ; se este fica vencido , a mesma vaidade chora , e se arrepende ; he vitoria , que se fórma do estrago do vencedor. Hum amor desconso- lado , em nada póde achar compensaçoẽ ; porque esta só cabe , quando ha outra cousa , que valha o mesmo ; ao amor naõ ha cousa , que o iguale , nem valha tanto. Aquella mesma fermosura , a quem a vaidade dominante fez deixar o mundo , para a livrar de algum amor humilde , sim vive retirada no limitado espaço de huma prizaõ santa : mas que importa que

essa 'prizaõ lhe tire a liberdade' das acções, se lhe naõ ha de tirar a liberdade do desejo? Assim como naõ ha ferros para o entendimento, tambem os naõ ha para o coraçãõ; este ainda no meyo da violencia, e da tyrannia, sempre se conserva isento, e livre. Hum véo preto sempre esconde, mas naõ muda, nem desfaz nada do que esconde; antes tudo augmenta mais, e tudo mostra ainda mayor, e mais claro do que he. Huma Communidade Religiosa coberta de véos, o que faz imaginar he que cada véo encobre huma belleza, e muitas vezes o que encobre, he huma fealdade enorme; o pensamento nesta parte he sempre favoravel, porque debaixo daquellas sombras nunca suppoem outras sombras, luzes sim: ha coufas, que de se occultarem, resulta o verem-se melhor; em vingança de hum manto escuro, tudo o que está de-

debaixo d'elle , se nos representa perfeito , e singular ; aquella especie de rebuço o de que serve he de avivar a imaginaçãõ , de adefanimar naõ : tudo o que se esconde , parece-nos admiravel , só porque se esconde ; de forte , que o occultar , he o meyo de acreditar as cousas , e de darlhes mais valor. O mesmo he por se aos olhos hum obstaculo , que fazellos penetrantes , e pollos em huma actividade , que elles naõ tem naturalmente : a vista , que se embaraça , adquire mayor força , à maneira de huma corda , cujo vigor augmenta à proporçãõ , que a fazem fugir do arco ; a mesma distancia em que algumas cousas se poem , as fazem estar mais perto ; e por este principio , tudo o que se esconde , se mostra. Quem differa , que o recato , e a modestia , mais chamaõ do que desviaõ , mais servem de convidar , que de afastar !
quem

quem foge, parece que quer que o sigaõ ; quem deixa, parece que quer que o busquem : o mesmo he cobrir o rosto, que incitar mil vontades de o descobrir ; a desconfiança faz nascer a instancia, e o cuidado ; o engano muitas vezes se evita só com não o presumir ; e com effeito o retirar-se, e por-se em defeza, he o mesmo que dar hum final de guerra ; o que se guarda, e se esconde, he a primeira cousa, que se assalta ; a liberdade do porto he o que o conserva livre de invasaõ.

112 ~ ~

O estimarem-se as cousas, que não tem valor, he o mesmo que fazellas estimaveis : o que se busca com ancia, nam he o que se dá, mas o que se nega ; o que se permite desgosta, o que se refuza, attrahe : o amor não tem setta mais aguda, que aquella que se armou de prohibiçaõ ; no tomar, parece que ha mais gentileza ;

leza , que no aceitar ; a difficuldade incita : muitas cousas nam tem outro algum merecimento , que o serem difficultosas ; a resistencia he o que move a vontade ; tudo o que se concede , he sem fabor ; a impugnação faz a cousa consideravel , porque lhe dá hum ar de empreza , e de vencimento : os mais altos montes são os que se admirão , só porque custão a subir ; a facilidade he aborrecida em tudo ; o lustre do argumento vem da contradicção. Isto succede à fermosura , a quem a vaidade prendeo só por livralla do amor : mas que pouco consegúio a vaidade. Contra o amor não ha poder , apenas se póde impedir algum dos seus effeitos : a causa , isto he , o amor , sempre permanece constante ; a difficuldade , o retiro , e a prizaõ fazem , que a fermosura seja mais bella , e mais amante ; a natureza por achar desvio , não se despersuade ;
a nossa

a nossa industria não a póde vencer; antes o mesmo he impedilla, que enchella de estímulo, e de alento; quanto mais a abatemos, mais a fortificamos; he engano parecernos, que podemos tirarlhe os meyo; por hum que lhe tirarmos, ella se ha de formar mil; primeiro se ha de acabar em nós o modo de embaraçar, que nella o modo de conseguir; quanto mais a queremos ter adormecida, mais a despertamos; o buscar artificios para a socegar, he o mesmo que chamalla para o conflicto; o mesmo he reprimilla, que irritalla. As aguas de huma fonte correm mansamente, e sem ruido, apenas humedecem as flores, que lhe bõrdaõ o caminho; mas se neste encontraõ embaraço, ou se algum penedo, que o tempo arrojou do monte, se foy atravessar, e impedio o passo; entaõ se vê que aquellas aguas, vaõ crescendo

Sobre a vaidade dos homens. - 217

cendo sobre si, e juntas se accumulão tanto, que ou rompem, e arrastão tudo o que as comprime, ou subindo se elevão de tal sorte, que chegam ao lugar, de donde por mil partes se lançaõ, e precipitaõ. Isto vemos nas águas de huma fonte, donde não concorrem mais motivos, que aquelles que em hum corpo fluido procedem do pezo, e do equilibrio. Só nas mulheres não queremos achar naturalidades; prendemse porque são mulheres, como se quando vem ao mundo, troucessem na razaõ do sexo escrita a condemnação; e que a fermosura só lhes fosse dada para regularlhes os graos de desventura. Quem diria aos homens, que as mulheres sendo compostas de huma materia fragil, e propensa, pôdem espiritualizarse em fórma, que todas se convertaõ em discurso racional? Trabalhe embora o ciume, e juntamente a
E e vai

vaidade ; o ciúme em procurar que a mulher se não incline , e a vaidade em prescrever documentos à belleza , para que não ame sem certas proporções , e identidades ; nem o ciúme , nem a vaidade haõ de alcançar aquelle intento ; o amor não admite força , nem imperio ; ninguém ama , nem defama por preceito. Quem ha de tirar o gosto , que a alma sente , quando os olhos , ou o pensamento lhe mostraõ hum objecto lisonjeiro , e agradável ? Como se ha de fazer , que a boca seja insensível ao sabor de hum manjar delicioso ; e os ouvidos como pôdem deixar de suspenderse ao som de huma voz sonora , e cheia de armonia ? As primeiras qualidades não se pôdem mudar. Não podemos dar leys às cousas , ao exterior dellas , fim ; as palavras , e as acções admittem composição , e fingimento , a substancia dellas , não ; por isso não
he

Sobre a vaidade dos homens. 219

he facil desapprovar, o que os sentidos approvaõ. Quem ha de reduzir a fermosura a crer, que deve fugir de quem a busca, e que deve querer mal a quem lhe quizer bem?



Oh quantas vezes hum pretexto divino serve para authorisar humanos interesses! As cousas mais santas fazem os homens applicar a fins os mais injustos: qualquer semrazaõ para ser permittida, basta que seja necessaria; o ponto he, que haja quem saiba introduzir a necessidade della: os principios mais inalteraveis se alteraõ; o ponto he que o interesse, ou a vaidade sejaõ partes. As régras naõ governaõ aos homens, estes he que governaõ as regras. As leys naõ comprehendem ao legislador, nem aos que estaõ junto delle; as prerogativas do poder parece, que saõ communicaveis até huma certa distancia;

Ee ii dahi

dahi para baixo ficaõ sendo como huma luz, de que se acabou a esfera. Só nos effeitos visiveis da Omnipotencia naõ vemos, que nenhum se mude, nem altere; o movimento dos astros, o progresso do tempo, a regularidade das aguas, tudo guarda huma ordem certa, e infallivel: o Artifice supremo naõ communica o seu poder, mais do que a si mesmo, isto he, à sua providencia; por isso as leys, que elle ideou no principio, e antes dos seculos, saõ as mesmas que subsistem hoje. Quem vio ainda, que houvesse dia em que as aguas naõ crescessem, e baixassem? Que o Sol se apartasse do Zodiaco, que a Lua deixasse as suas phases, que as Estrelas fixas variassem, e que o firmamento naõ circumvolvesse em vinte e quatro horas o universo? Quem ha que naõ admire as successões do tempo nas estações do anno, a vegetação

Sobre a vaidade dos homens. 221

getaçãõ da terra , a produçãõ dos animaes , a dureza das pedras , a virtude das plantas , a variedade das cores , o cheiro dos aromas , o encanto das vozes , os impulsos da attracçãõ , do repouzo , e do movimento ? Finalmente todas as cousas ainda observaõ o mesmo ser original , a mesma correspondencia , e a mesma economia , com que o Author do mundo as fez : tudo o que foy de instituiçãõ divina , e que naõ depende da execuçãõ dos homens , permanece sem alteraçãõ ; aquillo porém , que tem com os homens alguma relaçaõ , ou dependencia , ficou , e está sujeito a huma continua mudança , e contrariedade. As leys primitivas , que ainda antes de serem gravadas em marmore , e em taboas , foraõ , e estaõ escritas nos corações , essas saõ as primeiras , que segundo as contingencias , para se naõ guardarem , se inter-

interpretado. Daqui vem que nascendo todos livres, a liberdade he contra quem os homens tem conspirado mais. As Claufuras, que forão santamente instituidas, e praticadas prudentemente, depois não sey se vieraõ a degenerar em hum modo de tirarse a liberdade aos homens, e às mulheres, e nestas veyo a cahir o rigor do excessõ: não fallo das que por desengano, e conhecimento proprio, buscaõ aquelle estado de virtude, mas sim daquellas a quem se fez tomar aquelle estado, ou por castigo do que fizeraõ, ou por castigo do que poderiaõ fazer; e com effeito o poderem algum tempo delinquir, já lhes serve de delicto; nellas o mal futuro, e incerto, já se suppoem presente; o poder algum dia succeder, val o mesmo que o successo; a disposiçaõ para ser, he o mesmo que ter sido; a possibilidade he o mesmo que

que realidade ; e desta sorte , aquelle castigo , chega primeiro que o peccado , e aquella pena vem primeiro do que a culpa ; o supplicio antecede o crime. Cruel cautella , vingança premeditada ! A vaidade , e crime dos homens , parece que accusaõ as mulheres , ainda antes de nascerem ; as mesmas partes saõ juizes ; por isso logo vaõ prevenindo os carcerees , para donde destinaõ aquellas infelices , e para donde as conduzem , antes que ellas se conheçaõ , e poucos annos depois que nascem : assim devia ser , porque sempre foy propriedade da victima o ser innocente ; alli se vaõ costumando aos ferros , à maneira de huma fera preza , que já naõ sente o pezo da cadea , antes com ella joga , e se diverte , à proporçaõ que a arrasta , e move. Prendemse as feras , e tambem se prendem as mulheres ; aquellas por causa da braveza , estas por

por causa da mansidão ; aquellas porque se enfurecem , estas porque se enternecem ; aquellas porque affustaõ , estas porque agradaõ ; humas porque he necessario fugir dellas , outras porque he necessario que ellas fujaõ ; e finalmente humas porque mataõ , e outras porque daõ vida. A prizaõ , com pouca differença he a mesma , os motivos saõ contrarios. Do fundo de hum deserto inculto se vaõ desentranhar as feras ; prendemse para que naõ façaõ mal ; este he o pretexto , porém a verdade he que se prendem as feras , para que sirvaõ de recreyo , e tambem de lisonja à vaidade em ver sujeito por industria , e arte , aquillo que se naõ sujeita por força , nem vontade. As mulheres que foraõ encaminhadas para os Claustros , he para que sigaõ nelles o exercicio das virtudes ; este he o pretexto , porém a verdade commummente he para que

que as mulheres não se inclinem, nem amem desigualmente. O interesse he da vaidade; por isso as mulheres, que se offerecem a Deos por aquelle modo, não se offerecem mais do que à vaidade. São, como oblações de engano, que sendo a apparencia humana, o objecto he outro; e são como o incenso, que se faz arder em huma parte, para que o ar divirta o fumo para outra. Imaginaõ os homens, que haõ de enganar a Deos, e para isso, entraõ primeiro a enganarse a si; començaõ a que rerpersuadirse que obraõ bem, e se a consciencia os contradiz, e inquieta, para a suffocar não faltaõ opiniões, doutrinas, e conselhos; tudo em ordem a que proposto o caso revestido de certas circumstancias, fique parecendo licita a impiedade, a transgressaõ, e a violencia. A regra de que hum mal he permittido para evitarse outro mayor,

Ff

tem

tem os homens estendido , e subtili-
 fado tanto , que de illaçã em illaçã
 vem a chegar ao ponto , que não ha
 mal por mayor que seja , que não se-
 ja toleravel ; e da mesma sorte , de
 consequencia em consequencia vem
 a concluir , que não ha iniquidade
 que não seja ás vezes necessaria , nem
 injustiça , que não seja justa. Pren-
 damse pois as mulheres para que se
 evite o mal de que ellas amem ; sejaõ
 conduzidas por força para os Claus-
 tros , para que não succeda que as
 amemos nós ; sayã do berço para
 aquellas sepulturas , porque póde ha-
 ver perigo na demora ; e assim co-
 nheçaõ a morte, antes de conhecerem
 a vida ; e saibam como he a prizaõ ,
 antes de saberem como he a liberda-
 de.



O nosso engenho todo se esforça
 em por as cousas em huma perspecti-
 va tal , que vistas de hum certo mo-
 do

do, fiquem parecendo o que nós queremos, que ellas sejaõ, e-naõ o que ellas faõ. O discurso he como hum instrumento lizonjeiro, por meyo do qual vemos as cousas, grandes, ou pequenas, falsas, ou verdadeiras. O nosso pensamento naõ se accomoda ás cousas, accomoda-se ao nosso gosto. O amor, a vaidade, e o interesse saõ os moldes em que as cousas se formaõ, e configuraõ para se appresentarem a nós; e com effeito nenhuma cousa se nos mostra como he, contra nossa vontade. Nunca estamos taõ indifferentes, como nos parece; as paixões naõ consentem neutralidade; aquillo que entendemos, que nos naõ importa, costuma levar consigo hum interesse occulto, por onde nos importa mais. O amor, e a vaidade ás vezes se concentraõ, e disfarçaõ tanto, que nós mesmos dentro de nós. os naõ pode-

Ffi

mos

mos descobrir , apenas se fazem visíveis pelas obras ; semelhantes ao fogo escondido na pedemeira , que se não deixa ver, se não he incitado pelo impulso do fuzil : daqui vem que tudo o que fazemos , he sem perceber o principio porque fazemos ; - por isso o que se faz por amor, ou vaidade , parece-nos que he feito por zelo , ou por virtude. Qual he o hypocrita , que conhece a sua hypocrisia ? Qual he o vanglorioso , que conhece a sua vaidade ? Qual he o amante , que conhece o seu delirio ? Que facil cousa he o distinguir tudo nos outros , e que difficuloso o distinguir alguma cousa em si ! Qual he o pay , a quem o filho parece enorme ? Não só ha geraçãõ de filhos ; tambem ha geraçãõ de accções : as nossas maldades não nos parecem mal , porque são nossas , nos fomos os que as produzimos : a natureza não só he may do
que

Sobre a vaidade dos homens. . . 229

que faz perfeito ; mas tambem do que faz defeituoso ; he piedosa ainda com hum monstro , naõ por ser monstro , mas porque ella o fez : a terra naõ só cria a rosa , mas tambem os seus espinhos ; naõ se empenha em produzir o bom , mas em produzir : a perfeiçãõ de alguma sorte naõ se comprehende na ordem da maternidade , mas he cousa como adventicia , estrangeira , e accidental. Nas acções dos homens tambem deve de haver alguma especie de fecundidade ; esta fica satisfeita só com as acções , contenta-se com ser progenitora ; a qualidade do que produz fica sendo como materia separada ; por isso a nossa inclinaçãõ toda se dirige a obrar ; a qualidade da obra , he eleiçãõ do amor , do interesse , e da vaidade. Origem depravada , pessimõs consultores ! Que póde obrar o amor , senaõ desvarios ? Que se

póde

póde esperar do interesse, senão injustiças ; e a vaidade que póde fazer senão tyrannias ? Estas são as que guião para os Claustros tantas fermosuras desgraçadas : não são desgraçadas por hirem para os Claustros, mas pelo modo com que vão. Que mayor desgraça do que deixar o mundo por força, e ficar nelle por gosto ? Como ha de chegar à terra de promissaõ, quem leva o Egypto na memoria ? Quantas estatuas de sal se haviaõ de ver, se as mulheres se convertessem nellas por olharem para o seculo que deixaõ ! As galas com que vão ornadas, he o encanto que lhes vay suspendendo, e enganando a dor, semelhantes ao cordeiro manso, que primeiro o cobrem de flores, para o hirem entregar às chammas : ornatos alegres, e luzidos, mas funeraes ! Quaes são as mulheres que não chorão so proferir das palavras fataes —
por-

porque se obrigaõ até morte? Esta sentença irrevogavel ellas mesmas saõ as que cantando em altas vozes a publicaõ: mas que pouco pôde encobrir o fingimento do canto, a verdade da lementação! Que doçura pôde haver em huma voz agonizante? A consonancia sempre se vem a terminar em pranto; aquillo naõ saõ vozes, saõ eccos do coração; o ecco he o fim da voz que acaba; por isso todo o ecco he triste, porque he fim; e com effeito o que se vê naquella hora, he o fim de huma mulher que acaba: o mesmo véo que a cobre, he luto; tudo nella saõ sinaes de afflicção, e de tormento, por isso leva os olhos abatidos, errantes, e confusos; os passos mal seguros, o aspecto vacilante, e timido, e assim mais parece, que caminha para o tumulo, que para o talamo: as lagrimas fieis interpretes da alma, saõ as
pri-

primeiras que reclamaõ tudo quanto alli se diz, e se promette ; ellas negaõ o que as palavras affirmaõ : a quem havemos de crer mais ? Pelas lagrimas se explica a alma , pelas palavras muitas vezes se explica o engano : quem chora certamente sente ; quem falla só se exprime : por força podemos dizer o que naõ queremos, nem sentimos, mas naõ se pôde sentir, nem querer por força , aquillo que na verdade nem se sente , nem se quer : a lingua sabe mentir , os olhos naõ ; por isso os votos , que se fazem com violencia , sempre se fazem com lagrimas , e tambem por isso raras vezes se cumprem ; porque o coração , e a vontade naõ prometteraõ nada : aquillo que só exteriormente se promette , só exteriormente se guarda ; as palavras sem tençaõ naõ formaõ Sacramento , o que se faz por temor , naõ obriga : hum sacrificio

Sobre a vaidade dos homens. 233

crifício involuntario , he sacrificio de sangue , e Deos não se agrada já dos holocaustos .

115 ~ ~

Mas que grande differença vay de huma mulher , que professou por força , a huma que professa por vontade ! Esta deixou verdadeiramente o mundo ; a outra apenas mudou nelle de lugar : ambas entraraõ no Templo , porém huma só entrou para o profanar . ; huma foy chamada por Deos , a outra foy mandada pelos homens ; huma foy para achar hum Esposo divino , a outra foy porque não achou hum esposo humano : ambas foraõ para a Religiaõ , porém só huma ficou sendo Religiosa ; ambas professaraõ , porém cousas contrarias ; porque o que huma professou , não quiz professar a outra ; ambas disseraõ o mesmo , porém huma só disse de boca , o que a outra tam-

Gg

bem

bem disse do coração ; huma fez o sacrificio , a outra só fez a cerimonia ; huma fez o que a outra representou ; huma fez o que mostrava que fazia , a outra só fez a fôrma , ou a figura : ambas se obrigaraõ aos tres votos , porém huma foy com tençaõ de os observar , e a outra foy sem tençaõ nenhuma de os cumprir ; e isto he porque huma deixou os seus pensamentos fóra , e a outra nem os deixou , nem os levou : ambas hiaõ para jurar guerra ao amor , e à vaidade , porém huma ainda queria paz com a vaidade , e com o amor ; esta ainda tinha os idolos inteiros , e a outra , ou os naõ tinha , ou os tinha já quebrados : finalmente ambas estavaõ no caminho da virtude , mas nem por isso eraõ ambas virtuosas ; por hum mesmo caminho hiaõ a partes differentes : o mesmo vento serve para muitos rumos ; a mesma

Sobre a vaidade dos homens. 235

ma estrella serve de guia, para os que navegaõ encontrados; às vezes a origem do bem produz o mal; -no mesmo lugar em que nasce a vida, se cria a morte; as cousas que são contrarias no fim, as vezes são as mesmas no principio; de hum mesmo tronco nascem ramos oppostos; por huma escada sobem huns, e descem outros; a Religiaõ he a escada por onde se sobe ao Ceo, mas a ninguem se ha de fazer subir por força; porque entaõ ha o risco de cahir. Muitas mulheres entraõ nas Clausuras, porém humas vaõ ser pedras de escandalo, e outras vaõ ser imagens de huma alma santa; humas vaõ perverter, e outras edificar; estas são as que estando ainda na terra, já estaõ vendo os Ceos abertos: almas ditosas, pois que do instante em que foraõ buscar a Deos, logo comessaõ a ser bemaventuradas! E que

Gg ii bem

bem vieraõ a saber, que para achar a Deos, basta o buscallo: unidas em espirito a hum Esposo eterno, cujo amor he divino, cujo poder he supremo, e cuja misericordia he infinita, já parece que vivem transformadas nelle. Feliz semelhança de huma transubstanciação prodigiosa! E quem duvida que he celestial huma alma em quem Deos vive, e que vive em Deos? Por isso nella póde pouco a humanidade, porque a mesma graça que a anima, tambem a exalta, e fortifica: a mortificação não lhe serve de tormento, de alivio sim; o seu martyrio he a sua gloria. Que meyo admiravel de converter em gosto as penalidades da vida; e que remedio infallivel, para que a dor sirva de delicia!



Que se enfureça o mar, que o universo trema, e que as nuvens cho-

Sobre a vaidade dos homens. 237

chovaõ rayos , nada atemorisa a huma consciencia justa : a virtude leva comsigo a tranquillidade ; esta he semelhante a hum dia sereno , e claro , em que todo o horifonte se cobre insensivelmente de huma luz brilhante , e igual ; e em que toda a natureza se alegra , e enche de vigor , e alento : entaõ se vê que os campos variamente matifados , mostraõ a verdura mais viçosa , e que de mil producções diversas fórmaõ hum labyrintho facil , vivo , e agradavel ; entaõ o ar puro , e immovel , faz que as fontes corraõ , e naõ murmurem ; que as aves cantem com mais suavidade , e mais ternura ; e que as flores cresçaõ livremente : assim devia ser , porque em hum bello dia , naõ ha vento que encrespe as aguas , que perturbe as aves , e que desfolhe as flores : só entaõ he que os montes saõ amphitheatros , que servem de decoraçaõ
aos

aos valles; e estes pelo seu silencio, são os que despertaõ na memoria, huma contemplaçãõ activa, cheya de fervor, e saudade: finalmente em huma alma virtuosa tudo he defcanço, e paz. Neste estado vive aquella que foy ser Religiosa verdadeira; a outra que só o foy no modo da cerimonia, vive afflicta, arrendida, e embaraçada; tudo parece que lhe foge; nada alcança, sempre traz opprimida a vontade, o desejo ancioso, a esperanza cançada, os passos irresolutos, e o pensamento occupado em ambições, amores, e vaidades. Não póde haver mayor desasocego porque a ambição, por mais que consiga, nunca se contenta, e a inveja que a acompanha, só lhe faz notar com averfaõ os bens dos outros; a vaidade em presumpções, e altivezes, se consome; a arrogancia que lhe assiste, para sua confu-

confusão , faz acordar nas gentes a
nôucia de huma origem miseravel ,
e por consequencia de hum injusto ,
e mal fundado orgulho : o amor to-
do se compoem de ancias , e suspi-
ros ; hum amante , só em quanto
chora, he firme ; ama em quanto tem
de que se queixe ; o que faz acabar
o amor , he a ventura : rigorosa feli-
cidade , pois que para existir , he
necessario que não chegue, e para du-
rar , he necessario que a não haja .
Sempre o amor depende de contra-
dições , e de implicancias : e assim
se vê que a vaidade , o amor , e am-
bição , são os verdugos de huma al-
ma peccadora ; por isso vive em so-
bressaltos , e vive cuidadosa sem sa-
ber de que , e inquieta sem saber por-
que. O encanto da culpa , por mais
que lhe tire a lembrança dos motivos,
não lhe pôde tirar a angustia delles ;
a cada passo lhe parece que a terra se
sub-

subverte , ou que se abre o abyfmo ; o ruido de huma folha que cahe , a fufpende ; em cada voz cuida que ouve a fatal fentença , que fendo dada condicionalmente no principio do mundo , fô fe publica no fim del- le. O fabio que comparou o ciume ao Inferno , tal vez que melhor fize- ra , fe ao Inferno comparaffe a feal- dade do peccado , e com effeito fe ha coufa que fe pareça ao Inferno , certamente he o peccado , e a efte fô o Inferno pôde fer de algum mo- do comparavel : affim devia fer , por- que huma coufa foy feita para a ou- tra. Entre tudo o que causa efpanto , fô o horror de huma noite efcura he femelhante à culpa ; e na verdade que mayor horror do que ver a terra coberta de fombas , e combatida de huma tormenta furiofa ? As pedras parece que fe quebraõ , as torres que fe precipitaõ , os edificios que fe aba-

Sobre a vaidade dos homens. 241

abatem , e as arvores que se arrancãõ : a força da tempestade , tudo o que encontra desfaz , e despedaça tudo o que resiste ; o que he solido , e seguro , está mais exposto , e arriscado ; na fortaleza consiste o mayor perigo : já naõ he hum , mas muitos ventos que entre si peleanõ ; as gentes humas assombradas , buscanõ nas planicies hum emparo menos duvidoso ; as mesmas feras deixaõ as cavernas ; a todos parece que he menor o mal , entregando-se a elle sem abrigo , e sem defenfa ; outras com supplicas , com votos , e protestos , recorrem ao favor da Omnipotencia , e procuraõ achar nos templos hum asylo sagrado ; a luz dos relampagos repentina , e palida , a cada instante se mostra , e os olhos timidos , e afustados , tambem a cada instante se fechaõ ; alguma vez havia de fazer pavor a luz : segue-se depois hum

Hh

dilu:

do donde n
 no mar a do
 das hoje as
 aguis de h
 aquellas, qu
 sombro, e
 nome, e o
 mando a in
 já não serve
 nem de tri
 amante solit
 espelho às ve
 futuro serv
 mento ao ca
 finalmente já
 aguis, são
 forte são os
 assim buscao
 tado da grand
 leva, e acom
 memoria o lug
 que andaraõ,
 le e donde esse

do daquil-
 ; e def-
 esperan-
 quando
 perdemos
 e as che-
 perdemos
 desejo, do
 speranza.
 air as pai-
 a meyo o
 parece que
 is ; algu-
 a, e naõ
 a difficul-
 excellen-
 is, e sem
 e tirarlhes
 tiveis. Em
 a a vaidade
 a victoria
 e sem glo-
 ontra hum
 cam-

diluvio de agua; abrem-se as cataractas do Ceo; os elementos se unem, como para destruir a habitação, e habitadores da terra; mil inundações conduzem para o mar os sinaes lastimosos das ruinas; alguma vez havia de ser o mar quem recebesse em si os restos do naufragio. Esta pintura que a imaginação dibuxa, e que a experiencia mostra, he o retrato de huma alma em culpa; esta debaixo de hum semblante alegre, encobre sustos, temores, e agonias; o peccado tem horas em que dentro de nós mesmos nos accusa, e essas são as horas por onde começa a pena do peccado; o conhecer o crime he por onde começa o castigo d'elle: e quem ha que não conheça a sua culpa? Esta o que a faz criminosa, he o conhecella; a innocencia não he mais do que huma falta de saber; a ignorancia faz os brutos impeccaveis.

Todas

Sobre a vaidade dos homens. 243

Todas as mulheres sabem que o buscar a Clausura por vontade, he o meyo de evitar o vicio; mas que importa? Nem por isso vaõ por aquelle caminho, se as naõ levaõ; naõ basta que as guiem, se tambem as naõ arrastaõ. Cruel condiçaõ da natureza humana! Que occulta sympathy terá comnosco o mal, que antes o queremos seguir por entre espinhos, do que ao bem por entre rosas? O caminho, que conduz para as felicidades do Ceo, por mais que seja largo, e alegre, parece nos estreito, e triste; e aquelle que conduz para as felicidades da terra, por mais que seja triste, e estreito, parece-nos alegre, e largo; mas que ha de ser, se somos terra. Compramos o vicio à custa de trabalhos, e afflicções; a virtude naõ a queremos de graça; ao vicio estimamos, porque depende de objectos exteriores, e estes mui-

tas vezes custosos , incertos , e arriscados ; desprezamos a virtude , porque só depende de nós ; bons podemos ser sempre , porque basta que o queiramos ser ; para sermos máos , necessitamos de occasiaõ. Quantos damnos traz consigo a facilidade ! Os tres votos , que se julgaõ taõ pezados quando se professaõ , saõ os mesmos com que todos vem ao mundo ; todos nascem pobres , castos , e obediẽtes : a pobreza , e a obediencia quem as conserva he por força ; a castidade só por vontade se póde conservar ; e com effeito quem ha de segurar hum voto , que se quebra só com o desejo ? A castidade do corpo difficulosamente se guarda , e da alma , ainda com mais difficuldade , naõ sey em qual das duas consiste a castidade verdadeira ; se consiste na do corpo , essa he material , e está sujeita a mil enfermidades , e
acci-

Sobre a vaidade dos homens. 245

accidentes , e tal vez póde perderse sem consentimento de quem a perde ; e seria injusto , que huma qualidade taõ bella , e em que se funda a virtude mais superior , ficasse dependente da força , do tempo , da opiniaõ , e tambem de algum successo involuntario : he pois na alma o donde consiste a castidade mais perfeita , e verdadeira ; mas sendo assim , donde se ha de achar a castidade ; pois para corromperse , basta hum instante de vontade , de inclinaçaõ , de pensamento , de amor ?



Na republica das letras naõ ha menos vaidade que na republica das armas ; sim he huma vaidade metaphysica , espiritual , e que na sua origem tem huma existencia vaga , e inconstante ; mas por isso mesmo he mais vã do que outra nenhuma vaidade. O seu objecto , saõ os discursos ,
fos ,

fos , e a disputa , objectos sem corpo , vãos por natureza , e por instituto. O campo desta vaidade he a imaginaçãõ : campo vasto ainda quando he infecundo ; e que brota lirios , e violas , quando não produz rosas , e assucenas. Assim que entramos no mundo , entramos tambem a defender a nossa opiniaõ ; neste combate se passa inteiramente a vida : a guerra do entendimento não tem fim senão comnosco ; guerra feliz em que ninguem fica vencido , ou ao menos em que ninguem crê que o foy , e em que cada hum pela sua parte canta a vitoria ! A razaõ nos arma contra a razaõ mesma ; cada hum cuida que a tem por si , que a vê , que a toca , e que a conhece ; sendo que quasi sempre , o que temos por razaõ , não he mais do que huma sombra della , e ainda essa mesma sombra he taõ escura , e escondida ,

Sobre a vaidade dos homens. 247

condida, que quando a encontramos, he mais por sorte que por experiencia, e mais por accaço que por estudo. O ter ou não ter razão, he verdadeiramente a guerra em que se passaõ os nossos dias, e os nossos annos. O não ter razão argue vicio na vontade, ou erro no entendimento: que defeitos estes para que a vaidade os reconheça?

112 ~~~

Contra o nosso parecer, nunca achamos duvida bastante, contra o dos outros sim. A vaidade he engenhosa em glorificar tudo o que vem de nós, e em reprovar tudo o que vem dos outros: nas producções do engenho ha huma especie de creação; daqui procede que ninguem se desdiz sem repugnancia, porque a natureza he inflexivel no intento de conservar aquillo que produz, e a vaidade nunca renuncia ao lustre da inven-

invençãõ ; queremos produzir muito , e meditar pouco , por isso erramos ; mas depois que o erro se naturalisa em nós , já o não vemos , senão com a figura de razaõ.

113 ~ ~

He mais facil sustentar huma opiniaõ má , do que escolher huma boa ; porque o erro he como hum edificio , cuja fabrica exterior he composta de huma infinidade de angulos ; com algum destes encontra o discurso facilmente , porque são muitos , em lugar que o acerto he como hum ponto fixo no meyo de huma esphera ; o discurso que anda vagando à roda , não vê o ponto , porque este he só hum ; do mesmo corpo nasce a sombra que o encobre : são innumeraveis as linhas , que se podem lançar de huma circumferencia para hum centro commum ; alguma linha ha de verse , porque são muitas ;

c o

Sobre a vaidade dos homens. 249

e o centro não, porque he unico: a superficie do globo impede o poder ver-se a sua concavidade; ou se ha de ver huma cousa, ou outra; ambas ao mesmo tempo não pôde ser.



Sobre o mesmo caso, ha muitas opiniões más, e só huma he boa; por isso esta acha-se com trabalho, e a outra com facilidade. Ha mil caminhos que vão ter a huma má opiniaõ, e só hum conduz para a que he boa. A rectidaõ de huma linha só se faz por huma fórma, por isso he difficultosa; a obliquidade faz-se por muitos modos, por isso he facil. Cada cousa que vemos, he por entre huma infinidade de outras cousas; a opiniaõ tambem se mostra por entre huma infinidade de outras opiniões; e da mesma sorte a razãõ, que se offerece, he por entre huma infinidade

de outras razões; neste labyrintho nos perdemos. Cada cousa tem tantas partes por onde se considere, que de qualquer modo que a imaginemos, sempre achamos argumentos, que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmam o acerto: daqui vem que ha opiniões para tudo, assim como para tudo ha exemplos. Aquillo, que nbs parece que he sem duvida, he donde às vezes a ha mayor. As aguas do Oceano, por mais que sejam crystallinas, nem por isso deixão ver o fundo que as sustenta; que importa que sejam claras, se são profundas? Recebemos as idéas, que o entendimento nos propoem, ou certas, ou duvidosas; e assim as conservamos: o emendallas he difficil, porque a emenda depende do mesmo entendimento, que erra. A vaidade faz a obstinação, porque he como hum juiz inexoravel, que nunca muda,

da , nem refórma ; se he que o amor da producção não concorre ainda mais.



A vaidade de adquirir nome , he inseparavel de todos os que seguem a occupação das letras ; e quanto mayor he a vaidade de cada hum , tanto he mayor a sua applicação : não estudaõ para saberem , mas para que se saiba que elles sabem ; buscaõ a sciencia para a mostrarem ; o seu objecto principal he a ostentação , e assim não he a i sciencia que buscaõ , mas a reputação ; esta he como as outras , em que o adquirir he mais facil que o conservar ; e verdadeiramente o conseguirse hum nome , póde ser obra de hum dia , ou de hum hora ; o conservallo he empreza de toda a vida. Do accaso de hum successo póde resultar hum nome grande , mas de hum accaso ,

Li ii não

naõ póde resultar a conservaçaõ del-
le. Bem se pode ser feliz por accaço ;
mas naõ se póde por accaço ser sem-
pre feliz. A fortuna naõ só governa
as armas , mas tambem as letras ; por-
que a memoria , se huma vez se per-
mitte com abundancia , nega-se mil.
Em qualquer estado , se tem a repu-
taçaõ por felicidade ; porém esta he
difficil conservar-se à proporçaõ que
he grande. Algumas vezes póde de-
pender de nós o buscar huma occa-
siaõ favoravel, de que venha a proce-
der hum grande nome ; porém naõ
está na nossa maõ o fazello durar.
Hum merecimento , ou hum saber
pequeno , póde fazer adquirir huma
grande fama , e o mayor merccimen-
to junto ao mayor saber , naõ basta
para a conservar. Por mais bem fun-
dada que seja huma grande réputa-
çaõ , nem por isso he possível ter
segura a opiniaõ das gentes. Os ho-
mens

Sobre a vaidade dos homens. 253

mens cançã-se do admirar ; passados os primeiros movimentos em que as cousas raras , attrahem , como por força , o nosso louvor , e approvaçãõ ; depois , a vaidade de quem admira , he a primeira que se desgosta ; irrita-se contra tudo o que he superior. Huma qualidade eminente que vemos nos outros , fica-nos sendo como huma qualidade adversaria , e opposta. A vaidade , ou a inveja , que ella produz , não só se dirige contra a opulencia alheya , mas tambem contra a alheya sabedoria ; a sciencia não tem mayor inimigo , que a ignorancia : tudo o que está em lugar alto molesta-nos a vista , e a attençaõ ; só o que está no lugar em que nós estamos , não nos offende. A igualdade , e uniformidade he natural em tudo ; por isso os que se afastãõ desta ley universal , ficaõ sendo odiosos aos que se conservaõ nella.

nella. Ha muitos meynos para subir ; a vaidade he a que guia a todos ; e com effeito sem vaidade ninguem sobe , nem procura subir ; estes sim ficam confundidos em huma vulgaridade escura , mas ninguem lhes examina se os passos com que sobem, são justos , ou iustos ; as azas da vaidade tambem se derretem. Quem não tem vaidade não desperta a dos outros contra si.



Os que crem que sabem mais que os outros , ou se enganaõ , ou se persuadem bem : se se enganaõ , o mesmo engano lhes serve de ludibrio ; se se persuadem bem , a vaidade da sciencia os faz taõ ferozes , e severos , que ficaõ sendo insupportaveis. A sciencia humana commummente se reveste de hum ar intratavel ; imagem tosa , desagradavel , e impolida. A especulaçaõ traz consigo hum semblante

blante distraído , e desprezador ; quanto melhor he huma ignorancia civil. Toda a sciencia se corrompe no homem ; porque este he como hum vaso de iniquidade , que tudo o que passa por elle , fica inficionado : as cousas trabalhaõ por se accommodarem ao lugar donde estaõ , e por tomarem delle as propriedades , só com a differença ; de que as cousas boas fazem-se más , porém estas não se fazem boas. Nas sociedades , o mal he mais communicavel ; a perdaõ he mais natural ; o que he bom , mais depressa tende a perderse , que a melhorar-se ; os frutos da terra quando chegaõ ao estado de madureza , nem persistem nelle , nem retrocedem para o estado de verdura ; antes caminhaõ até que totalmente se arruinem ; por isso o ultimo gráo de perfeiçaõ , costuma ser o primeiro na ordem da corrupçaõ. Naquillo em
que

que a Providencia não predefinio hum ser permanente , e inalteravel , a natureza não cessa de moverse em quanto não desfaz , em quanto não corrompe , e em quanto não acaba. A sciencia acha no homem propensão para a vingança , para a ira , para a ambição , e para a vaidade ; nenhuma destas inclinações lhe tira , antes as conforta ; porque a sciencia não vem fazer hum homem novo ; assim como o acha , assim mesmo o deixa. As noticias , que alguns foraõ alcançando pela successão dos tempos , e que para as fazerem respeitaveis , e as conservarem em huma magestade primitiva , as foraõ caracterizando com nomes pomposos , e pouco intelligiveis, huns Latinos, outros Gregos , outros Arabicos ; como Filosofia , Geometria, Algebra , essas taes noticias a que chamaõ sciencias , não se adquirem brevemente , nem he traba-

trabalho de hum dia , mas de muitos annos , e de toda a vida ; e desta forte antes que qualquer sciencia se introduza em nós , tem tempo para se adjectivar , e familiarizar conosco , e para se consubstanciar com todos os nossos vicios , e com todas as nossas inclinações ; e nesta fórma quando as sciencias chegaõ , não he para nos emendar , porque já vem tarde ; e se entaõ nos emendamos, essa emenda não he effeito da sciencia , mas da nossa debilidade. Os homens mais facilmente se mudaõ, do que se emendaõ; quem muda he o tempo, a sciencia não. Commummente o que nos faz deixar os vicios , he a impossibilidade de os conservar ; e ainda entaõ o que perdemos , he o uso delles, e não a vontade ; largamos o exercicio, e não o affecto ; desistimos da occupaçaõ , e não da inclinaçaõ ; e finalmente nós não somos os que

: Kk

dei-

deixamos os vícios, elles saõ os que nos deixaõ ; nós os seguimos de longe, e por mais que os sigamos cansados, nunca os perdemos de vista ; quando naõ podemos ir, os objectos nos arrebatãõ : a memoria dos nossos vícios passados, nos está servindo de vicio presente ; e quem sabe quaes saõ os que obraõ com mais vigor, e mais activamente ? A imaginaçaõ naõ he cousa taõ sem corpo como nos parece ; tal vez que naõ tenha de menos que o ser mais subtil, e desta qualidade o que póde resultar, he o ser mais duravel. Naõ sey se houve já quem reparasse, que o gozto dos successos saõ menos attractivos na realidade, do que saõ depois lembrados ; a complacencia naõ he taõ forte, quando a primeira vez se mostra na verdade, como quando se repete na lembrança, e se representa sempre ; o susto do perigo naõ he taõ grande

Sobre a vaidade dos homens. 259

grande no instante que succede , como he depois que se recorda , e isto he porque o corpo he susceptivel de hum pasmo tal , que fica como absorto , immovel , e insensivel ; só a imaginação não se entorpece facilmente , por isso recebe as impressões do gosto , e do pezar , em toda a sua força , e em toda a sua extensão ; o pensamento he o lugar em que a natureza se concentra , e fortifica ; daqui vem que tudo quanto se sente , ou se vê com o pensamento , fica sendo mais visivel , e mais sensivel . Não he pois a sciencia a que nos ensina , o tempo sim ; a sciencia he como hum crystal claro , que posto sobre huma má pintura , sim lhe dá lustro , mas não a faz melhor , nem de mais valor ; a luz que he symbolo da perfeição , não faz mais perfeito nada do que alumea : cada cousa guarda o seu defeito original ; e assim devia

fer , porque a natureza de cada cousa tambem se compoem do seu defeito , e este quem lho tira , desmancha a mesma cousa , porque a defunc , e a separa : em qualquer composto não só he parte principal o que ha nelle de excellente , mas tambem aquillo que tem de inferior ; o dividillo ou emendallo seria o mesmo que perdello : em hum medicamento tambem entra o simples amargoso , e este se se tira , fica o remedio sem virtude. Tudo he singular na sua especie : o verdadeiro ser das cousas não depende da approvaçã do nosso gosto ; de parecer mal , não se segue que o seja ; as cousas menos estimaveis , e ainda as mais aborrecidas , tiverã famosos Apologistas ; nós regulamos tudo pela nossa sensibilidade , e nesta he que costuma haver o engano ; isto vem a ser o mesmo que pezar por hum pezo falso ; medir por huma
me-

medida errada ; e calcular por hum
compasso incerto : a infidelidade está
no instrumento que peza , e que me-
de ; tudo o que julgamos , he segun-
do a nossa razão , e segundo a nossa
sciencia ; miseravel instrumento , mil
vezes falso , e enganoso ! A ignoran-
cia tem produzido menos erros que a
sciencia ; esta o que tem de mais ,
he que sabe introduzir , espalhar , e
authorisar ; e segundo a nossa vaidade
o errar importa pouco ; o ponto
he sustentar o erro ; e nesta fórma o
que a sciencia nos traz , he sabermos
errar com methodo.



E com effeito em que se acor-
daõ os sabios ? Qual he a doutrina
em que todos concordaõ , qual he o
systema em que todos convem , ou
qual he o principio em que todos se
fundaõ ? Só a vaidade he certa em
todos. Não ha furor a que hum ho-
mem

mem se não entregue, só, pela vaidade de ser cabeça de hum dogma, ou de huma opiniaõ. Vejamos qual tem sido o destino da Filosofia, que se diz ser a primeira das sciencias. Os discipulos de Aristoteles dividiraõ-se em duas seitas, ou em duas parcialidades; huma foy a que chamaraõ Nominaes, e outra a dos Realistas; os Nominaes diziaõ, que as naturezas universaes não eraõ outra cousa mais do que nomes; os Realistas, seguindo opiniaõ contraria, affirmavaõ, que aquellas naturezas eraõ verdadeiramente cousas que existiaõ na realidade. Occaõ, Frade Inglez, e discipulo de Scoro, foy o cabeça dos Nominaes, e João Duns o cabeça dos Realistas: estes seguiaõ a Aristoteles mais literalmente; os outros não admittiaõ nenhuma entidade superflua, tendo sempre por infallivel o axioma do Filosofo, quando diz, que

Sobre a vaidade d's homens. 263

que a natureza nada faz em vaõ. Estas duas feitas fizeraõ em Alemanha hum tal progresso, que huma materia inutil, indifferente, e puramente de opiniaõ, veyo a parar em fazerse della hum ponto de honra; a vaidade de discorrer melhor animava com tal excessõ a todos, que os argumentos só se decidiaõ pelas armas; os combates particulares vieraõ finalmente a reduzirse a huma guerra viva. Introduzio-se aquelle mesmo phanatismo em França, e chegou a tanto extremo, que Luiz XII. para o evitar, determinou, que em todas as livrarias se fechassẽ com cadeas os livros dos Nominaes, para que ninguem os pudesse abrir, nem ler. Daquella sorte veyo a ficar a doutrina de Aristoteles tão desfigurada, pelas subtilezas com que cada hum queria sustentar a vaidade da sua opiniaõ, que essa foy a causa principal

pal de desprezar-se a Filosofia, e ficar parecendo odiosa a todos. Os livros de Aristoteles foraõ levados a França no seculo treze pelos Francezes, que tinhaõ ido a Constantinopla; Amauri, que entrou a sustentar os seus erros pelos principios daquelle Filosofo, foy condemnado como Herege por hum Concilio de Pariz celebrado em o anno de 1209. Este Concilio prohibio totalmente a leitura de Aristoteles, e condenou os seus livros ao fogo: a mesma prohibiçaõ se tornou a renovar por hum Legado, sómente a respeito da Fyfica, e Metaphysica. Gregorio IX. diminuiu a prohibiçaõ do Concilio de Pariz por huma Bulla expedida em 1231, prohibindo a leitura das obras de Aristoteles, sómente em quanto se naõ extirpavaõ os erros, que resultavaõ, ou podiaõ resultar da sua doutrina. Em 1366 os Cardeaes Joaõ de S. Marcos,

Sobre a vaidade dos homens: 265
cos, e Gil de S. Martinho delegados por Urbano V. para reformarem a Universidade de Pariz, concederão, que se pudessem ler varias obras de Aristoteles, exceptuando a sua Physica. O Cardeal de Estoureville em 1452, fazendo varios regimentos para a mesma Universidade por mandado de Carlos VII. ordenou que os Estudantes, e Bachareis fossem examinados pela Metaphysica, e Moral de Aristoteles. Em 1601, concedeo à Universidade de Pariz o uso, e lição das obras daquelle Filosofo, e juntamente da sua Physica; e à imitação da Universidade Começaraõ todos os estudos publicos a seguirem a Filosofia Peripatetica; esta foy combatida em 1624, por conclusões; porém a faculdade de Theologia de Pariz, e o Parlamento, tomou a sua defeza: a Sorbona fez hum Decreto, pelo qual censurou aquellas Conclu-

Li

sões

sões, e o Parlamento por hum Acordão ordenou tres cousas, a primeira que aquellas Conclusões fossem laceradas; a segunda, que todos os que as tivessem defendido, fossem riscados dos livros das matriculas; a terceira, que todos os que ensinassem algumas maximas, que fossem contrarias aos Authores antigos, e approvados, incorressem em pena de morte. Em 1629 declarou o Parlamento, que se não podiaõ impugnar os principios da Filosofia de Aristoteles, sem se impugnarem tambem os da Theologia Scholastica recebida na Igreja: porém não obstante todas estas prohibições, e declarações, entrou Gassendo a escrever contra aquelles principios; e Cartesio se-fe cabeça de hum novo systema, ou nova feita. Depois destes começou a Filosofia de Aristoteles a perder muito do seu primeiro lustre: hoje as Filosofias todas se

Sobre a vaidade dos homens. 267
se compoem de Mathematicas; de sorte que já não ha syllogismo, que conclua, senão he fundado em alguma demonstraçã Geometrica; na Physica não se está pelo que se diz, senão pelo que se vê; pouco importa que se a firme que este, ou aquelle *Meteoro* procede desta, ou daquela causa, se isso se não mostra por meyo de alguma experiencia, ou instrumento. A formaçã das nuvens, do vento, da chuva, dos rayos, e terremotos, e de outros muitos effeitos naturaes, a *Chimica* não só ensina como se produzem, mas tambem os imita; e isto sem ser necessario saber se o Syllogismo está em *Barbara*, ou em *Celarent*. Hum lambique, hum Bolipilo, huma machina *Pneumatica*, e a mistura de varios corpos, explicaõ mais em huma hora, do que hum professor de *Filosofia* em muito tempo; o entendimento percebe me-

Ihor sendo ajudado pelos olhos, do que só por si. Nas mais sciencias tambem tem havido fortunas, e desgraças; todas encontraraõ hum tempo feliz, e outro infausto: a vaidade dos primeiros Mestres, continuada em seus successores como herança, foy a fonte, em que nasceraõ as sciencias; destas a Monarquia principal, he a Europa; na mayor parte do mundo, o desprezo das sciencias passou à Religiaõ; assim devia ser porque a vaidade, que resulta das sciencias, he vaidade de homens livres, e estes só os ha na Europa: o Dispotismo reduzio as outras partes a escravidão. Que vaidade pôde haver em hum escravo? Este ou seja valeroso, ou sabio, nada disso he seu: o valor, e sabedoria tambem entraõ na escravidão; a vaidade que o escravo pôde ter, tambem pertence ao Senhor: o edificio, a carroça triumphal, o alfange,

Sobre a vaidade dos homens. 269

fange, a pendula, são instrumentos incapazes de vaidade em si; da bondade delles só o Senhor se desvanecer: assim são os escravos; se ha Automates no mundo, são elles.



A vaidade das letras he mayor do que a vaidade das armas; estas sim tem occasiões de mayor pompa, de mayor grandeza, e de mayor admiração; mas tudo nas armas he semelhante ao rayo, cuja luz, e estrepito se extingue em hum instante. Os Heroes nunca chegaõ a durar hum seculo; as suas acções não duraõ mais, se a fortuna lhes não dá na republica das letras alguma penna illustre, que conserve a vida daquellas mesmas acções, já succedidas, já passadas, e já mortas. A vaidade das sciencias por ser huma vaidade pacifica na apparencia, não deixa de ser altiva, e arrogante. As aguas, que vão fazendo

do escumas , e que correm com ruído , não são as que affustaõ mais ; aquellas que parecem negras , que passaõ em silencio , e que apenas se movem , essas são donde o perigo he certo : nas prayas he donde o mar se levanta mais , e faz estrondo ; donde he pego verdadeiro , em que as ondas como em campo largo em si mesmas se abrem , se suspendem , e revolvem , não tem o mar bramidos , nem furor , mas he lá donde o risco he grande. O damno não costuma estar tanto donde se mostra , como donde se esconde : assim são as letras , e assim são as armas ; estas fazem o rumor aquellas o estrago : as armas fazem o mal , mas acabaõ com elle , as letras o mal que fazem , dura ; as armas canção , as letras não ; a espada nem sempre póde usar de força , e de traição ; a penna sempre póde ser traidora , e alcivosa ; he arma
que

Sobre a vaidade dos homens. 271

que não póde acautelarse; quanto mais leve, e mais subtil, mais perigosa: daqui vem o serem as letras de algum modo inexpugnaveis, e por consequencia vaidosas, porque o ser invencivel precisamente influe vaidade; o combate das sciencias entre si, são combates invisiveis, em que ninguém se rende; e o renderse valeria o mesmo, que huma confissão expressa de ignorancia; e com effeito, de quem cede, nunca se prezume haver cedido, porque conheceo a razão alheya, mas por falta de saber sustentar a sua; a fraqueza não se attribue à proposição, mas a quem a defende; de sorte, que a sciencia não consiste em saber conhecer, mas em saber responder, e arguir; por isso quem mais disse, he quem mais soube: as letras não se costumão tomar pelo pezo, mas pelo volume; fazem-se recommendaveis pela extensaõ; o
ponto

ponto he que cresçaõ na quantidade , a qualidade he materia indifferente ; ellas naõ avultaõ pelo que saõ , mas pelo que soaõ ; regulaõ-se pelo appa- rato , e naõ pela substancia ; estimaõ-se pelo que parecem , e naõ pelo que valem ; o que importa nellas , he ter no exterior hum brilhante falso , cu- jo resplandor furtado escandalize os olhos de quem o quizer ver de per- to ; basta que a attençaõ fique assom- brada com o aspecto de huma ima- gem nova , ainda que na verdade naõ seja mais que huma fantasma ; a su- perficie deve estar coberta de huma claridade intensa , e forte ; o fundo seja embora confusaõ , cegueira , cahos. Só o que he precioso , he to- do o mesmo em si , e o mesmo em todas as suas dimensões: o diamante naõ tem parte em que naõ seja dia- mante , a roda que o pule , por mais que lhe multiplique as faces , em to- das

Sobre a vaidade dos homens. 273

das o acha igualmente duro ; não he mais solido em hum lugar, que em outro ; a porção , que o engaste cobre , não he inferior à aquella que se mostra ; a luz por toda a parte encontra nelle a mesma resistencia , por isso retrocede reflectida , como em vibrações de varias cores. Não são assim commumente as letras ; o que ha nellas de agradavel , he o que fica exposto à vista , e por isso ornado de emblemas , de proporções , de correspondencias , e figuras ; o mais he hum labiryntho informe , rude , e indigesto ; o metal burnido applicado fora , não deixa ver por dentro o páo sem lustro , nem valor.



São raros os que nas letras buscaõ a sciencia ; o que buscaõ , he utilidade , e applauso ; este he objecto da vaidade , aquelle da ambição ; outros ha , que quando buscaõ as sciencias ,

Mm

encias ,

encias, nellas buscaõ tudo ; naõ sô interesse , louvor , e approvaçaõ dos homens , mas tambem hum quasi dominio delles ; as letras saõ armas com que querem adquirir sobre os mais homens hum direito de conquista : esta idéa ou esperanza , parece que nasce com elles , e com elles cresce ; ainda estaõ nos primeiros elementos das primeiras artes , quando logo se propoem aquelle intento , para este se encaminhaõ todos os seus passos ; das virtudes , e dos vicios seguem aquelles , que conduzem para aquelle fim ; e assim naõ saõ virtuosos , nem viciosos por natureza , mas por occasiaõ : a natureza naõ os fez máos , nem bons ; elles he que se fazem a si , por seguirem o que a occasiaõ pede. Sempre estaõ promptos para deixarem a virtude , e abraçarem o vicio , e tambem para deixarem este , e abraçarem a virtude ,
com

Sobre a vaidade dos homens. 273

com tanto que disso dependa a sua elevação. Deslealdade, fé, religião, hypocrisia, tudo para elles val o mesmo; olhaõ para os vicios, e virtudes, como para varios instrumentos de que hum artifice perito se sabe servir a tempo, naõ segundo o que a razão pede, mas segundo o que pede a obra: para que ninguem os siga, nem conheça, vaõ desfazendo, ou escondendo os degrãos por onde sobem, e só no ultimo se mostraõ, mas entaõ já tem na maõ o rayo, já naõ saõ imagens de pequena consequencia; saõ constellações formidaveis, e funestas; a aquella altura nenhum incenso chega; o respeito mais profundo, he vulgar; o que exigem, he silencio, e adoração; e ainda esta ha de ser de longe, porque o chegar a elles de algum modo, he sacrilegio. Os sabios venturosos, de tudo fazem azas, até das cousas

Mm ii mais

mais improprias para voar ; por isso qualquer crime nelles fica sendo huma acção justa ; nos outros huma culpa leve he delicto atroz : para tudo tem huma multidão de applicações , e intelligencias ; estas são as que dão fer a todas as suas cousas ; e todas nas suas mãos mudão totalmente de figura ; nada lhes parece como parece aos outros ; querem reformar o mundo , pouco reformados em si ; soberba , ambição , grandeza , são os tres polos , em que se estabelecem , e se fundão ; aquelles são os Idolos , a quem unicamente sacrificão , e de quem elles são ao mesmo tempo , retratos , e originaes , idolos , e idolatras ; Narcisos das suas acções , e sobre tudo das suas letras , elles são os primeiros que se admirão , e se applaudem ; e tudo com tal arte , que aquella admiração sem fé , por ter nelles mesmos hum principio errado ,
e sus-

e suspeitofo ; elles de tal sorte a espalhaõ , que depois de introduzida , vem a servir-lhes de titulo legitimo ; e se ha por accaso quem duvide , já he tarde , porque na fama tambem cabe prescripçaõ ; he como huma posse , que fica sendo prova do dominio. O vulgo tudo o que recebe , he sem exame , e depois , antes quer permanecer no erro , do que entrar a examinar ; e com effeito he mais facil ir com os que vaõ , do que para para os suspender : por isso os que adquirem opiniaõ de sabios , ficaõ graduados por acclamaçaõ , mas essa opiniaõ devem à fortuna , e naõ a si , porque as mais das vezes apenas faudaraõ de longe as letras ; e assim se verifica , que a quem tem fortuna , basta o saber pouco ; se he que para fortuna o saber naõ basta. Tanto he certo que as çousas se implicaõ , e confundem tanto , que nas mesmas
razões.

razões, em que se funda a razão que afirma, também se pôde fundar a razão que nega: daqui vem, que he motivo de huma grande vaidade, o saber retorquir a força do argumento contra quem o faz, à maneira de hum guerreiro, que desarma outro, para o deixar sem defeza, e para o render com as suas proprias armas; também com o discurso fabricamos armas contra nós, e essas são as mais fortes, porque he como hum mal que se fórma dentro em nós, e que he mayor à proporção que he nosso: o damno exterior admite mais reparo.

Naõ são as sciencias as que costumão pacificar o mundo; desordenallo sim. O exercicio, ou a vaidade das letras, toda se compoem de discussões, objecções, e duvidas; a disputa em si he cousa mais principal do que a materia da questão: alteraõ-se

teraõ-se os animos , mas naõ se persuadem , porque naõ disputaõ pela razaõ , mas pela disputa ; e esta se se acaba , he porque acaba o tempo dado para disputar ; o relógio aparta os combatentes ; estes separaõ-se , porém nenhum vay sabendo mais ; porque como no argumento naõ buscaõ a verdade , por isso esta sempre fica ignorada , occulta , e desconhecida ; o ponto he , que fique satisfeita em hum a gloria de arguir , e em outro a vaidade de responder ; e assim naõ se trataõ as cousas , trataõ-se as palavras dellas : daqui vem , que o ficar vencido na fórma , he o mesmo que ficar vencido em tudo ; porque a substancia he como cousa estrangeira , e indifferente. De dous textos contrarios a fadiga que resulta , he ver , se ha meyo de os poder unir , e conciliar ; que a razaõ esteja em hum , e naõ em outro , isso
im-

importa menos ; a arte está em subtilisar de sorte , que ambos os textos fiquem conservados , e que a nenhum se tire a sua authoridade magistral ; tire-se embora a fé à verdade , e à justiça ; porém não ao texto ; este sempre deve servir de regra , por mais que seja regra errada , e não direita ; o empenho da vaidade não está em descobrir a verdade , mas em ostentar v. g. huma erudição Rabinica , e mostrar que na lingua Hebraica , a palavra *alma* nunca significou outra cousa senão *virgem*. Como a vaidade das sciencias traz consigo hum desejo immenso de adquirir nome , este parece que se adquire à força de vozes , e estas devendo ser de fóra , costumão sahir do mesmo sabio pretendido ; elle he o que entoã o cantico , e sempre acha na turba quem o siga : na confiança de começar , encontra-se huma especie de valor

valor de que a fortuna se namora ; a resolução de pegar nos louros , e nas palmas , faz parecer que são suas : ha muito , que as sciencias tem o privilegio de poderem ellas mesmas coroar-se a si ; e com effeito o saber na realidade mais , ou menos , he segredo , que fica escondido ; estamos pelo que indicaõ as insignias ; e nas letras , huma parte do que vemos , são edificios vãos , compostos sómente de hum soberbo frontispicio ; e este , por mais que inculque hum fundo grande , quem lho busca , não o acha ; por isso tem fechadas as portas ; e se algum entra , he daquelles , que sabem o defeito , e tem interesse nelle ; os mais todos são profanos. A sabedoria humana he como a cortina do theatro ; nella se vem pintados primorosamente jeroglificos , medalhas , inscripções , e attributos ; e nesta variedade de acções,

Nn

e de

e de sujeitos, se suspende a vista; e o coração que admira, todo se deixa penetrar de hum respeito, ou medo veneravel; mas se algum impaciente, e indiscreto fórça a cortina, e entra, o que vê, he hum lugar escuro, embaraçado, sem ordem, nem aceyo; vê Authores ainda cobertos de roupas miseraveis; alguns, vestida a gala, e empunhado o cetro, (adornos alheyos, e suppostos) vê chegados a huma luz defanimada, recordando de hum papel immundo as palavras de que a memoria se encarrega com trabalho; outros defronte de hum espelho sombrio, exercitando a cadencia dos passos, das acções, do gesto, e revestindo os semblantes de hum aspecto alegre, ou triste, e de hum ar de soberania, de valor, e de justiça: vê as Actrices, que não menos cuidadasas, alli mesmo se ajustaõ, e preparaõ;

Sobre a vaidade dos homens. 283

paraõ ; e que algumas a pezar do tempo , e a milagres do artificio , cuidaõ que reparaõ em brevissimos instantes , a ruina que fizeraõ muitos annos , semelhantes às serpentes quando se renovaõ , mas naõ taõ felices ; todas em hum espelho portatil estudaõ amor , desdem , severidade , contentamentos , lagrimas ; tudo aprendem no crystal , mestre mudo , e fiel , e que mudamente ensina a propriedade , o ar , a graça ; mas que importa , o ar he vaõ , a graça he enganosa , e a propriedade he falsa ; o representar he mentir ; desde que a scena começa , até que acaba , naõ se vê mais do que hum fingimento de acções , e de figuras ; quem mais se distingue , he quem melhor exprime o que naõ sente , e quem parece melhor o que naõ he ; a arte naõ está em imitar , mas em contrafazer : as sombras substituem

Nn ii, o lu-

o lugar das cousas ; e a relação da historia, fica sendo a historia mesma : o mentir por aquelle modo , he hum meyo facil para imprimir facilmente na memoria os successos passados ; he huma tradição , que se communica agradavelmente , não só pelo que se ouve , mas tambem pelo que se vê ; alguma vez havia de ser util o engano ; e com effeito daquella sorte vemos os combates sem perigo ; as virtudes vemos com gosto ; e se vemos tambem os vicios , he sem entrar nelles , para os aborrecer , pela fealdade com que se mostrão , e não para os seguir. Em theatro mayor , e em mayor scena se passão , e representaõ as vaidades do mundo , e entre ellas a vaidade das sciencias ; o homem não se entende a si , e cuida que entende a fabrica dos Ceos ; ignora a ordem da sua propria composiçaõ , e crê que não ignora

Sobre a vaidade dos homens. 285

ignora o de que se compoem a terra ;
naõ sabe a economia dos seus mes-
mos movimentos , e julga que sabe o
como se move o Universo ; finalmen-
te naõ se conhecendo a si , presume
que tudo o mais conhece. A vaidade
do saber parece que arrebatã o ho-
mem , e que em espirito o faz circu-
lar os orbes celestes ; lá conta o nu-
merõ dos crystallinos , vê a esfera
do fogo , e mede a distancia , o giro ,
e grandeza dos Planetas ; porém assim
que torna a si , nada do que tem em
si sabe , nem conhece : vê hum cor-
po sabiamente organizado , e nelle
acha vontade , intelligencia , ira ,
aversãõ , vaidade , desejo , esperan-
ça , amor ; acha hum sangue que se
move , e hum calor que o anima ;
tudo distingue com nomes differen-
tes ; paixões , systole , diastole es-
píritos vitaes , humido radical ; es-
tes são os nomes , a que erradamente
cha-

chamaõ das cousas, naõ sendo se-
naõ nomes dos effeitos; o que se co-
nhece , ou sabe , he o effeito das
cousas pela distincão dos nomes ; mas
o conhecer o nome , naõ he conhe-
cer a cousa. Todos sentimos a im-
pressão do ardor , mas ninguem sabe ,
o como essa impressão se faz ; e desta
sorte o que conhecemos , he o effei-
to do frio , e naõ o frio ; vemos a
determinação da vontade , mas naõ
sabemos o como a vontade se deter-
mina. Quem he que sabe de donde
vem o agrado da harmonia , nem o
desagrado da dissonancia ? Huma
voz suave nos encanta , hum som
aspero , e agudo nos molesta ; mas
quem ha de dizer o donde procede
no som a suavidade ou a aspereza ?
Os effeitos mais sensiveis , e mais
certos , saõ os da dor , e tambem do
gosto ; mas quem he o que conhece ,
de que se origina o gosto , nem de
que

que se fórma a dor? Ainda os effeitos das cousas conhecemos mal, só os sentimos; parece que só temos sensibilidade, e não conhecimento; aquillo que conhecemos, he porque o sentimos; do nosso sentir resulta o nosso modo de conhecer. Os primeiros principios, e os primeiros movimentos reservou-os para si a Providencia; o homem só ficou exposto a elles, para os admirar, e não para os saber. A vaidade das sciencias toda se cança em conjecturas, que faz passar por demonstrações; quando suppoem, que encontra a parte, em que póde desatar o nó, então o aperta mais: os discursos perdem-se na immensidade vaga de huma materia impenetravel; a natureza sabe eludir todos os nossos estudos, e conceitos; não he mais facil no que mostra, do que no que esconde; não he menos reservada no que produz a
super-

superfície da terra , do que naquillo que fórma no feu centro ; só ella conhece as suas leys , e os seus segredos : vemos nascer a flor , cresce à nossa vista ; mas nem por isso sabemos o como a flor nasce , nem o como cresce : a difficuldade sempre fica sendo a mesma ; o nosso engenho todo se evapora , em bellas fantasias , e em razões notaveis ; mas estas só servem de enganar , ou de entreter a mocidade que começa , e que ainda não sabe por experiencia , que a mayor parte das cousas de que o mundo se compoem , nem se podem ensinar , nem aprender. A vaidade da sabedoria humana não se funda na certeza da sciencia , mas na certeza da cadeira ; esta à maneira de huma torre inexpugnavel infunde terror ; e o discipulo docil , e innocente , recebe como de hum oraculo as decisões do Mestre : os que
estão

deraõ-se , acabaraõ-se ; temos noticia dellas pelo que foraõ , e naõ pelo que saõ. Roma, essa illustre capital do munto, ou ao menos da mayor Replubica, que o mundo vio; essa universal conquistadora, para cuja gloria concorreo a fortuna mais constante, e cujo poder se manifesta ainda, ou já referido nos seus Fastos; ou já representado nos vestigios preciosos das ruinas, como em o belifcos, arcos triunfaes, columnas, circos, aqueductos, urnas sepulchraes; essa Cidade ativa em que o munto se quiz resumir, e abreviar; ella mesma conta a decadencia do seu esplendor nativo, do tempo em que as sciencias chegaraõ ao mayor auge. Julio Cesar, famoso Heroe, e sabio Capitaõ, foy o que nos campos de Pharsalia cortou de hum golpe inevitavel a liberdade à patria, e se fez ao mesmo tempo senhor della.

Quem

Quem dissera a Roma, que no seu proprio seyo se haviaõ de forjar os seus primeiros ferros; e que as fachas para a abraçar, se haviaõ de acender dentro dos seus muros! Roma, sempre vencedora, e invencivel, cessou de o ser, assim que achou em hum filho ingrato, hum sabio armado. As mayores crueldades, ou foraõ feitas, ou aconselhadas pelos Sabios; estes quando persuadem o mal, he com tanta vehemencia, e taõ efficazmente, que as gentes na boa fé, buscaõ, e praticaõ esse mal, como por enthusiasmo, e sem advertirem nelle. A impiedade, he huma das cousas que a sciencia ensina; naõ porque esse seja o seu objecto, ou instituto, mas porque quando a impiedade he util, a força de a ornar, se lhe tira o horror. A vaidade das sciencias naõ consente, que haja cousa de que ella naõ

Oo ii possa,

possa , nem se saiba aproveitar. Os
 erros commummente são partos da
 sabedoria humana ; o errar propria-
 mente he dos sabios , porque o erro
 suppoem conselho , e premeditação ;
 os ignorantes quasi que obraõ por
 instincto ; a sciencia sabe legitimar o
 erro , a ignorancia não : por isso
 nesta não ha perigo de que ninguem
 o approve ; em lugar que naquella ha
 o perigo de que a multidaõ o siga.
 O erro na maõ de hum sabio he co-
 mo huma lança penetrante , e forte ;
 na maõ de hum ignorante , he como
 huma arma quebrada , sem uso , nem
 consequencia. As cousas parece que
 recebem mais da fórma , que se lhes
 dá , que da natureza que tem ; não
 se attende à substancia do marmore ,
 ao pulido sim ; a dureza importa me-
 nos que a figura. As sciencias são
 os que dão o lustre às cousas , e sem-
 pre dão o lustre que lhes parece ; ou
 duvi-

duvidoso , ou falso , ou verdadeiro ;
a vaidade , he o artifice.



Os Heróes são os que combatem , os que vencem , e conquistão ; porém os sábios são , os que de algum modo reinaõ , e governaõ. O trabalho , e o perigo , he dos Heróes ; dos sábios he o fruto : aquelles contentaõ-se com a gloria do vencimento , estes o que querem , he a utilidade da vitoria ; huns reservaõ para si a vaidade do nome , outros naõ querem mais do que servir-se da authoridade delle ; o guerreiro semea fangue , para o sabio colher flores. He certo , que cada Potentado naõ he mais do que hum só homem ; na campanha sim póde commandar a muitos mil : huma voz , hum sinal , hum clarim basta para fazer mover hum corpo formidavel ; porém na paz naõ he assim , porque nella o gover-

governo he como huma guerra civil, que se faz entre os mesmos Cidadãos, e entre os mesmos naturaes; entaõ mandaõ os sabios; por ser guerra sem estrondo, naõ he menos artiscada; nella se vem traições, ataques, subtilezas; aquillo que em guerra viva decide a espada, na paz decide a pena; esta tambem corta, ainda que naõ taõ de pressa, e nisto mesmo consiste hum dos seus modos de cortar; a lentidaõ afflige à maneira de hum martyrio, que para ser mayor, se faz por arte vagaroso; e com effeito a morte parece que naõ he morte quando chega, mas sim quando está para chegar; o ultimo instante he insensivel, porque he como hum tempo, que se naõ compoem de tempo; a dor para se fazer sentir, necessita de espaço; por isso a agonia naõ he quando alguem acaba, mas quando está para acabar. Assim
saõ

Sobre a vaidade dos homens. 295

saõ as dilacões , de que no ocio da paz se formaõ os conflictos ; estamos vendo acabar-se a nossa vida , sem que se acabe a nossa dependencia ; esta vay ficando como herança ; e para ser herança infeliz , sem estimação , nem preço , sempre passa com a qualidade de incerta , e duvidosa , porque sempre fica dependente da inclinação , do arbitrio , e do juizo humano : isto he o mesmo que não ficar sujeita a cousa nenhuma certa , mas a huma pura sorte. A fortuna , o tempo , a occasião , o humor , a hora tem mais parte nas decisões , do que a ley , a verdade , e a justiça ; esta , ou a sua imagem symbolica , em huma mão tem a balança , e na outra a espada ; mas que peza na balança ? Ponderações , discursos , e argumentos saõ as partes por onde o direito se governa ; mas saõ partes , que se não pôdem pezar , porque não tem

cor-

corpo , nem entidade ; e assim já temos a justiça impropria , até na mesma idéa da sua representação , e se a quizermos defender pela sua antiguidade , convenhamos em que as razões se pezem ; mas em que mãos ha de a balança estar para ser fiel ? Nas dos homens , certamente não ; nas de huma Deosa sim. A espada tem mais exercicio na justiça ; por isso sempre está em acção , isto he , levantada ; e com effeito o ferir he mais facil , porque he mais facil tambem o descarregar o golpe , que o suspendello : a força que suspende , he violenta , a que descarrega , he natural : mas como póde a justiça ter na espada hum exercicio justo , se a balança na mão dos homens não tem uso , e se o tem he sómente imaginario , e na realidade impraticavel ? A espada depende da justeza da balança , e assim vem a depender de hum instru-

Sobre a vaidade dos homens. 297

instrumento inutil ; sim depende de huma balança certa , para saber o como , o quando , e em que caso ha de ferir ; mas para nosso mal , a balança na mão da Justiça pintada , he que se vê ; não porque deixem de haver homens justos , mas porque a justiça verdadeiramente não se póde pezar ; he hum acto de discurso , e este em cada homem , he sempre incerto , vago , e vacilante. Para dar a cada hum o que lhe toca , não basta ter huma vontade perpetua , e constante ; nessa mesma vontade he donde o erro se introduz. Finjamos que o discurso he como hum campo largo , em que a verde Primavera faz nascer aquella multidão de bellas flores , mas entre estas , quem impede que não nasça alguma flor com vicio , ou alguma planta agreste , inferior , e errante ? As flores nascem no campo , os discursos em nós ; felices são as

· Pp flores

flores , pois foraõ produzidas na terra humilde , e por isso mesmo incapaz de vaidade , e ainda cheya de simplicidade virginal : infelices os discursos , pois nascendo em nós , nascem de hum limo peccador , e por isso terra ingrata , impura , e adulterada.



Só Deos governa só. Os Potentados naõ podem governar , sem terem varias jerarchias , ou ordens de Magistrados ; nestes delegaõ o poder ; os Magistrados subdelegaõ aquelle mesmo poder em outros , e estes o tornaõ a subdelegar : assim se fórma hum corpo vasto , composto de muitos membros , e todos animados por hum mesmo , e unico poder : este visto , e tomado na sua primeira origem , he justo , pio , verdadeiro generoso , legitimo , protector , paterno ; he hum poder , em que parece
estã

Sobre a vaidade dos homens. 299

está depositado, ou delegado o poder de Deos: depois que sahe daquelle centro para dividir-se, ou repartir-se, logo se altera: em quanto está no throno, he puro; se se affasta del- le, degenera; he como huma arvo- re, que se transplanta para hum ter- reno improprio: as aguas são bmpas quando nascem; depois fazem-se im- mundas, segundo os lugares por on- de correm: o espirito não anima as partes, que estão fóra do seu corpo, e a alma que parece, que habita em os membros todos, foge, e se retira, dos que foraõ separados: a claridade da luz não se communica bem, se a distancia em que está he excessiva; o fogo não tem calor, senão dentro da esféra da sua mesma actividade; as cousas postas fóra da sua regiaõ, to- maõ huma natureza contraria, e fi- caõ outras. Que cousa póde haver, que pareça estar mais fóra da sua re-

giaõ , da sua efféra , e do seu centro , do que o exercicio do poder , e da justiça na maõ dos sabios ? Estes são prodigos daquelles attributos , usaõ delles como cousa emprestada , e alheya ; a sciencia que os fez subir , he o que desprezaõ mais ; naõ porque totalmente desprezem a sciencia , mas porque esta prescreve certos modos , e limites , que se naõ pôdem passar , nem deixar de chegar a elles ; esta necessidade serve de angustia ; he aperto o haver de seguir precisamente hum caminho prescrito , e determinado : a vaidade da sciencia naõ se accomoda em seguir , o que quer he que a sigaõ ; naõ quer observar a regra , quer fazella. Os sabios soffrem mal o serem executores , e naõ legisladores ; e com effeito a execuçaõ , soa huma specie de servidaõ publica ; por isso cada huma se fórma huma sciencia particular ; e esta he a que

que propriamente he sua : daqui vem os diversos pareceres ; nem póde deixar de ser , porque nenhum sábio se governa pelos principios communs a todos , mas por aquelles que só a elles são communs ; e quando recorrem aos principios dos outros , he para confirmação dos seus : mas como póde não ser assim , se he regra , que em certos casos não deve a regra servir de regra , nem o principio de principio , nem a ley de ley ? Então vem a consistir a observancia da ley , na transgressão della , a conformidade com o principio , consiste em se afastar delle , e a sujeição à regra , consiste em a violar ; desta forte vem a sciencia a ser huma faculdade arbitraria , e fundada mais no conhecimento dos casos , do que no conhecimento das leys : estas são as que se applicão , e na occasião de serem applicadas , he que tem o perigo de se que-

quebrarem , ou torcerem ; ellas se quebraõ , e se torcem , ainda sem ser por fraqueza de quem as applica , mas por culpa da mesma cousa. Vemos aquelles sabios , quasi sempre desunidos ; todos estudaõ as mesmas leys , mas no modo de as praticar , nenhum concorda ; naõ só disputaõ quando aprendem , mas tambem quando sabem ; em disputar passaõ todo o tempo de aprender , de ensinar , e de usar ; o que argumenta , e duvida mais , he o que dá melhor final de si ; o saber embaraçar mais , he o mesmo que saber mais ; o applauso naõ segue a quem tirou a difficuldade mas a quem a poz ; nem tambem a quem a desfez , mas a quem a fez ; a ostentaçaõ naõ está em fazer assentar no que a cousa he , mas em arguir , e destruir tudo aquillo em que se assentar : celebre sciencia , em que os ignorantes , parece que estaõ de
melhor

Sobre a vaidade dos homens. 303
melhor partido que os sabios ! Estes
vem tanto , que a multidaõ das cou-
fas que vem , os confunde , e cega ;
aquelles vem menos , e por isso vem
mais : a abundancia de sciencia faz
aos sabios pobres de saber ; neste
caso a sabedoria está em poder tornar
para o estado de ignorancia ; a manei-
ra de alguem que retrocede para bus-
car o que perdeu : alguma vez suc-
cede a quem caminha , o passar além
do lugar para donde vay ; entaõ
quanto mais caminha , mais se per-
de ; porque busca adiante aquillo ,
que já lhe fica a traz : tanto erra
quem anda menos , como quem anda
mais ; e tanto se desvia quem não
chega ao lugar , como quem o passa.
Hum vento muito forte ainda que se-
ja favoravel , he tormenta ; a luz
nem por ser muito intensa , he mais
clara ; as aguas , que correm precipi-
tadas , para pouco servem ; a gran-
de

de velocidade as faz inuteis , e incâpazes , o pezo não só fica sendo errado , por ter de menos , como por ter de mais ; as coufas não só se arruinão por fraqueza , mas tambem por fortaleza ; a saude demasiada passa a enfermidade ; o preceito não só se quebra pela diminuiçãõ da observancia , mas tambem pelo excessso : algumas virtudes ha, que são vicios moderados ; a temperança he como huma raya, que está entre o vicio , e a virtude , e que distingue o bem do mal ; nas sciencias tambem se pecca, por se saber nellas mais do que se deve saber : a nossa comprehensãõ não he infinita ; depois que recebe huma certa porçãõ de intelligencia, fica sem poder receber mais , e se se lhe quer introduzir com violencia , cança , e fica como imbecil , e enervada. Depois que hum vaso está cheyo de licor , o que se lhe deita mais , perde-se,

Sobre a vaidade dos homens. 305

se , e muitas vezes do seu mesmo fundo se faz levantar huma poeira subtil , que o turva : daqui vem , que os sabios são confusos commummente , embaraçados , e irresolutos , à maneira de quem leva sobre si hum grande pezo , que sempre vay com medo , e de vagar : a immensidade de regras , de opiniões , e de doutrinas , de tal sorte os occupa , que ficaõ como prezos , e immoveis : a variedade de razões , e de razões contrarias , que hum sabio acha em qualquer cousa , o suspende em fórma , que fica sem saber , qual razaõ ha de seguir ; em todas considera fundamentos admiraveis para serem approvadas , e para o não serem , tambem em todas considera fundamentos grandes : daqui vem as dilações , irresoluções , e perplexidades ; este he o caso em que aquillo , que não decide a inclinaçãõ , decide a hora ; a for-

Qq

tuna

tuna he a que move a pena, que absol-
ve , ou que condena. O sabio que
fluctua no meyo de razões , e opposi-
ções iguaes , finalmente lá se deixa
levar por alguma razaõ exterior , e
indifferente ; as cousas remotas , que
naõ tem relaçaõ alguma , nem con-
nexaõ com a materia , entraõ em
concurso , com as que formaõ o cor-
po , e substancia della : ó litigante a
quem o Juiz vio , ou fallou ultima-
mente; aquelle , que sabe ser mais cor-
tezaõ , cuja voz he mais sonora , e
cujo nome he facil de pronunciar , ou
de escrever , esse he o que vence , e
a quem se julga a palma ; esta naõ
foy tirada do campo da peleja , mas
de outro lugar estranho , e independe-
nte. Assim governaõ os sabios ,
por isso ha tanta incerteza , e mudan-
ça nas suas decisões ; o que hum dis-
se , outro reprova ; o que hum fez ,
outro emenda ; e muitas vezes na
emen-

emenda he que está o erro ; semelhante ao mal , que procedeo unicamente do remedio ; cada hum defende a sua opiniaõ , e persiste nella ; e cada hum se persuade , que o erro não esteve na decisaõ , mas na reformaçaõ ; em todos fica constante a vaidade da sciencia ; e algum que se retrata , tambem o move a vaidade de não ser , nem parecerse com os outros : huns fazem vaidade de serem infalliveis , outros tambem se desvanecem de mostrarem , que o não são : deste genero são poucos ; porque a vaidade de desprezar a vaidade he muito rara , e em si mesmo he estimavel. A virtude , ainda que venha de hum principio vicioso , sempre he virtude de algum modo , ou mais ou menos qualificada ; o obrar bem por qualquer motivo que seja , he bom ; as nossas ações , não se determinão pela causa que mostrão , mas por outra

Qq ii

que

que se não vê ; e entre todas as causas , aquella que consiste em huma vaidade innocente , he menos má. Que importa, que a vaidade seja a que incite o exercicio do valor , da constancia , da sciencia , e da justiça ? O impulso , que move , fica separado da cousa movida : dous licores contrarios por mais , que se misturem , sempre parece que hum foge do outro , e se separa ; o artifice , o instrumento , a obra , tudo são partes distinctas ; a vaidade póde incitar a virtude , mas não incorporar-se a ella ; póde juntar-se , mas não unir-se.

175 ~~~~~

A sciencia de fazer justiça he verdadeiramente sciencia de Deos , e dos seus substitutos na terra , que são os Soberanos: he impossivel dar-se injustiça em Deos ; nos Soberanos , não he impossivel , mas he improprio: nos mais homens a injustiça he quasi
natu-

natural. Quaes são aquelles de quem se possa dizer exactamente, que não tem interesse, inclinação, ou dependencia? Qualquer destas circumstancias serve de impedir o exercicio, e sciencia da justiça. Só os Reys relevam immediatamente de Deos, e só de Deos dependem; os mais homens todos dependem huns dos outros, porque ha mil modos de depender: aquelles mesmos, a quem a altura do lugar faz parecer totalmente independentes, são os que muitas vezes dependem mais: aquelles a quem o merecimento, ou a fortuna, pozem hum certo gráo de authoridade, necessitam de adquirir nome, e reputação; necessitam da opinião, e approvação dos outros homens. Que mayor necessidade de dependencia! A opinião, e approvação commua, não se fórma do parecer de hum só, nem ainda do parecer de muitos, mas do

do parecer de todos ; e desta sorte os mesmos de quem todos dependem , são também os que dependem de todos. A opiniaõ das gentes naõ he cousa taõ pouca, que della naõ dependa a conservaçaõ do lugar , e da authoridade: o receyo de que o poder se perca , ou o respeito diminua , he o que occupa cruelmente aos que estaõ em lugares eminentes ; nestes ninguem está seguro , nem zinda os mais felices , porque se huma maõ poderosa os sustem como elevados no ar , póde largallos , e quando crem que estaõ em assento firme , naõ estaõ senaõ suspensos : as azas de huma boa fama são as que os sustentão , se ellas faltaõ , o mesmo braço , que os suspende , os precipita : o favor supremo , raramente he indiscreto , e se accaso se inclina sem razaõ , isto he , se alguem por engenho , e arte , se fez injustamente amar de hum Soberano ;

Sobre a vaidade dos homens. 31.

no, este no dia do seu furor castiga aquella usurpação, e subrepção de amor; castiga o crime de quem se fez amar por artificio. A inclinação dos Reys costuma fundarse em merecimento, e virtudes; destas se compoem o encanto magico, que attrahe a si hum favor prudente; mas se foraõ fingidas as virtudes, e se os merecimentos não foraõ verdadeiros, irrita-se aquelle mesmo favor, à proporção que tem pejo da sua preocupação, e credulidade: nenhum engano he mais sensível, que aquelle que se dirige a roubar o affecto; a alma, que amou, não só sente o ter amado injustamente, mas sente tambem o não dever amar mais, porque a impressão, que o amor fez, não se póde tirar sem estrago, e dôr da parte a donde está: o que foy gravado profundamente, não se desfaz sem ruina, e perda: para aniquilar-se a
fórma

fórma de huma estampa , he necessario perderse a estampa toda ; não só a figura , que ella representa , mas tambem o corpo , em que a representaçãõ está. Aquelles pois, que devem às letras a sua exaltaçãõ , e que entendem , que feitos arbitros do mundo não dependem d'elle , são os que na verdade estão mais dependentes , porque a fama da sciencia, que os conserva , tambem he mudavel , e inconstante , e o mesmo favor que os fez subir como sabios , pôde fazellos descer como ignorantes. A sciencia não he qualidade taõ certa , e permanente que não possa soffrer alteraçãõ. Tudo em nós tem decadencia , e só a sciencia a não ha de ter? Nem he preciso , que concorra alguma causa natural ; as paixões bastaõ para perverterem as sciencias ; não tomadas universalmente como ellas são em si , mas tomadas como são em cada hum de

de nós. Huma pequena nuvem basta para escurecer a luz do Sol; as paixões são como muitas nuvens juntas. Aquelle, em quem a ira não pôde encobrir a luz do entendimento, e da sciencia, a ambição ha de encobri-la, e se o não fez, poderá fazello a grandeza do respeito, e na falta deste, lá vem o amor, não só armado de setas, mas de lagrimas; não só fiado no seu imperio, mas também na sua submissão; não só com animo de render, mas de render-se; fatal combate, em que a mayor força consiste na falta de fortaleza, e em que o ficar vencido, he o meyo por onde a vitoria se segura; mas se nem o amor, nem a ambição, nem a grandeza puderaõ conquistar hum peito heroico, lá vem finalmente a vaidade, e esta sempre vem feita invisivel, e acompanhada de todas as paixões, mas disfarçadas: o desejo,

Rr

a dissi-

a dissimulação, a preguiça, e a inveja, vem cobertas de hum sayal modesto, e trazem no semblante hum ar composto, e humilde; a vingança, a soberba, a rapina, e a altivez, vem cobertas de fumos de varias cores, e de differentes fórmãs. Assim se introduz enganosamente a vaidade, e assim vive em nós sempre escondida, como inimigo occulto, e traidor; ella transfigura os vicios para os fazer appeteciveis, e quando os deixa ver, he por algum interposto meyo, por onde elles mostrem o contrario do que são. Havendo tantas sciencias, apenas ha alguma que faça, que nos conheçamos a nós, nem aos nossos vicios, nem a nossa vaidade. As sciencias humanas, que aprendemos, commummente são aquellas, que importava pouco que soubessemos; deviamos aprendernos a nós, isto he, a conhecernos; de que serve
o sa-

Sobre a vaidade dos homens. 31.

o saber , ou pretender saber , como o mundo se governa , ao mesmo tempo que ignoramos , o como nos devemos governar ? Para tudo somos sabios , só para nós somos ignorantes. Falta-nos o conhecimento proprio ; não porque nos faltem regras , e preceitos para que possamos conhecernos , mas porque a vaidade se oppoem a huma sciencia , que faz humilde a quem a sabe : he arte muy difficultosa de aprender aquella que nos tira a presumpção. Que inutil cousa he hum espelho para quem sabe que se ha de ver nelle horrendo , disforme , e macilento ! Por isso fica sendo como huma alfaya sem uso , e desprezada : o ser fiel , e verdadeiro , he crime , quando a verdade molesta , e abate ; o espelho que não li-sonjea he prejudicial.



A sciencia de fazer justiça he

Rr ii · don-

donde a vaidade he mais perniciosa. Quem dissera, que tambem ha vaidade em se dar o que he seu a cada hum! Não só ha vaidade nisso, mas essa mesma vaidade he a que faz muitas vezes, que a cada hum se não dá, o que he certamente seu. A corrupção das gentes está tão espalhada, que faz parecer virtude, huma obrigação que se cumpre, huma divida que se paga, ou huma verdade que se diz. As cousas não se regulaõ pelo que deviaõ fer, mas pelo que poderiaõ fer; isto he, o deposito que se entregou, podendo-se negar; a divida que se podia não pagar, e se pagou; a verdade que se disse, podendo-se esconder; e assim a privação do vicio serve de virtude actual; e de alguma sorte, para ser hum homem virtuoso, não he necessario que faça algum acto de virtude, basta que não faça algum de vicio; e de al-

algum modo tambem , o ser leal não depende do exercicio da lealdade, basta que se não exercite alguma aleivofia. O mundo está tão pervertido , que a bondade dos homens não se tira da razão de serem bons , mas da razão de não serem, mãos : o nome da virtude , não vem da virtude presente , mas do vicio ausente ; o merecimento das cousas , não se toma pelo que são , nem pela fôrma que tem , mas pelo que não são , e pela fôrma contraria que não tem. Daqui vem que huma acção he louvavel , só porque não he reprehensivel. Aquelle meyo de não ser , nem huma cousa , nem outra , parece que o não ha já ; ficaraõ os extremos , e extinguiu-se o meyo. Tudo propende para o que não deve ser , por isso não sey se podemos admirarnos , de que as fontes ainda corraõ para o mar ; de que o fogo ainda abraze ; de que o ar
ainda

ainda se mova ; e de que a terra ainda fertilize. Os elementos não se mudão , mas he , porque estaõ subordinados às primeiras leys , que lhes deu o author do mundo ; temos o uso delles , o dominio não ; devem servirnos , e não obedecernos : a nossa prevaricação estende-se a tudo quanto foy , ou he obra nossa ; por isso a vaidade se communica , e tem jurisdicção em tudo aquillo em que nós a temos. Daqui procede , o ser a sciencia da justiça humana , huma sciencia mudavel , inconstante , e varia ; porque as leys da vaidade sabem confundirse com as leys verdadeiras da justiça. A -vaidade tambem tem regras , e Doutores. Quantas injustiças não terá feito a vaidade de fazer justiça ! A mesma vaidade que inspira a rectidão , a embarça. Revista-se embora o soberbo Magistrado de hum semblante rugoso , implacavel ,

vel, adverso, e truculento; faça-se irrisível totalmente, áspero, severo, e defabrido; mostre hum aspecto sombrio, terrível, taciturno, e intratável; falle de hum ar, e tom de soberania; tenha sempre o pensamento distraído, como que o tem todo occupado em Ulpiano, e Bartolo, ou que está combinando na memoria algum ponto de grande consequencia, de que tal vez depende a economia do Universo; nada disso pertence à natureza do Magistrado, à natureza da vaidade sim. Hum jurisperito incivil quer que até na gravidade do seu vulto se conheça a inflexibilidade do seu animo; e que se veja até na sua fórma exterior, huma fórma judicial. Aquelle frontispicio, cujo ornato consiste na desordem, he a primeira cousa que a vaidade expoem, como em espectáculo, quando quer alcançar huma accla-

acclamação de justo. Mas quantas injustiças não produz o desejo, ou a vaidade de adquirir aquella acclamação! Não pôde haver justiça, quando esta se exercita por algum fim, que não seja por ella só; nem pôde ser justo nunca, quem tem por objecto principal, a gloria de o parecer. Tudo o que se busca por ostentação, busca-se por qualquer meyo que for, isto he, ou justo, ou injusto; quem procura a voz da fama, que lhe importa a figura do instrumento que ha de fazer aquelle som; o que o fizer mais espantoso, e o espalhar mais longe, esse he o que convem; nem importa que a voz seja sonora, e certa, o ponto he que seja forte. Quem he muito sensível à vaidade do nome, e à vaidade da opiniaõ, communmente he insensível à realidade da cousa; esta fica desprezada, se se pôde desprezar com segurança, e
sem

Sobre a vaidade dos homens. 321

fem receyo ; quando só se quer o effeito , não se procura , nem attende a causa ; por isso a quem deseja o applauso da virtude , esta fica sendo indifferente ; e a quem deseja o applauso da justiça , tambem esta fica sendo menos importante. Daqui vem , que a justiça costuma fazerse para soar : aquella que soa mais , (ou pela grandeza da materia , ou do sujeito) essa he a mais agradavel a quem a faz ; porque della se fórma a voz da fama , e juntamente nasce della o nome , e reputaçã de justo. A vaidade não se contenta , com o que as cousas são , mas com o que parecem , com tanto que pareçã grandes ; nem faz caso do que a cousa he , mas do que se diz que he : estima o merecimento não segundo a qualidade delle , mas segundo o effeito , que faz na estimaçã das gentes : não faz distincçã entre o louvor extorquido , e o lou-

Se

vos

vor merecido justamente, bastalhe que seja louvor; e isto he porque a vaidade não se formaliza da verdade do principio; o que quer he, que os homens se admirem; que tomem huma exhalação por huma estrella, importa pouco: daqui vem, que huma acção illustre, mas feita em segredo, a vaidade a tem por infeliz; a virtude escondida, e que não se sabe, a vaidade a julga por huma virtude perdida, e morta.

132 ~ ~

O juiz, que decidio contra hum litigante poderoso, e a favor de hum litigante humilde, logo attrahio a si todo o suffragio popular; a multidão o canonisa sem exame, e o faz passar por justo, inteiro, e sabio. Assim se engana, ou se deixa enganar aquella multidão cega, e sem experiencia; presume no juiz hum espirito de justiça, firme, e incontrastavel

Sobre a vaidade dos homens. 323
tavel, só porque o vio julgar contra a grandeza do poder; mas não vê que nisso mesmo quiz o juiz astuto, fundar a sua grandeza propria; opprimio injustamente ao grande, (porque nem sempre a razão, e a justiça estão da parte dos humildes) aquelle foy o meyo que buscou para fazer-se admiravel entre todos, e adquirir reputação em poucas horas: huma só injustiça lhe deu a opiniaõ de justo; huma só iniquidade o fez illustre; tal vez que huma vida longa, e cheya do exercicio da justiça verdadeira, não fizesse tanto; isso mesmo previo o maligno julgador; por isso quiz anticiparse aquella gloria, ou vaidade, por meyo de hum crime, que o vulgo commummente não suppoem: daquella forte conseguiu hum alto nome; mas que importa, elle mesmo o desconhece; todos o têm por justo, e só elle não se tem a si; o engra-

Ss ii

no

no produzio o effeito para os mais , para elle não ; todos o estimaõ porque o crem justo , e só elle se reprehende , porque interiormente sabe que o não he ; a todos póde enganar , só a si não ; a consciencia , que não teve para julgar a outrem , tem-na (a seu pezar) para julgar-se a si ; em si mesmo tem hum Tribunal , que o accusa , e que conhece claramente o seu delicto ; aquelle conhecimento he o por onde começa desde logo a sua pena ; a sentença contra hum julgador impio , elle mesmo a pronuncia ; e por mais que a vaidade (depois que o fez errar) o ponha em hum perpetuo esquecimento do seu erro , com tudo lá vem algum tempo em que parece , descança a vaidade , e desperta a consciencia ; esta nem sempre vive em hum letargo , às vezes se levanta como estremecida , e assombrada ; entãõ a ouvimos
sus-

fuspirar dentro de nós , à maneira de hum gemido queixoso , ou eco triste, que sahe do fundo interior de hum ermo solitario ; o coração ; se sobrefalta , e enternece ; hum horror gelado , e frio , parece que o cobre , e lhe suspende o movimento ; só então podemos ver aquella luz serena , e pura , luz da justiça , e da razão ; então se vê , que a vaidade he de todas as sciencias , e que ainda aquella , que tem a justiça , e a razão por instituto , nessa mesma se introduz a vaidade. Quem dissera , que a escuridade das trevas póde ter lugar na mesma parte em que a luz preside ! Que à vista da fermosura , póde ter veneração a fealdade ! Que huma voz irracional , e rouca , póde entrar sem desordem no concerto da harmonia ! Que entre as pedras preciosas , póde ter valor a pedra tosca ! Que o metal grosseiro tem hum preço igual

ao metal brilhante! E finalmente quem dissera, que no templo da divindade póde ter algum culto, o idolo! Entre extremos taes, a distancia que ha, he infinita; e com effeito entre o vicio, e a virtude; entre o engano, e a verdade; e entre a injustiça, e a justiça, não ha caminho certo, nem proporção, que se conheça; o mesmo meyo parece que he injusto, e vicioso. Mas que importa: a vaidade faz, que não seja excessiva a distancia dos extremos, porque quando os não póde chegar, e unir, faz com que ao menos se possam ver de longe; he o que basta para de algum modo os concordar, e tudo sem mais força, nem trabalho, que o de dar à verdade alguma sombra, algum pretexto ao vicio, e alguma cor à injustiça: e assim em quanto houverem cores, sombras, e pretextos, não de pade-

cer

Sobre a vaidade dos homens. 327
cer a verdade, a justiça, e a virtude.



133

Na sciencia de julgar, alguma vez he desculpavel o erro do entendimento, o da vontade nunca; como se o entender mal não fosse crime, erro sim; ou como se houvesse huma grande differença entre o erro, e o crime: o entendimento póde errar, porém só a vontade póde delinquir. Assim se desculpaõ commumente os julgadores, mas he porque não vem, que o que dizem, procedeo do entendimento; se bem se ponderar, procedeo unicamente da vontade. He hum parto supposto, cuja origem, não he aquella que se dá. Querem os sabios ennobrecer o erro, com o fazer vir do entendimento, e com lhe encobrir o vicio que trouxe da vontade; mas quem he que deixa de não ver, que o nosso entendimento quasi sempre se sujeita

jeita ao que nós queremos ; e que o seu mayor empenho , he servir à nossa inclinaçãõ ; por isso raras vezes se oppoem , e o mais em que se occupa , he em conformarse de tal sorte ao nosso gosto , que ainda a nós mesmos fique parecendo , que foy resoluçãõ do entendimento aquillo que naõ foy senaõ acção da vontade. O entendimento he aparte que temos em nós mais lisongeira ; da qui vem que nem sempre segue a razãõ , e a justiça , a inclinaçãõ sim ; inclinamonos por vontade , e naõ por conselho ; por amor , e naõ por intelligencia ; por eleiçãõ do gosto , e naõ por arbitrio do juizo : as paixões que nos movem , nos inclinaõ ; a todas conhecemos , isto hé , sabemos que amamos por amor , que aborrecemos por odio , que buscamos por interesse , e que desejamos por ambiçãõ : mas naõ sabemos sempre, que tambem
a vai-

a vaidade nos faz amar, aborrecer, desejar, buscar; daqui vem que o julgador se engana, quando se presume justo, só porque não acha em si, nem amor, nem odio, nem ambição, nem interesse; mas não vê, que he vaidoso, e que a vaidade basta para o fazer injusto, cruel, tyranno. Não vê, que se não tem amor a outrem, tem-no a si; que se não tem odio ao litigante humilde, tem-no ao poderoso, só porque na oppressão deste quer fundar a sua fama; não vê, que se não tem interesse de alguns bens, tem interesse de algum nome; e se não tem ambição das honras, tem ambição da gloria de as desprezar; e finalmente não vê, que se lhe falta o desejo da fortuna, sobra-lhe o desejo da reputação. Que mais he necessario para perverter hum julgador? E com effeito que importa, que a corrupção proceda de hum principio.

Tc

cipio.

cipio conhecido, ou de hum principio occulto, isto he, de huma vaidade, que o mesmo julgador não conhece, nem percebe? O effeito da corrupção sempre he o mesmo. Que importa que o julgador se faça injusto, só por passar por justiceiro? A consequencia da injustiça tambem vem a ser a mesma; o mal que se faz por vaidade, não he menor, que aquelle que se faz por interesse; o damno que resulta da injustiça, he igual; o juiz amante, ou vaidoso, sempre he hum juiz injusto.



Naõ he assim o Magistrado, ou o julgador prudente: este he severo sem injuria, nem dureza; inflexivel sem arrogancia, recto sem aspereza, nem malevolencia; modesto sem desprezo, constante sem obstinação; incontrastavel sem furor, e douto sem ser interpretador, subtilizador,

OU

ou legislador ; o seu caracter he hum animo candido , sincero , e puro ; he amigo de todos , inimigo de ninguem ; he alegre , e affavel por natureza , mas reservado por obrigação do officio ; he sensível ao divertimento honesto , mas sem uso d'elle por causa do lugar : em tudo he moderado , civil , circunspecto , diligente , laborioso , e attento ; a ninguem he pezada a sua authoridade , e quando foy promovido a ella , todos co-nheceraõ que foy justa , e acertada a eleição ; todos viraõ que tinhaõ nelle hum protector seguro da verdade , e hum medianeiro discreto , e favoravel para tudo o que fosse favor , clemencia , generosidade ; chegou à aquelle emprego por meyo das virtudes , e naõ por meyo da fortuna ; hum alto merecimento o fez chamar : e as gentes se admiraraõ , naõ de que fosse chamado , mas de que o naõ fosse

Tt ii

mais

mais cedo : a elle não affombra nem a grandeza dos sujeitos , nem dos lugares , nem das materias ; não attende mais do que à justiça ; a esta tem por objecto singular , para esta he que olha ; a razão he a sua regra , elle a segue , e a acclama em qualquer lugar que a ache : no seu conceito não valem mais , nem o pobre por humilde , nem o grande por poderoso ; distingue as pertenções dos homens , pelo que ellas são , e não por de quem são ; não attende à qualidade dos rogos , mas à qualidade das cousas : huma vida sem reparo , nem desordem , foy hum dos requisitos por onde se habilitou ; outros ha a quem não he ventajoso , que se vejaõ os passos , que já deraõ , mas sómente aquelles , que vaõ dando ; e a quem não será util , se ponderem as acções antecedentes ; e ainda as presentes não passaõ sem murmuração ,

Sobre a vaidade dos homens. 333

ção, e queixa. O julgador benigno não receya, que se saiba a sua vida, que se diga, e que se escreva; o seu panegyrico só depende da verdade, do encarecimento, ou dalinsonja, não; elle mesmo he o seu elogio. Finalmente o julgador sincero tem das sciencias o que basta para saber julgar, e não o que basta para saber embaraçar; alguns ha, que fazem do conhecimento da razão huma sciencia immensa, como se fosse necessario arte para se conhecer o Sol. O caminho da justiça (para quem tem vontade de andar por elle) he hum caminho direito, espaçoso, claro, facil, e aprasivel; as flores, que o bordão de huma, e outra parte, todas são perpetuas, porque nunca murchoão; huma Primavera constante as reverdece, e alenta: o caminho porem das injustiças he hum caminho difficil, espantoso, e escuro; humas

humas vezes he por cima de rochedos escarpados , por onde a cada passo se encontra hum precipicio ; outras vezes he por valles estreitos , sinuosos , e profundos , e donde as arvores são todas infecundas , tem palidas as folhas , e nascendo desordenadas , e confusas , fazem o lugar seguro , e proprio para traições , á leivosias , furtos , assassinos ; as mesmas sombras infundem pavor , e fingem vultos enormes ; hum ar caliginoso , e denso , apenas póde albergar aves nocturnas de presagio infausto ; os rios , que alli se vem , são negros , e tem no abyssmo o fundo , apenas póde criar monstros amphibios ; o silencio , com que passaõ , os faz ainda mais funebres , e tristes , como se nascessem do Styge , do Averno , ou do Coccyto . Esta figura representa o caminho da injustiça , caminho , que não se sabe sem estudo , porque todo
se

se compoem de circuitos, rodeyos, e desvios. Mas que infeliz estudo he este, em que se aprende muitas vezes o caminho por onde se vay ao Inferno! Por isso aquelle digno Magistrado, de huma fiel jurisprudencia, só quiz saber, o como se deve julgar; e não o como se póde julgar; e da mesma sorte só quiz saber, o como se devem fazer as cousas, e não o como se podem fazer; daqui lhe procedeo o serem justas as suas decisões, e ser o seu voto acertado sempre; nunca teve por objecto, senão a justiça, e a razão, e estas só consideradas em si mesmas, sem alteração, e no seu primeiro estado de innocencia, e de pureza; nas leys nunca vio mais nem menos do que aquillo, que ellas tem, nem as soube accommodar a algum sentido exquisito, e raro, por onde viesse a ter lugar a inveja, a ambição, e a vingança.

Final-

Finalmente aquelle julgador he verdadeiro só por amor da verdade; he justo só por amor da justiça; elle conhece os seus proprios movimentos, e entre estes segue unicamente aquelles, que tem por principio a justiça, e a verdade. Não se desvanece das virtudes, que conhece em si; o applauso só quer, que seja da virtude, e não seu; o louvor quer, que se dê à razão, e não a elle; parece-lhe, que em obrar como deve, não merece nada; não se admira da justiça, que exercita por força da obrigação das acções memoraveis, em que tem parte, elle se suppoem hum instrumento necessario; sendo assim, não o póde vencer a vaidade. Esta, que em todos os homens he como hum affecto, ou paixã inevitavel, só naquelle julgador fica sendo como affecto sem vigor, desconhecido, e estranho; mas por isso mesmo, e sem cuida-

cuidado, confeguiu, e tem hum nome veneravel, e com circumstancia taõ feliz, que esse mesmo nome, que conserva, contêm em si huma illustre, e faudosa recordaçã.



A vaidade da origem, he huma feita, que se fundou na Europa da decadencia de outras da mesma especie, ou semelhantes: aquella parte por onde o mundo se começou a pollir, foy o donde os homens descobriã a invençã maravilhosa da nobreza. A successã dos seculos tinha feito perder a intelligencia, e uso de muitos artificios uteis, e admiraveis; mas em recompensa fez achar no sangue muitas differenças, que ainda se naõ tinhaõ advertido. Os homens barbaros naõ puderaõ ver no sangue outras cousas mais, do que aquellas de que consta hum corpo physico; e naquelle humor o mais que

Uu

vi.

viraõ, foy a razaõ de mais, ou menos liquido, e a razaõ de mais, ou menos cor; destes dous principios fizeraõ resultar todas as mudanças de que o sangue he susceptivel, e por causa delle, o homem. Averroes, Avicena, Hippocrates, e Galeno; huns, famosos Medicos, e Filo-
sophos Arabios; os outros, tambem famosos Filo-
sophos, e Medicos Gre-
gos, não conheceraõ (segundo se diz) a circulaçaõ do sangue. Os que lhes succederaõ depois, não só fizeraõ aquella grande descoberta, mas tambem entraraõ a seguir a idéa de applicar, ou considerar no sangue muitas razões, e substancias importantes, de que a natureza, que o faz, e cria, não tinha, nem ainda tem, noticia alguma, de sorte, que nesta parte póde dizerse, que a natureza não sabe o que faz; e com effeito o que sabe he, que o sangue he huma
enti-

entidade material , sujeita a todas as leys da hydrostatica , e do equilibrio , e que fórma hum liquido espirituoso , vital , universal , e igual em tudo quanto respira , e he sensitivo ; o mesmo modo , a mesma arte , os mesmos ingredientes , de que a natureza se serve para fazer o sangue de hum Leão , de hum Elefante , ou de huma Aguia , são os mesmos de que se serve tambem para formar o sangue de huma Pomba rustica , ou de hum Cordeiro manso ; as producções são diversas , a fabrica he a mesma ; não ha differença nos principios , nas figuras sim. Se o Leão se desvanece , he porque tem a força , e não porque tem o sangue de Leão ; e ainda se se desvanece pela força , he quando se compara ao Cordeiro debil , e não se he comparado a outro Leão. Se o Elefante fosse presumido , seria por ter a corpulencia , e não por ter

Uu ii o san-

o sangue de Elefante: e ainda no que toca à corpulencia, a presumpção seria a respeito de outros animaes de menos estatura, e não a respeito de outros Elefantes. Se huma Aguia se jaçtasse, havia de ser de subir mais alto, e não de ter o sangue de Aguia; e ainda a jaçtancia do subir, só seria a respeito do Cisne humido, e pezado, e não a respeito de outras Aguias. Não he assim o homem; porque o seu desvanecimento, a sua presumpção, e a sua vaidade he dirigida sempre a respeito dos mais homens. O sangue he o lugar em que fazem consistir a singularidade, ou superioridade de huns a outros; naquelle licor he o donde consideraõ como occultas, e invisiveis todas as razões de differenças; alli puzeraõ o assento da Nobreza, e dalli a fazem sahir, como de huma fonte original, e composta de infinitas distincões, qua-

Sobre a vaidade dos homens. 341
qualidades, grãos, quilates. Os homens das outras regiões não distinguem os sangues, senão pelas suas proporções elementares; isto he pela proporção dos elementos, ou partes, de que os mesmos sangues se compoem; a diversidade que notavaõ, consistia, em ser hum sangue mais, ou menos calido; mais ou menos denso; mais ou menos subtil: não viraõ aquellas nações remotas, o que com mais engenho, e estudo chegaraõ a ver as nações da Europa; isto he, que ha hum sangue humilde, vil, abjecto, e baixo; e que ha outro, nobre, illustre, preclaro, esclarecido: mas se se perguntar a hum sangue, quem o fez humilde, e a outro, quem o fez nobre, o primeiro ha de dizer, que huma pobreza cruel, e dilatada, o invileceo; e o segundo dirá, que huma pomposa, e dilatada riqueza o illustrou.

lustrou. Quem dissera , que a fortuna faz o sangue ! Não bastava , que essa mesma fortuna tivesse poder nas cousas , que nos rodeão , sem o ter tambem naquillo , que está dentro de nós ? Parecia-nos , que só a natureza dava o sangue , e que este só da natureza dependia ; mas agora vemos , que a fortuna o muda.



Muda a fortuna o sangue , ou ao menos parece , que o muda ; e com tal variedade , e força , que aquelle sangue , que algum dia foy humilde , hoje he generoso ; aquelle que foy esclarecido , he humilde ; o que agora he abatido , tempo ha de vir em que o não seja ; e o que está sendo illustre já , tambem algum dia deixará de o ser. Deste modo vem a depender o sangue , não só da fortuna presente , mas da passada , e da futura : não só lhe prejudica a miseria actual ,
mas

Sobre a vaidade dos homens. 343

mas tambem aquella que passou ; faz-lhe mal o mal que sente , e tambem aquella que não póde sentir ; costuma vir-lhe de longe o abatimento , ou a grandeza ; por isso depende menos do estado presente em que se acha , que do estado passado em que outros se acharão ; e com effeito a fortuna dos passados faz a Nobreza dos presentes , e a fortuna destes faz a Nobreza dos futuros ; assim se faz a Nobreza , e se desfaz successivamente. A mesma fortuna prepara a Nobreza em huns ; isto he , começa-a ; em outros a aperfeiçoa ; até que finalmente vem a acaballa em outros ; o acaballa , he desfazella ; todas as cousas tendem naturalmente para o seu principio. A indigencia he mais natural , ou mais certa que a abundancia ; esta que illustra o sangue , he menos permanente do que a pobreza , que o abate ; a decadencia he

he mais commua , e menos inconstante ; a prosperidade he a que faz a Nobreza , em quanto dura ; e tambem he a que a desfaz , quando se aparta . A Nobreza segue os passos da fortuna ; se esta he dilatada , e grande , entãõ se forma huma Nobreza esclarecida ; porque os seculos lhe escondem a sua primeira , e limitada origem . A luz , quando nasce , he debil ; porém insensivelmente se fortifica ; nenhum rio se mostra logo como mar ; e dos que são mais celebrados , ainda se ignora o donde vem ; tal vez que seja de alguma fonte humilde , e desprezada ; mas como vem de longe , a distancia os ennobrece , só porque occulta a tosca rocha , ou a brenha sem nome donde nascem . As cousas vãs necessitaõ de huma certa escuridade , que as esconda , porque como se estimaõ , só porque se imaginaõ estimaveis , se se dei-

deixaõ conhecer , perdem-se ; a ignorancia do que ellas são , he o que as conserva , e atrahê a si hum respeito religioso. São poucas as vozes , que não sejaõ imprudentes ; e pelo contrario , todo o silencio he discreto , e sabio ; as cousas que não se estimaõ por não serem conhecidas , são raras : o merecimento transpira por toda a parte , e por mais que se queira esconder , não pôde , he como a claridade , que sempre busca , e acha caminhos invisiveis por onde passa : huma chamma activa não se pôde conter ; ella se descobre , o mesmo fumo lhe serve de indicio. Não he isto assim na vaidade da Nobreza , porque a esta o que convem he ter hum principio impenetravel , e que esteja envolvido em sombras taes , que o exame as não possa romper ; e que esse mesmo exame , já confuso , e embaraçado , não chegue senão

Xx

até

até àquella parte , donde a Nobreza está mais brilhante , e clara ; e se lhe fosse facil andar mais , de successão em successão , lá havia de encontrar os sinais , ou vestigios da miseria , e junto a esta inseparavel à vileza ; assim , bem podemos assentar , que a vaidade da Nobreza he huma introdução supersticiosa , a qual nasce da vaidade do luxo , da vaidade da arrogancia , e da vaidade da fortuna.

137 ~ ~

Era preciso com effeito , que muitas vaidades concorressem , para poderem formar a vaidade da Nobreza ; era preciso , que muitas vaidades se juntassem , (todas subtis , e especulativas) para fazer que os homens cressem , que os accidentes do tempo , da fortuna , e da desgraca , se podiaõ de tal sorte infundir no sangue , que a hum constituisses sangue noble , e a outro fizessem sangue vil.

A

Sobre a vaidade dos homens. 347

A Nobreza , e a vileza , são substancias incorporeas , porque são vãs ; e se he verdade , que podem estar no sangue , será tal vez por algum modo intellectivo , immaterial , e ethereo ; mas parece que nem assim podia ser , porque aquillo que he vaõ , de nenhuma sorte existe. A inexistencia da Nobreza ainda he menos , que a inexistencia de huma sombra , porque esta ao menos he hum nada que se vê ; a imaginação póde fingir huma chiméra , porém darlhe corpo , naõ ; póde imaginar a chimera da Nobreza , porém introduzilla nas veas nunca póde ser. Os homens enganaõ-se com o que imaginaõ ; parece-lhes que o mesmo he imaginar , que formar , e que he o mesmo idear , que ser. O engano , ou a vaidade da Nobreza poderia ter lugar , se os homens assim como a quizerão pôr interiormente em si , se contentassem

com a pôr de fóra ; isto he , se a fizessem consistir nas acções exteriores ; perderaõ-se em buscar o fangue para assento da Nobreza ; aquelle engano ficou visivel , e facil de perceber. Todos sabem , que a imaginação não póde dar , nem tomar corpo : a illusaõ do pensamento nunca póde ser mais do que illusaõ. O fangue não está sujeito à opiniaõ , só depende das leys do movimento , e da materia ; as distincções , que o pensamento considera , não passaõ do pensamento , nelle ficaõ , só nelle podem existir , no fangue não. A Nobreza , e a vileza , saõ nomes diferentes , mas não fazem diferentes fangues ; estes saõ iguaes em todos ; e por mais que a vaidade finja , invente , e dissimule , tudo saõ imagens suppostas , e fingidas ; tudo saõ opiniões , que todos sabem que saõ falsas ; tudo saõ sonhos de homens acordados.

dados. A verdade se ri de ver a gravidade, o gesto, e circunspecção com que as gentes trataõ a materia da Nobreza; e de ver que saibaõ como o sangue se ennobrece, ao mesmo tempo que não sabem o como elle se faz; de sorte que ainda não conhecem, nem haõ de conhecer nunca a fabrica daquelle liquido admiravel, e presumem conhecerlhe as qualidades; ignoraõ as qualidades certas, e visiveis, e cuidaõ que não ignoraõ as que saõ de huma fantasia irregular; e que não constaõ mais que de huma ficção civil. Daqui veyo o reduzirse a arte áquelle mesmo conhecimento, arte rara, e vasta, e que tem por objecto, não só o estado da successão dos homens, mas tambem o estado, ou situação da Nobreza delles. Em hum breve mappa se vê facilmente, e sem trabalho, o que produziraõ muitos seculos; alli se achaõ collocados

cados (como se estivessem vivos) os illustres ascendentes da Nobreza humana ; e tudo com tal ordem , e repartição tão clara , que em hum instante se comprehende a arte ; e só com se ver , se sabe : no mesmo mappa , ou globo racional , se encontrão descriptas muitas linhas , e distinctos lados ; e nestes introduzidos subtilmente outros lados errantes , desconhecidos , vagos , e duvidosos : as regiões , que alli se consideraõ , tem aquelles frutos , que o tempo consumio : as arvores , os troncos , e os ramos , são de donde estaõ pendentos Varões illustres , armas , escudos , titulos , troféos , mas tudo sem acção , nem movimento , tudo alli se poz , menos para exemplo das virtudes , que para delicia da vaidade ; menos para incitar o dezejo de merecer , que para servir de hisonja à ociosidade da memoria ; menos pa-
ra

ra estímulo da imitação, que para despertar o desvanecimento. Nunca a vaidade achou em espaço tão pequeno, mayor contentamento. Aquelle he o lugar mais proprio, em que a Nobreza se mostra vestida de pompa, e de aparelho: alli he finalmente donde a vaidade como em hum labyrintho famoso, e agradavel intenta medir o ar, pezar o vento, apalpar as sombras.



Mas porque razão poriaõ os homens no sangue a qualidade da Nobreza? Seria por ser aquella a parte de que a vida está mais dependente? Não, porque a vida não depende mais do sangue, que de outros muitos liquidos do corpo. O sangue tem na cor mais elegancia, move-se, e existe em porção mayor; mas disso não se segue, que a vida dependa mais do sangue, ou tenha delle mayor

yor necessidade. A cor he effeito da transposição da luz ; a porção muitas vezes faz o nosso mal ; e na formação dos mixtos he menos importante aquillo , que entra nelles em mais larga quantidade. Move-se finalmente o sangue ; mas que parte haverá no corpo , que não tenha hum movimento proprio? O que o sangue parece tem de mais , he que não necessita da nossa intensão para moverse ; mas isso mesmo tem o corpo em outras partes ; e a depravação do movimento de que resulta a convulsão , procede de hum movimento involuntario. Não achamos pois o fundamento por onde os homens quizerão , que fosse o sangue a fonte donde a Nobreza se imprime , e de donde sahe. Só nos falta ver , se será tal vez por entenderem , que as successões se continuão pelo sangue , e que este derivado de huns a outros , successiva-

fivamente continua em huma mesma descendencia, conservando nella hum caracter particular, distincto, e determinado; e com effeito em cada arvore ha hum tronco cõmum, de donde nascem muitos ramos, muitas folhas, muitas flores, muitos frutos; estes, ainda quando são muitos no numero, sempre conservaõ a mesma ordem, e a mesma identidade na figura; a qualidade he a mesma, e igual em todos; e todos reconhecem huma mesma, e universal origem: alli se vê, que as producções são separadas, e diversas; mas o tronco progenitor he hum. Muitas rosas brotaõ de huma só roseira; porém todas são rosas; a especie he a mesma em todas; e por mais que cada huma esteja em diverso ramo, a arvore que as sustenta, he huma só. Assim he, e já parece, que aquella paridade tomada no reino vegetal, tem jasta

Yy

appli-

applicação para o caso da Nobreza
 infundida no sangue, e na successão;
 mas não sey se a mesma paridade pó-
 de servir de aniquillar inteiramente,
 ou ao menos de embaraçar o systema
 da Nobreza de geração. (A mayor
 parte dos systemas commummente
 está sujeita à variedade do discurso;
 ainda aquelles a que a prescripção do
 tempo tem feito adquirir hum direi-
 to de certeza.) O caso he, que o
 sangue dos animaes he como o hu-
 mor nas plantas; estas por meyo das
 raizes attrahem a si a humidade fe-
 cunda, que as faz reverdecer, e he a
 mesma de que se fórma o tronco, os
 ramos, as folhas, e os frutos; de for-
 te que o humor da terra he o que
 anima a planta, he o seu sangue: es-
 te sangue pois, ou este humor, será
 por ventura sempre o mesmo em hu-
 ma planta? Não; porque a terra a
 cada instante recebe dos outros ele-
 men-

ça, he o que o perverte; a constancia, e estabilidade, serve-lhe de ruina.



E com effeito se se não perdesse o sangue, que se faz nos animaes, e o humor, que as arvores attrahem, donde era possivel que coubesse tanto humor, e tanto sangue? Que outra cousa he a enfermidade, senão hum sangue, ou hum humor, que se não dissipa, e está como suspenso? O calor vital, que expulsa hum, fabrica outro; algumas cousas ha, que para acabarem, basta que subsistão no que são; daqui resulta huma especie de pasmo: a corrupção do sangue vem de não acabar hum para que outro comece; a força do remedio consiste na virtude de expellir, e dissipar; a superfluidade procede de se haver o sangue conservado; a conservação o perde, não só pela razão de ser peccante, mas pela razão de ser

fer o mesmo. Os poros são como infinitas portas, e quasi imperceptiveis, por onde o sangue, e todos os humores passam continuamente, e sem interrupção: a saúde consta de exhalção, e deperdição; persiste huma substancia, porque outra se desvanecce: se acaso aquelles poros se coñtipam, isto he, se aquellas portas se apertam, ou se fecham, e que o sangue fique como prezo, e sem sahir, entam se vê, que o sujeito se afflige, e desfalece; e se dura, ou permanece a reclusam, a morte chega em poucas horas: a arte, que conhece a causa da desordem, só cuida em relaxar, e abrir os poros comprimidos, e cerrados, para que o sangue possic em liberdade se possa livremente perder, dissipar, fugir. A natureza ambicioisa em conservar fica inhabil para adquirir; a vida nam depende tanto do sangue, que está feito, como daquelle

le que se vay fazendo : rotas as veas , por ellas sahe em horrivel , e espantosa quantidade ; debilita-se a natureza , mas se lhe acodem , naõ acaba ; porém se fica sem acção para fazer de novo , entra em agonia , e se extingue totalmente ; naquella elaboração está a vida , neste descanso a morte.



Ainda as partes solidas do corpo de alguma sorte mudaõ de substancia , e se regeneraõ. O osso duro , parece que todo em si he compacto , e immutavel ; mas com tudo , a sua contextura he composta de folhas adherentes , separadas , e sobrepostas ; por entre varios intersticios circula nelle hum liquido unctuofo , este serve-lhe de alimento , e sangue ; e he tambem o que sendo molle , faz que o osso seja forte , e firme ; dalli vem a variacõ , e por consequencia
a mu-

a mudança de materia ; porque tudo o que alimenta, trabalha em se transformar, ou converter na cousa alimentada ; aquella conversão procede lentamente, e apenas se imagina em hum corpo duro : nos liquidos he visivel, e se percebe facilmente. Mas haverá quem diga, que ainda que o sangue mude, e se renove, basta que fique d'elle hum atõmo fermentativo, ou idéa prizogenita, para assim se conservar perennemente a qualidade da Nobreza. Isto ha de dizer o Defensor do sangue antigo, não por defender o sangue, mas por defender a Nobreza incorporada. (Sempre he máo que o argumento chegue a tal extremo, que seja forçoso recorrer aos atomos, aos fermentos, e às idéas: em cousa physica não sey se he permitido o recurso para cousas imperceptiveis, e invisiveis.) Em o nascimento de huma fonte quem lançar qual-

qualquer porção de agua diversa , esta ha de sair em brevissimos instantes ; porque aquellas aguas continuamente estaõ mudando de si mesmas : ellas saõ o sangue da terra , assim como o sangue saõ as aguas do corpo : todas se mudaõ , e successivamente se renovaõ ; as que vem depois saõ outras , sem impressaõ alguma das primeiras ; nem se póde imaginar , que cada porção de sangue vá deixando , (como em memoria , e penhor de si ,) alguma porção , ainda que pequena infinitamente ; as partes naõ saõ extensiveis , ou divisiveis em infinito ; assim que chegaõ a huma tal tenuidade , acaba-se a divisaõ. A subsistencia tem fim no sangue , porque este transpira por huma immensidade de caminhos ; nem he comprehensivel , que na massa de hum fluido subtil , haja alguma parte , que tenha o privilegio de ser intranspiravel ,
e que

Sobre a vaidade dos homens. - 361

e que izento das leys univérfaes , vá ficando só para servir de germen qualificador. Quanto mais hum licor se move , mais se diminue : naquelles que tem hum movimento perpetuo , regular , e proprio , a materia se dissipa , à proporção que se subtiliza ; nem ainda em hum tubo de crystal se póde algum licor conservar inteiro ; e apenas se faz crível a quantidade de humor , que o corpo exhala em poucas horas. Concluamos pois , que o sangue não he donde a Nobreza assiste ; he hum liquido incerto , e vago para ser o assento de huma vaidade tão constante. Haja embora no mundo huma Nobreza , com tanto que não imaginemos , que ella tem dentro dos homens huma parte distincta donde habita : seja hum idolo , mas idolo sem templo : basta suppor , que o Simulacro he certo , sem entrar no empenho sobre o

Zz

lu-

lugar da dedicação: seja a Nobreza como a sombra; esta, bem se vê, mas não se pega; sempre está fóra do corpo, dentro nunca: tenha a vaidade hum. culto exterior, com tanto que ella seja exterior tambem. Deixemos finalmente o sangue em paz; elle não descansa, e todo o seu trabalho he para ser sangue, e não para ser este, ou aquelle sangue: de que serve a arte de introduzir naquelle liquido admiravel, qualidades arbitrarías, e civís, se a verdade he, que elle só tem as qualidades naturaes? Para que he fazer ao sangue, author daquillo, de que só he author a vaidade.



A Historia he huma das provas, com que a vaidade allega, e de que mais se serve tia authenticidade da Nobreza: prova incerta, duvidosa, fingida, e tambem algumas vezes falsa:

fa: nella se vem muitos successos famosos, acções, combates, victorias; muitos nomes a quem essas mesmas acçoens ennobreceraõ, illustráraõ. Mas de quantas acções fará mençaõ a historia, que já mais se viraõ? De quantos successos, que nunca foraõ? De quantos combates, que nunca se deraõ? De quantas victorias, que nunca se alcançaraõ? E de quantos nomes, que nunca houveraõ? Não he facil, que pelas narrações da historia se possa descobrir a verdade dos successos; ella communmente se escreve, depois de serem passados alguns, ou muitos seculos, de que se segue, que a mesma antiguidade he huma nuvem escura, e impenetravel, donde a verdade se perde, e esconde. Se a historia se escreveo ainda em vida dos Heroes, o temor, a inveja, e a lisonja bastaõ para corromper, diminuir, ou accrescentar.

os factos succedidos : por isso já se disse , que para ser bom historiador , he necessario não ser de nenhuma Religião , de nenhum paiz , de nenhum partido , de nenhuma profissão ; e mais que tudo , se se pudesse não ser homem. E com effeito se alguem se persuade , que ha de saber a verdade dos successos pela lição da historia , engana-se , quando muito o que ha de saber , he a historia do que os Authores escreveraõ , e não a verdade daquillo que escreveraõ.



Os historiadores no que mais se esforçaõ , he em pintar cada hum a si , e introduzirem no que escrevem as suas profissões , e inclinações. O Orador todo se occupa em Declamações , e Panegyricos , ainda que os objectos do louvor sejaõ totalmente indignos d'elle. O Militar não faz mais que buscar occasião para descrever

crever empresas , muralhas , angulos , ataques , sitios : huma batalha , que nunca houve , elle a faz tão certa , que até relata a hora em que começou , o como se proseguio , o tempo que durou , os incidentes que teve , os nomes dos Generaes , a fórma do combate , os erros , ou acertos de huma , e outra parte ; e finalmente dá a razão por onde se veyo a conseguir o vencimento ; ainda em hum combate verdadeiro , só o historiador teve noticia de infinitas circumstancias , que tendo sido momentaneas , nenhum dos mesmos combatentes as puderaõ distinguir , saber , nem ver ; se o author da historia hé Jurisconsulto , logo faz menção de leys , legisladores , direito das gentes , e da guerra : a cada passo acha materia propria para huma larga discussaõ , e deixando o que pertence à historia ; elle mesmo se
incor-

incorpora nella , e entra a mostrar o seu caracter : daqui vem , que Salustio , sendo historiador , todo se cansa em moralidades , Tacito em politicas , Titolivio em superstições.

O desejo de contar cousas admiraveis , e a vaidade , que o historiador tem de manifestar que as sabe , he o que fez sempre inventar , e escrever successos fabulosos. O inventor de cousas raras , extraordinarias , e maravilhosas , attribue a merecimento seu , a admiração que faz nascer no animo do leitor credulo , e innocente. A variedade de opiniões na materia da historia , faz que esta parte da literatura , seja a mais incerta , duvidosa , e composta muitas vezes de enganos , e imposturas. A Herodoto (que passa pelo melhor historiador) chama Cicero author de fabulas ; Diodoro trata de fabulistas aos Escritores , que lhe precederaõ ,

Sobre a vaidade dos homens. = 367
e a elle mesmo trata da mesma sorte
Vives. Os Commentarios de Cesar
naõ são mais acreditados: Pollio-
Asinio os tem por pouco verdadei-
ros, e Vossio faz lembrado hum Es-
critor, que pretende mostrar com pro-
vas invenciveis, que Cesar nunca
passou os Alpes; e que tudo quanto
diz da guerra dos Francos, he falso.



Os Historiadores, naõ sómente
são oppostos entre si, mas cada hum
a si mesmo muitas vezes he contra-
rio. Procopo na sua historia, dá lou-
vores immensos ao Emperador Justi-
niano, e à Emperatriz Theodora,
sua mulher, a Bellisario, e a Anto-
nina; e nos seus Anecdotos os cri-
tica excessivamente. Os marmores, e
bronzes, naõ servem na historia de
provas infalliveis: os monumentos
mais antigos tem dado occasião aos
mais celebrados erros: as primeiras
con-

conjecturas, (bem, ou mal fundadas) adquirindo com o tempo a auctoridade da historia, foraõ passando à posteridade como cousas certas: temos exemplo na memoravel inscripção posta no arco do triunfo de Tito; a qual dizia, que antes daquelle Emperador ninguem tinha tomado, nem ainda emprendido o siti-
tiar Jerusalem, sendo que (sem recorrer à historia sagrada, que ainda entaõ poderia ser menos bem sabida dos Romanos) aquella Cidade foy huma das conquistas de Pompeo, de donde procedeo o chamarlhe Cicero, o seu Jerosolimario. Accresce a isto, que os mais notaveis acontecimentos saõ os em que as historias mais variaõ, e em que os Authores concordãõ menos. Quantos parecères tem havido sobre a guerra de Troya? Huns querem que ella fosse verdadeira, outros dizem que naõ foy mais do

Sobre a vaidade dos homens. 369
do que huma bem composta fabula.

Dion Chrysoſtomo, na lè das tradições Egypcias, diz que Helena ſendo pedida pelos mayores Principes da Aſia, e Grecia, caſara por ordem de ſeu pay Tyndaro com Alexandre, filho de Priamo; e que aquelles Principes irritados da preferencia, fizeram guerra a Troya; e que enfraquecidos depois pela peſte, e fome; e juntamente pelas ſuas meſmas diſſenções concluirão a paz com os Troyanos, em cuja memoria tinham ſeito fabricar hum cavallo de madeira, donde ſe eſcrevera em groſſas letras, a fórma do Tratado; e que finalmente não podendo o cavallo entrar pelas portas da Cidade, ſe havia aberto hum pedaço de muralha por onde elle paſſaſſe. Porém Pauſanias diz o contrario; e ſegura que o cavallo de Troya não fora

Aaa

o mais

mais do que huma machina de bronze, que elle vira em a Cidadella de Athenas ; e que tinha servido naquella guerra, como de instrumento bellico, para arrambar, e destruir os muros.



Muitos escreveraõ, que Helena nunca fora a Troya: que Paris, e Helena foraõ levados por huma tempestade a huma das bocas do rio Nilo, chamada *Canope*, e de lá conduzidos a Memphis, donde Protheo reinava, este abominara a aleivosia daquelle Principe; e que lançando o fóra do seu Reino, retivera a Helena com todas as riquezas, que ella tinha: que entaõ Paris se retirara a Troya, e que sendo seguido pelos Gregos, dalli se originara huma grande, e cruel guerra; e que indo depois Menelao ao Egypto, lá lhe entregara Protheo a Helena, e jun-

Sobre a vaidade dos homens. 371
e juntamente as riquezas todas.



A diversidade de opiniões não he menor em tudo o que respeita a historia de Eneas. Alguns Escriptores dizem, que aquelle Principe fora o que entregara a sua patria, abrindo huma das portas de Troya aos Gregos: outros escrevem, que a viagem do mesmo Principe à Italia era duvidada por Denys de Halicarnasso, e entre os Modernos por Justo Lipsio, por Philippe Cluvier, por Samuel Bochart, e por outros muitos. Metrodoro de Lampsaque não faz difficuldade em crer, que os Heroes de Homero, Agamemnon, Achilles, Heitor, Paris, e Eneas nunca existiram no mundo.



A historia não he menos incerta, a respeito da fundação de Roma: huns dizem, que os Pelasgos, depois

Aaa ii



de

de subjugarem nações varias, fundaraõ na Italia huma Cidade grande, a que chamaraõ Roma, em final, ou significação da sua força; porque Roma em Grego, quer dizer, *força*. Outros contaõ, que no mesmo dia, em que se tomou Troya, alguns dos naturaes entraraõ nas embarcações, que acharaõ naquelle porto; e que sendo lançados pelos ventos sobre a Costa de Toçcana, desembarcaraõ junto ao Tibre; e que entre as mulheres, que não podiaõ supportar os incõmodos do mar, havia huma chamada Roma; e que esta aconselhara as outras pozessem fogo às embarcações, e que sendo executado aquelle arbitrio, e conhecendo os maridos a bondade do paiz, se resolveraõ a ficar nelle; e fundando huma Cidade, lhe pozeraõ o nome da mulher, que os obrigara a estabelecerse alli.

Tam-



Tambem ha quem diga, que Telepho, filho de Hercules, tivera huma filha chamada Roma, a qual casara com Eneas, ou com seu filho Ascarnio; de donde procedera o nome da Cidade: outros querem que Roma fosse edificada por hum filho de Ulysses, e de Circe, chamado Romano: outros dizem que Romo, Rey dos Latinos, fora o primeiro que a habitara, depois de vencidos os Tyrrenos. Antiocho de Syracuza, que vivia cem annos antes de Aristoteles, escreve que muito antes da guerra de Troya, já havia na Italia huma Cidade chamada Roma. Sempre he digno de reparo, que entre todos os Authores, que attribuem a Romulo a fundação de Roma, nenhum concorde com o nascimento, e educação daquelle fundador.

Antiocho de Syracuza  *Antiocho de Syracuza*
Antiocho de Syracuza  *Antiocho de Syracuza*

A

A mesma diversidade de opiniões se encontra a respeito das Sabinas, de Licurgo, e das Amazonas. Destas falla Herodoto, Diodoro, Troggo-Pompeo, Justino, Pausanias, Plutarco, Quinto Curcio, e outros. Strabaõ nega, que as Amazonas fosse huma naçaõ, que existisse nunca. Palephato he do mesmo parecer. Arriano tem por muito duvidoso, tudo quanto se escreveo das Amazonas. Outros tomaõ por Amazonas huus exercitos de homens comandados por mulheres; e disto ha muitos exemplos na historia antiga. Os Medas, e os Sabianos, obedeciaõ a Rainhas. Semiramis dominava os Assyrios, Tomyris aos Scytas, Cleopatra aos Egypcios, Baudicea aos Inglezes, Zenobia aos Palmyrenios.



Appiaõ crê, que as Amazonas
naõ

Sobre a vaidade dos homens. 375

naõ era huma naçaõ particular , mas que assim se chamavaõ todas as mulheres de qualquer naçaõ que fossem, e tivessem por costume o hir à guerra. Outros pertenderaõ que as Amazonas naõ eraõ outra cousa mais do que hums povos barbaros , vestidos de roupas longas , e que tinhaõ na cabeça ornatos de mulher. Diodoro de Sicilia diz , que Hercules , filho de Alcmena , a quem Eurysteo pediria lhe trouxesse o talim de Hypolita , Rainha das Amazonas , elle com effeito as combatera junto às margens do Thermodon , e destruiu aquella naçaõ guerreira ; porém os successos mais famosos da historia das Amazonas saõ menos antigos que o Hercules Grego , filho de Alcmena. Tudo isto relata o Tratado singular sobre a opiniaõ, e juizo humano.



Naõ ha pois certeza alguma em
na

nada. A historia profana (porque esta he sómente a de que fallamos) parece que não foy feita para instruir, senão para enganar. Os Authores não se contentaraõ com enredar o mundo em quanto vivos; quizerãõ ter o maligno divertimento de deixar na historia huma occupação de estudar enganos: nem todos o fizeraõ por malicia, mas por simplicidade. Essa mesma historia he donde a vaidade da Nobreza toma o seu principio, e donde tira as provas de que mais se desvanece; quanto mais antiga a historia he, tanto he mais esclarecida a Nobreza, que se funda nella. Esta sorte de vaidade he universal. As idéas chimericas sobre antiguidades, não só he propria a cada hum dos homens, mas a todas as gentes, e nações; e com tal fatuidade, que algumas vaõ buscar a sua origem, antes que o mundo habitavel

vel tivesse a sua , e daquelle modo elles começaraõ primeiro do que o mundo. Neste delirio de antiguidade, e por consequencia de Nobreza entraraõ os Scythas , os Phrygios , os Persas , e os Egypcios ; estes naõ pretendiaõ menos do que sessenta mil annos de antiguidade ; e nesta fórma , que naçaõ poderia competir com ella naquella parte? Nem os Chinas, excessivos em tudo , deitaõ as suas pertenções taõ longe. Assim saõ os delirios que os homens excogitaõ: huns para se ennobrecerem a si, outros para ennobrecerem os seus. Naõ ha meyo algum de que aquella vaidade se naõ sirva ; ou seja imaginario , ou falso , tudo serve a quem se quer fazer illustre ; porque crê que o ser illustre he ser muito mais que homem , ou ao menos alguma cousa mais. O segredo consiste em saber introduzir o engano , e sobre tudo em defender

Bbb

o erro

o erro , e prevençãõ , de que os homens podem ser diversos , ainda na mesma razaõ de homens.



153

Os grandes da antiguidade , ou a Nobreza dos antigos , ainda era mais forte , e singular , que a que se ideou depois ; huma , e outra tem de commum q. serem effeitos da vaidade , e consistirem na imaginaçãõ de quem não cabe em si ; a Nobreza porém do tempo heroico era em tudo mais subida : nem he para admirar ; porque hoje nada he comparavel à grandeza Sparciata , e ao esplendor Latino. Os seculos foram desfazendo todos os portentos ; a variedade de successos , e fortunas tambem foy reduzindo o mundo a hum estado de mediocridade ; a mesma vaidade da Nobreza teve decadencia ; acabou-se a ficçãõ , e desvario em que aquella sorte de Nobreza se fundava ; ella foy

foy hum dos Idolos que cahiraõ
Quando a luz da verdade desterrou
as trevas do Paganismo , cessaraõ os
Oraculos , naõ responderaõ mais ,
emmudecераõ. A Grecia, patria com-
mua dos Heroes , e donde estes nas-
ciaõ como em terra fecunda , e pro-
pria , foy donde a vaidade da Nobre-
za quiz elevarse ainda acima das
Estrellas. E com effeito Eneas dizia
fer filho de Venus, Achilles de The-
tys , Phaetonte de Apollo , Alexan-
dre , e Hercules de Jupiter. Estes , e
outros muitos pretendiaõ naõ menos
nobre origem , que a celeste , como
descendentes dos Deoses immortaes ;
esta fabula naõ durou hum dia só ; e
he para admirar , que ella tivesse au-
thoridade no conceito de homens po-
lidos , sabios , e prudentes , e com
tanta força que chegassem a fazer das
fabulas , religiaõ. A quella foy a No-
breza dos antigos ; Nobreza, que ti-
Bbb ii nha

nha por principio , hum engano introduzido , e respeitado. Via-se nas mãos de Jupiter o rayo , nas de Marte a espada, e nas de Apollo as setas : Thetys dominava as ondas , Venus a fermosura : quem havia resistir por huma parte à força do poder , e por outra ao encanto da belleza ? Ainda quem conhecesse a fabula , se havia de namorar do apparatus della. Todos sabem que os homens são iguaes, em quanto homens ; mas nem por isso deixaõ de entender, que ha huma nobreza que os distingue , e que os faz ser homens melhores.



Ainda a Nobreza dos antigos (depois de acreditado o erro) tinha mais corpo ; porque os illustres hiaõ buscar os seus ascendentes nos seus Deoses ; e desta forte ficavaõ os homens meyos humanos , e naõ inteiramente. Só assim podiaõ ser distintos,

Sobre a vaidade dos homens. 381

Etos, e desiguaes na realidade. As distincões permaneceraõ, em quanto duraraõ as supposições da origem. Conheceo o mundo a impostura, e logo os Deoses se acabaraõ, deixando os seus descendentes, feitos homens como os outros; e com a circumstancia, que por haverem tido progenitores altos, ficaraõ sem nenhuns. Depois daquelle catastrophe fatal, parece que devia extinguirse a vaidade da Nobreza; mas não foy assim, porque aquella vaidade só mudou de especie, e o engano, de figura; a Mythologia converteose em Genealogia, humanizou-se. A igualdade sempre foy para os homens huma cousa insupportavel; por isso entraraõ a forjar novos artificios com que se distinguisssem, e ficasssem desiguaes; e não tendo já Deoses de donde tirassem o principio da Nobreza, entraraõ a tiralla de outras muitas

tas vaidades juntas ; compuzeraõ huma Nobreza , toda humana ; entaõ nasceo aquella tal Nobreza , como parto do poder , da pompa , e da riqueza : accidentes na verdade exteriores , mas que servem de incrustação no homem , e esta ainda que composta de fragmentos , sempre fórma hum ornato matizado , e agradável ; bem se vê que a viveza dos esmaltes , e das conchas , não penetra a substancia interior , e que o muro tosco não fica mudado , cuberto sim ; mas que importa , se a gala fragil que o reveste , o ennobrece.

~ ~ ~ 155

Na propagação dos animaes observa a natureza a mesma ordem ; desta sempre vem a resultar a mesma fórma , e as mesmas circumstancias : os individuos porém de cada especie não são taõ uniformes , que não tenham entre si hum caracter particular
com

Sobre a vaidade dos homens. 383

com que se distinguem huns dos outros. Nas familias se notaõ feições determinadas, pelas quaes saõ conhecidos os que vem da mesma parte; o mesmo ar no gesto, ou na figura persiste em muitas linhas descendentes; e de tal sorte que algumas saõ reconhecidas por hum fermosura successiva; e outras tambem o saõ, por hum fealdade hereditaria. As mesmas nações se mostraõ differentes por hum aspecto, ou semblante proprio, que a natureza affecta em cada huma dellas. A cor he hum sinal demonstrativo, regular, e indelebil, que a mesma natureza imprime nas gentes de cada clima, ou regiaõ; e dessa cor procedem outras cores mixtas, ou modificadas, que indicaõ o gráo, e concurrencia de nações diversas, mas unidas; de gentes separadas, mas juntas; de familias estranhas, mas naturalizadas. Aquella

la he a marca, que a Providencia poz nos homens ; marca perpetua, enquanto elles se perpetuaõ dentro da sua mesma esfera, mas temporal, e extinguiavel por meyo de huma nova composiçaõ. Até nas plantas se encontra a mesma economia ; ellas tem sinaes por onde se distinguem ; huns perseverantes, outros mudaveis. A arte, que concilia entre si plantas diversas, ou as conserva, e faz permanecer no estado primitivo, ou as altera, e muda para outro ; ella força o tronco a sustentar ramos alheios, a vestir-se de folhas desconhecidas, e a produzir frutos adulterinos. Ainda nas cousas insensiveis, tem ás vezes lugar a violencia. Assim se constrange a natureza a que siga hum caminho errado ; e que em certos casos naõ siga as suas leys ; mas as leys da industria, e do artificio ; daqui vem, que he util que a nossa inteli-

Sobre a vaidade dos homens. 385
telligencia seja limitada; se o não fosse, apenas teria a terra liberdade para fazer nascer, como quizesse, a menor flor do campo. Quantas vezes não se faz o mal, porque se não sabe fazer? Aquella ignorancia nos preserva; mas nem por isso valemos mais, porque o merecimento he da ignorancia, e não de nós.



Já vimos que os homens, quando vem ao mundo, já trazem hum final de distincão, e differença, e que esta os faz distinguir, e conhecer. Dahi parece que resulta huma inducção forte a favor da Nobreza originaria: mas que argumento debil hequelle que se tira de huma distincão visivel, constante, e material, para outra que he sómente imaginaria; de huma que se faz naturalmente para outra que civilmente se fabrica; de huma que he da instituição do mun-

Ccc

do

do , para outra que he da instituição dos homens ; de huma que he totalmente independente , para outra que he arbitraria ; de huma que tem por principio a mesma Providencia , para outra que procede da fortuna ; e finalmente de huma que he fundada em regras infalliveis , para outra que sómente he fundada em vaidade ? Nesta parte a razão tirada da semelhança não convence. Com hum só caracter se podem formar letras infinitas , todas iguaes , e semelhantes , mas nem por isso as letras tem nada do caracter impressor. Este imprime , mas não se communica ; dá a semelhança , a sua substancia não ; o metal de que he composto , não dá de si mais do que a figura. Muitas estampas vem de hum mesmo molde ; todas são iguaes , e parecidas , mas nenhuma tem do molde mais do que o contorno. A sombra vem de hum cor-

Sobre a vaidade dos homens. 387

corpo que tem opposta a luz, de forte que não ha sombra donde não ha luz, e corpo; mas nem por isso a sombra recebe em si propriedade alguma, nem do corpo, nem da luz. O produzir huma cousa, não he o mesmo que reproduzirse.

☪

~ ~ 157

A vida, ou espirito vital, que passando de huns a outros vay fazendo a descendencia dos mortaes, parece que indica de algum modo a existencia da Nobreza originaria; e com effeito se a vida se transfere sendo mais, porque não ha de transferirse a Nobreza sendo menos? A vida he transmissivel, e assim deve ser tambem a Nobreza que a acompanha. Porém, não tiremos erradas consequencias. A vida não se póde dizer que he transferivel, e ainda que o fosse, nem por isso ficava sendo transferivel a Nobreza: só o que existe physicamente

Ccc ii mente

mente se transfere , mas não aquillo que só tem huma existencia mental. Tudo o que consta de imaginação unicamente , nem se passa , nem se dá , nem se transmite. A vida com que vive hum , não he a mesma com que outro vive ; a imaginação de hum não he a mesma que outro tem. A vaidade desperta a imaginação , ou idéa de Nobreza , esta não vem como imaginação herdada , mas adquirida ; e ninguem sabe que a tem , ou que a não tem , senão depois que o imagina ; naquella imaginação o que se ganha , ou perde , he hum pensamento ; e este quando he falso , não tem menos entidade , que quando he verdadeiro ; porque nas cousas vans , a verdade não val mais do que a mentira.



A vida consiste no movimento ; quem primeiro o causa , he o que se diz

Sobre a vaidade dos homens. 389
diz ser principio delle ; mas não se segue daqui , que a causa que depois se move , fique com alguma porção do principio , que a moveo O braço quando move hum corpo não se comunica a elle ; e esse corpo não recebe em si , mais do que hum impulso ; o braço nam poem mais do que a força , que serve de principio ao movimento , mas nem por isso fica o corpo , que se moveo , com alguma parte do braço , que o fez mover. Em huma mesma luz se podem accender muitas mil luzes , mas nenhuma destas participa , ou tem em si nada da primeira ; cada huma arde em substancia propria , distincta , e separada ; o que as distingue , he a materia , que lhes vay servindo de alimento , e não a primeira luz de donde começaraõ. O incendio não he menos activo , ou menos nobre aquelle , que nasceo de huma faisca errante , do que aquelle que

que viria de hum fogo guardado no templo das Vestaes. Quem ha de intitular illustre a chamma , porque veio de outra que diziaõ consagrada ? E humilde aquella que procedeo de outra , que naõ tinha circumstancia ? Huma pedra preciosa regula-se o valor pela perfeiçaõ que ella mostra em si ; a que nasceo no monte Olympo naõ he por isso mais esclarecida , do que aquella que se achou em hum valle rustico , e profundo. Só para o homem estava guardado o serem distinctos huns dos outros , e o distinguirem-se , naõ pelo valor de cada hum , mas pelo valor das cousas que os distingue. A Nobreza foy a mayor maquina , que a vaidade dos homens inventou ; maquina admiravel , porque sendo grande , toda se compoem de nada. As outras vaidades , parece que saõ menos vans ; porque sempre tem algum objecto visivel , e mani-

Sobre a vaidade dos homens: 391

manifesto : mas por isso mesmo a vaidade da Nobreza he huma vaidade sem remedio ; mal incuravel , porque se não vê.



Assim he , mas quem ha de haver que negue , que a Nobreza , ou essa cousa vãa , he util , necessaria , e bem imaginada ? Que importa que huma cousa seja na realidade nada , se os effeitos que produz são alguma cousa ? Os effeitos da Nobreza são muitos ; ella dá merecimento , valor , saber , a quem não tem nem sciencia , nem valor , nem merecimento ; ella serve , para fazer venerado , a quem o não deve ser ; ella faz que o crime fique muitas vezes impunido ; que a desordem se encubra , e se disfarce ; e que a soberba , a arrogancia , e a altivez , fiquem parecendo naturaes , e justas : finalmente a vaidade da Nobreza , até se desvanece com a vileza.

za das acções; estas ainda quando são vis, infames, torpes, e odiosas, nem por isso envilecem, ou infamação a quem as faz; antes da mesma enormidade das acções se tira hum novo lustre, ou nova prova da Nobreza: o ponto he contar huma longa serie de illustres ascendentes para que hum nobre fique dispensado das leys da sociedade, e de formalidades civis; e tambem habilitado para que possa livremente, e sem reparo, perder o pejo, a honra, a verdade, e a consciencia. Desta sorte vem a Nobreza a ser hum meyo por onde o vicio se authorisa, o crime se justifica, e a vaidade se fortalece. Cuidaõ os Nobres, que a Nobreza lhes permite tudo, mas cuidaõ mal; porque o certo he, que a Nobreza bem entendida, naõ se fez para canonizar o erro; ella foy sabiamente achada para servir de estimulo, e companheira de

Vila-

Virtudes ; para ennobrecer as acções illustres , e não para illustrar as viciosas ; para ser attendida pelo que obrasse digno de attenção , e não pelo que fizesse indignamente ; para servir a razaõ , e não para a dominar ; para ser exemplo , e não regra ; para fazer os homens bons , e não para os perverter ; para os distinguir pela Nobreza do espirito , e não pela Nobreza da carne ; para os fazer melhores de huma melhoria de animo , e não de corpo : finalmente para fazer mais clara a luz, e não para fazer clara a sombra.

Por isso o sabio Rey , (que ainda ha pouco perdemos , e de quem a feliz memoria a cada passo renova em nós a mais entranhavel dor) nunca olhou para a Nobreza em quanto a via só , mas sim quando a via acompanhada de acções nobres ; nunca attendeo à Nobreza das origens, mas

Ddd

sim

sim à Nobreza dos sujeitos; considerava os homens primeiro pela qualidade das virtudes, e pelas outras qualidades, depois; o conceito, que fazia, foy, que a Nobreza não era no homem parte principal, mas sim parte ajuntada, que só servia de ornar, e não de o fazer. Aquelle mesmo Rey foy o terror da Nobreza arrogante, e destemida; esta sempre tinha os olhos affombrados de ver a cada instante fusillar o rayo; e de ver armado sempre o braço poderoso; mas armado ao mesmo tempo de justiça, e de piedade, de furor, e de compaixão. Deste modo governou em paz, e nos deixou a paz; por isso a mágoa de o perder, foy, e ha de ser infinita em nós; e as nossas lagrimas apenas poderão mitigarse alguma vez, suspender-se, nunca. Acabou aquelle Monarca Augusto, e parece que não tanto pela fatal necessi-

Sobre a vaidade dos homens. 395

cessidade de acabar , como para que trocado em altar o trono , o respeito em culto , e o obsequio em adoração , o pudessemos invocar. Subio ao estado de immortal para ser numen tutelar do Imperio Portuguez ; e em hum Principe (o mais prudente , e moderado que o mundo vio) nos deixou hum Rey benigno , pio , generoso , justo , protector ; assim ficou disposta a nossa consolação , e seria menos forte a nossa pena , se pudesse ser o haver remedio para a faudade.



Hum dos abusos , que o tempo , e a vaidade introduzio , foy a Nobreza ; esta porém sendo tomada nos termos da sua primeira infancia , ou na idéa com que foy creada , he verdadeira , e util ; e nestes mesmos termos ninguem lhe póde disputar , nem a utilidade , nem a verdade da existencia.

cia. Por Nobre, entendiaõ os amigos hum Heroe, isto he, hum homem distincto dos mais homens, e distincto por si, e naõ por outros; pelas suas proprias acções, e naõ pelas acções alheyas. O Heroismo, e a Nobreza eraõ qualidades pessoaes, e naõ hereditarias; huma, e outra dependiaõ de acções heroicas, e em ambas era necessario o requisito do poder; se este cessava, extingua-se a Nobreza. Deste modo he, que antigamente haviaõ Nobres, porque em todo o tempo houveraõ poderosos; estes ficavaõ distinctos por grandeza, e naõ por natureza; passava a Nobreza de huns a outros, quando o poder tambem passava; de huma, e outra cousa se formava huma herança indivisivel. Acabada a Nobreza por falta do luzimento, se este depois tomava, naõ fazia resuscitar a Nobreza já perdida; compunha-se

ou-

outra nova, e esta não era de menos entidade, ou menos Nobre que a primeira. O tempo não he o que ennobrece. Os seculos que envelhecem tudo, só a Nobreza não haviaõ de fazer caduca? Os annos tudo diminuem, e só a Nobreza haviaõ de fazer mayor? Huma flor moderna não tem menos graça do que huma flor antiga. A verdura com que a Primavera se reveste, já no Outono fica prostrada, e macilenta. As Estrellas começaraõ com o mundo, e nem por isso brilhaõ mais; aquillo que depende de mais, ou menos tempo he fragil. A vaidade até se quer aproveitar das horas, e dos dias, que passaraõ. Por aquelle modo de entender, cresce a vaidade, a Nobreza não. Que pouco cuidaõ os homens em que ha huma eternidade, e que a duração do mundo, não he mais do que hum instante!

Se

Se ha nos homens differença, esta só se acha nos Sceptros, e Coroas; os que dominaõ a terra, tem a semelhança dos humanos, mas naõ sey que tem de mais: tem o mesmo ser para serem homens, mas naõ para serem como os mais homens: quem os fez mayores, foy a Providencia; só esta podia influir diversidade no que he o mesmo; podia fazer que huma identidade fosse diferente de outra da mesma especie; e podia, debaixo da mesma fórma, e dos mesmos accidentes, fazer huma natureza desigual. Deos he a origem do poder dos Reys, estes saõ independentes da fortuna; porque o poder supremo, só Deos que o dá, o tira. As revoluções particulares pareo que resultaõ de huma economia certa; as dos Monarcas naõ succedem sem decreto especial. Aquelles
a quem

Sobre a vaidade dos homens. 199.

a quem a Providencia fez arbitros do mundo , a mesma Providencia os distingue : os outros homens fazem-se distinctos à proporção do favor supremo que os distingue. Assiste pois a distincção dos homens só na vontade , ou coração dos Reys ; esta he a origem verdadeira da Nobreza. Os Reys são os que glorificão os homens , isto he os que os ennobrecem ; e desta sorte recebem a Nobreza por graça , e não por successão ; por favor , e não por herança ; permanecem Nobres, em quanto permanece a graça que os illustra ; persiste aquella prerogativa em quanto o favor existe ; se este se retira , logo a Nobreza acaba. A luz toda se emprega nos objectos , estes ficaõ claros , mas he por força de huma luz. que não he sua. Se o Sol se esconde, ficaõ os objectos escuros, e escondidos. As cousas não nascem com as qualidades que se vem ;

400 Reflex. sobre a vaid. dos homens.

vem ; os homens não vem ao mundo fabios , justos , prudentes , virtuosos , bons ; e do mesmo modo não vem Nobres ; cá achão a Nobreza como huma parte posterior , e auxiliar , que se póde unir , e aggregar depois ; achão muitas vaidades , e entre ellas huma occupada em crer , que a Nobreza he qualidade fixa , propria , interior , e inseparavel ; e por mais que os sentidos , e a razão mostrem o contrario , nem por isso aquella vaidade se deixa convencer. Tiremos por hum pouco aos homens a faculdade que elles tem de se explicar ; supponhamos que não fallaõ , tal vez que entãõ se vejaõ iguaes todos ; a incapacidade , e o silencio , sabem mais : tiremos tambem por hu instante aos homens a alma racional , e entãõ veremos a Nobreza com que ficaõ. Esta tal Nobreza , ou a sua vaidade negando as suppozições , fica livre do argumento.

F I M

42

RETURN TO: CIRCULATION DEPARTMENT
198 Main Stacks

LOAN PERIOD	1	2	3
Home Use			
	4	5	6

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS.
 Renewals and Recharges may be made 4 days prior to the due date.
 Books may be renewed by calling 642-3405.

DUE AS STAMPED BELOW.

NOV 07 2004		
MAY 01 2007		
MAR 31 2007		

FORM NO. DD6
 50M 4-04

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY
 Berkeley, California 94720-6001



